



VIAGEM INSÓLITA

A NOVA AVENTURA
DE SPIELBERG E JOE DANTE



Nº 6
Cz\$ 130.00

Altamira, Brasília, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea), Cx\$ 169.00 - 5033 0001

**ENTREVISTA EXCLUSIVA:
JOE DANTE**

**SUPER-HOMEM IV E TODA A
HISTÓRIA DO HERÓI**

OS FILMES EM CARTAZ

NOVOS DE CINE&VÍDEO

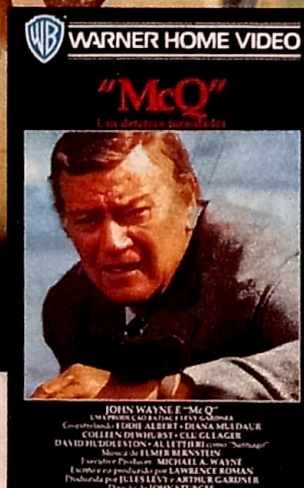
**AS MIL FACES
DE ROBERT DE NIRO**

**KIM BASINGER
EXCLUSIVA**

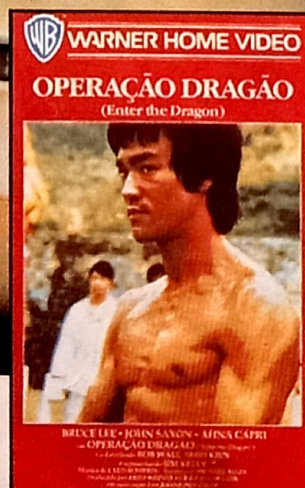
30 VÍDEOS INFANTIS



Sean Connery é James Bond, neste filme que é considerado um dos mais divertidos da série.



John Wayne estrelando um explosivo e emocionante filme policial.



Bruce Lee e os maiores cobras das artes marciais contra uma quadrilha internacional.



São dois policiais. Glover tem uma arma... Gibson é a arma. Eles estão em guerra mortal contra o crime.



Clint Eastwood, um duro e silencioso policial de São Paulo, cuja Magnum fala por ele.

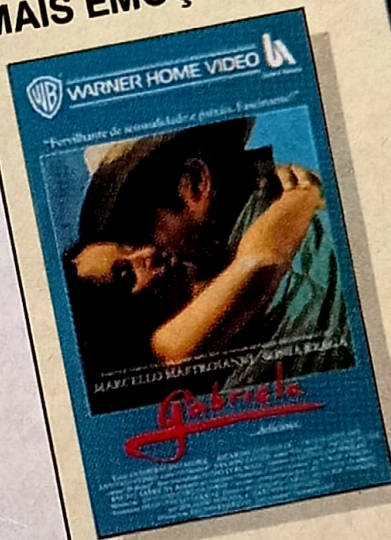
A WARNER HOME VIDEO CHEGA AO BRASIL COM A MELHOR POLÍCIA DO MUNDO.



Deixe esta polícia tomar conta da sua locadora. Ela chegou para garantir os seus lucros com todas as armas disponíveis: emoção, aventura, drama, ficção e até comédia. São mais de 4.000 títulos em videocassete, apresentando os melhores filmes da Warner Bros. e United Artists: "Cobra", "A Cor Púrpura", "James Bond" (toda a série), "Pesadelo em Elm Street", "Mad Max", "Superman", "Casablanca", "Woodstock", "Nasce uma Estrela", "Os Goonies", "O Iluminado", "Laranja Mecânica", "Rocky", "A Turma do Pernalonga", etc...

Ligue-se nestes lançamentos da Warner Home Video. Seus clientes vão ficar ligados em você.

MAIS EMOÇÃO E AVENTURA PARA VOCÊ!



Sonia Braga e Marcello Mastroianni num romance fervilhante de sensualidade.



Uma história encantadora que fará desabrochar aquela criança que há dentro de nós.



Neste **cult-movie** Harrison Ford é um caçador de andróides, com a missão de descobri-los e eliminá-los.



Solte-se com o elenco original... e alguns novos recrutas, enquanto eles tomam as ruas e os céus na luta contra o crime.



WARNER HOME VIDEO

LINHA DIRETA COM A EMOÇÃO:

Rua Estados Unidos, 840
01427 - Jardim Paulista - São Paulo - SP.
Tels.: (011) 280-9741 • 280-9941 • 280-9522.



SAI UM RICK'S NO CAPRICHIO!

Everybody Goes to Rick's. Parece propaganda de lanchonete, mas na verdade era para ser o título de um melodrama ambientado no Marrocos durante a Segunda Guerra. O Rick do título (**Humphrey Bogart**) ajudava membros da resistência a fugirem do nazismo, utilizando como fachada e ganha-pão um cassino mais ou menos bem frequentado. Todo mundo já adivinhou qual é o filme e constatou o bom senso dos executivos da Warner Bros. que, na última hora, resolveram mudar o título para *Casablanca* (**Michael Curtiz**, 1942).

"Para o ator, o diretor é como um pai. Ou um policial. Ou Deus. Uma das três coisas."

Diane Keaton

Humphrey Bogart e Ingrid Bergman no clássico *Everybody Goes to Rick's*

GORDURA DE VOLTA

Elizabeth Taylor, que no ano passado, num esforço supremo, perdeu 27 quilos, teve de deglutir pizzas e spaghettis para reconquistar quatro deles, a pedido do diretor italiano **Franco Zeffirelli**, com quem ela está trabalhando no filme *O Jovem Toscanini*, rodado atualmente na Itália (estavam previstas cenas também no Brasil, mas foram canceladas). Liz, que está com 55 anos, interpreta no filme uma soprano russa em fim de carreira, por quem se apaixona o jovem Arturo Toscanini (**Thomas Howell**, de *Outsiders*). Embora a voz que será usada nas cenas de canto seja da soprano Aprile Mollo, a atriz aprendeu a cantar trechos da *Aida*, de Verdi, para ter uma atuação mais "realista". Mais Zeffirelli na reportagem sobre os livros de assistir.

ÓPERA COLETIVA

Jean-Luc Godard, Robert Altman, Ken Russel, Julien Temple (*Absolute Beginners*), **Nicholas Roeg** (*O Homem Que Caiu na Terra*), **Derek Jernan** (*Caravaggio*), **Franc Roddan** (*Quadrophenia*), **Bruce Beresford** (*A Força do Carinho*), **Bill Bryden** e **Charles Sturridge**. Esse time *all-star* foi reunido pelo produtor **Don Boyd** para fazer um filme insólito: cada diretor realizou um episódio baseado numa ópera. O resultado é o longa-metragem *Aria*, que está em cartaz nos Estados Unidos e Europa e deverá chegar ao Brasil em 1988.

SEAN CONNERY NO MUNDO DA LUA

Sean Connery está disposto a aproveitar a alta de sua cotação. Ele será o rei da Lua no grandioso *O Barão de Münchhausen*, que **Terry Gilliam** (*Brazil*) está rodando em Roma. Depois disso ele encarnará um piloto mercenário no sudeste asiático, em *Air America*, tirado do livro homônimo de Christopher Robbins. A seu lado estará **Bill Murray** (*Os Caça-fantasmas*). **Marlon Brando**, anunciado inicialmente para o papel do barão, foi apenas um sonho do qual Terry Gilliam já acordou.

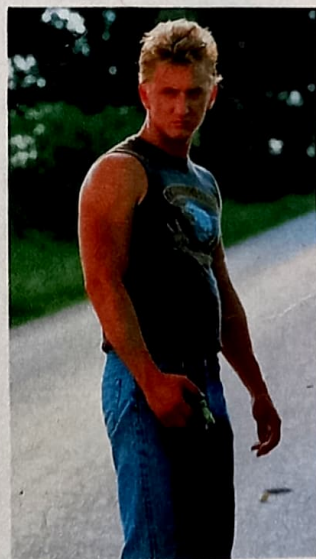


VILLA-LOBOS SUPERSTAR

Zelito Viana (*Avaeté*) vai dirigir no ano que vem *Villa-Lobos, o Coração do Brasil*, uma co-produção franco-brasileira. A parte francesa da produção ficará por conta da Erato, de **Daniel Toscan de Plantier**, vice-presidente da Gaumont. O filme, que começará a ser rodado em fevereiro de 1988, terá locações no Amazonas, São Paulo, Rio, Paris e Nova York. Além do longa-metragem, será realizada uma versão em quatro capítulos para a TV.

DE MARIDO A FILHO

Cansado de ser conhecido eternamente como o "marido da **Madonna**", **Sean Penn** (*Caminhos Violentos*) resolveu tornar-se diretor de cinema como seu pai, **Leo Penn**. Ele vai estreiar atrás das câmaras com *Turned All the Way Around*.



Sean Penn (em *At Close Range*): na estrada da direção

Sean Connery: de policial de *Chicago* a rei da Lua



Arquivo Pessoal de Luiz Nazário

"Assim como em *A Força do Destino*, as lágrimas derramadas pelo público de *Jardins de Pedra*, do Coppola, são puro sentimentalismo. Em ambos os casos, trata-se de mentiras."
Stanley Kubrick

A FACE OCULTA

Entre os poucos papéis que o camaleão **Robert De Niro** não fez no cinema — só na vida real — está o de ferozeiro. Ele foi flagrado há um ano nessa caracterização ao lado de seu amigo **Guaraci Rodrigues** (o ator **Guará**, presente em vários filmes *udigrudi* de Rogério Sganzerla e Júlio Bressane) numa praia próxima a Trancoso, no litoral baiano. Quanto aos personagens que ele fez nas telas, delície-se com o ensaio *Todas as Caras de Robert De Niro*, nesta edição.

MEGALOKINSKI

Ele já foi o personagem-título dos filmes *Aguirre*, *Nosferatu* e *Fitzcarraldo*, de **Werner Herzog**, com quem quase saiu no tapa várias vezes. Protagonizou também vários faroestes *spaghetti*. Além disso, é pai de **Nastassia Kinski**. Como se não bastasse tudo isso, o insaciável **Klaus Kinski** ameaça agora com *Kinski Paganini*, filme escrito, dirigido e interpretado por ele — que faz, é claro, o papel principal, do célebre compositor e violinista Nicolo Paganini. Megalomania pouca é bobagem.

Guará e De Niro pegando um bronze numa paradisíaca praia balana

A VOLTA DA SAFADINHA

Procura-se **Betty Boop** desesperadamente. O produtor **Pierre Spengler** está quebrando a cabeça para achar a atriz ideal para encarnar no cinema a irresistível garota de grandes olhos e saias agarradas que causou furor nos anos 30 nos desenhos animados da dupla **Dave e Max Fleischer**. O desenho chegou a ser condenado por um tribunal de Nova York: o estilo *vamp* da personagem, com seu assanhamento e seus decotes generosos, não agradou as ligas moralistas da época.

Betty Boop se prepara para voltar às telas, desta vez em carne e osso

Klaus Kinski em Belém, entre a fauna e a flora do Brasil



Dilermando Cabral Jr./Abril



Bo Derek (em cena de Bolero) volta às telas como sereia em A Fish Story



Paramount

EM PRODUÇÃO

Debra Winger (*O Mistério da Viúva Negra*) é a estrela do próximo filme de **Costa-Gavras**, *Sun Down*, com **Tom Berenger** (*Platoon*) e **Betsy Blair**, produzido por **Irvin Winkler** (produtor de *Round Midnight*). ▶

James Dearden, roteirista de *Fatal Attraction*, vai dirigir, em Rhodes, *Pascal's Island*, com **Ben Gandhi Kingsley** e **Charles Dance** (*Good Morning Babilônia*). ▶

Isabelle Huppert (*Salve-se quem Puder — A Vida*) será a protagonista de *Migrations*, filme do iugoslavo **Aleksandar Petrovic**, ambientado no século XVIII. ▶

O italiano **Luigi Comencini** (*Delito de Amor, Trágica Decadência*) acaba de rodar *La Bohème*, inspirado na ópera de **Puccini**, com **Barbara Hendricks**. ▶

Mel Gibson (*Mad Max*) será, em janeiro, o protagonista de *Tequila Sunrise*, de **Robert Towne** (roteirista de *Chinatown*), ao lado de **Michelle Pfeiffer**. ▶

Martin Ritt (*Norma Rae*) dirigirá, no ano que vem, *Stanley and Iris*, com **Jane Fonda**. ▶

Matt Dillon (*O Selvagem da Motocicleta*) e **Andrew McCarthy** (*A Garota de Rosa Shocking*) são dirigidos pelo australiano **David Stevens** em *Kansas*. ▶

Burt Reynolds e **Theresa Russel** (*O Mistério da Viúva Negra*) estarão juntos no próximo filme de **Michael Crichton** (*Coma*), *Smoke*. ▶

Walter Hill (*O Limite da Traição*) dirigirá **Arnold Schwarzenegger** e **Jim Belushi** em *Red Heat*. Schwarzenegger será um policial russo em missão em Chicago. ▶

Jessica Lange será a protagonista de *Everybody's All American*, de **Taylor Hackford** (*A Força do Destino*). ▶

September é o nome do novo filme de **Woody Allen**, que não está no elenco. E ele já pensa em dirigir **Bette Midler** num filme a se chamar *The Mensch and the Wench*. ▶

Roman Polanski dirigirá **Harrison Ford** no melodrama *Frantic*. ▶

Jeff Goldblum e **Geena Davis** (o caszinho romântico do repugnante *A Mosca*) estarão de novo juntos em *Earth Girls Are Easy*, de **Julien Temple** (*Absolute Beginners*). ▶

Martin Scorsese está para começar, no Marrocos, as filmagens de

um antigo projeto, *A Última Tentação de Cristo*. ▶

A sereia replicante **Daryl Hannah** é a protagonista de *High Spirits*, próximo filme de **Neil Jordan** (*Mona Lisa*). A seu lado, **Peter O'Toole**; **Sean Connery**, inicialmente previsto, está fora. ▶

David Cronenberg (*A Mosca*) prepara *Twins*, para o produtor **Dino De Laurentiis**. O filme seguirá a mesma linha de *Irmãos Diabólicos*, de **Brian De Palma**. Para fazer aparecer na mesma cena os dois gêmeos do título (representados pelo mesmo ator), será utilizado o método da Introvision, já experimentado por **Peter Hyams** em *Outland*, *Comando Titânio* (1981). ▶

O acossado **Jean-Paul Belmondo** e o amigo alemão **Wim Wenders** unem-se para produzir o primeiro filme dirigido pelo assistente de Wenders, **Claire Denis**, *Chocolate*, que será inteiramente rodado em Camarões. ▶

Matthew Modine (*Birdy, Nascido para Matar*), **Dean Stockwell** (*Paris, Texas*) e **Michelle Pfeiffer** (*As Bruxas de Eastwick*) serão os intérpretes de *Married to the Mob*, a nova comédia de **Jonathan Demme** (*Totalmente Selvagem*). ▶

Clint Eastwood vai dirigir uma biografia do genial saxofonista de jazz **Charlie Parker**. ▶

Ken Russell (*Tommy, Crimes de Paixão*) prepara *Salome's First Night*, com **Glenda Jackson**. ▶

Meryl Streep, que está na Austrália trabalhando em *Evil Angels*, de **Fred Schepisi**, será depois a estrela do próximo filme de **Nikita Mikhalkov**.

“É a mesma coisa na Rússia e na América: você tem uma história e tenta vendê-la. Em Hollywood você tem de convencê-los de que ela é comercial. Na Rússia você tem de convencê-los de que é ideológica.”

Andrei Konchalovsky

OLD TIMES, BAD TIMES

Os tempos nem sempre foram dourados para os superastros da tela. **Warren Beatty**, por exemplo, antes de ser o galã que despedaçava o coração de **Nathalie Wood** em *Clamor do Sexo* (1961), andou assentando tijolos e tocando piano em *night clubs*. O hoje consagrado e Oscarizado **Michael Caine** foi lavador de pratos e porteiro de hotel, e o *cult-actor* britânico **Sean Connery** foi pedreiro e salva-vidas de piscina. E a lista continua: **Dustin Hoffman**, vendedor de brinquedos; **Sylvester Stallone**, pizzaiolo; **Bill Cosby**, sapateiro; **Debra Winger**... recruta do exército israelense.



O ex-pedreiro Warren Beatty, o ex-lavador de pratos Michael Caine com a esposa Shakira e a ex-recruta Debra Winger

Universal



John Derek/DuoSipa-pressa

As velhinhas
enxutas Lillian Gish
(esquerda) e Bette
Davis em *The Whales...*



Jonathan Levine/Alive films

DUPLA DINÂMICA

Bette Davis incansável, às vésperas de completar 80 anos. Mal entrou em cartaz *The Whales of August* — em que ela interpreta uma cega tutelada pela irmã, a igualmente legendária **Lillian Gish** —, a Davis já batalha por um novo projeto: levar às telas a peça *Steel Magnolias*, que ela quer protagonizar ao lado de ninguém menos que **Katherine Hepburn** e a "jovem" (no contexto) **Elizabeth Taylor**. Por falar em velhos, *The Whales of August*, dirigido pelo britânico **Lindsay Anderson** (*If, O Hospital dos Malucos*), tem ainda no elenco o veterano **Vincent Price**.

O JAZZ DA RAINHA

Para não ficar atrás dos franceses, os britânicos resolveram fazer o seu *Round Midnight*. O filme chama-se *Stormy Monday* e tem como protagonistas **Sting** e **Tommy Lee Jones**. Os coadjuvantes são os grupos de jazz ingleses.

Sônia Braga e
seu chefe **Redford**
distribuem sorrisos



R. Rianon/Liaison/Gamma

SERIEIA NOTA DEZ

Três anos depois de sua última aparição nas telas (em *Bolero*, 1984), a mulher nota 10, **Bo Derek**, está de volta. Ela será uma sereia (mas com pernas, para alegria dos fãs) no novo filme de seu marido, **John Derek**. O filme vai se chamar *A Fish Story* e será uma comédia romântica ambientada em Veneza. Orçamento previsto: seis milhões de dólares. Durante os três anos de ausência, o casal Derek esteve brigando na Justiça contra a Cannon Films por desavenças quanto à participação nos lucros de *Bolero*.

"Fazer filmes é melhor que limpar
banheiros."
Klaus Kinski

REDFORD MARGINAL

Robert Redford é o mais novo produtor independente americano. Ele acaba de se associar à companhia distribuidora e proprietária de salas exibidoras Cineplex Odeon Films para produzir filmes de custo abaixo de cinco milhões de dólares. Segundo Redford, a associação com a Cineplex eliminará os altos custos de permanência dos filmes nas salas de cinema. Por falar em Redford, o novo filme dirigido por ele, *The Milagro Beanfield War*, deverá chegar às telas brasileiras no primeiro semestre de 1988. No elenco, ao lado de **Sônia Braga**, a totalmente selvagem **Melanie Griffith** e **John Heard** (*A Marca da Pantera*).

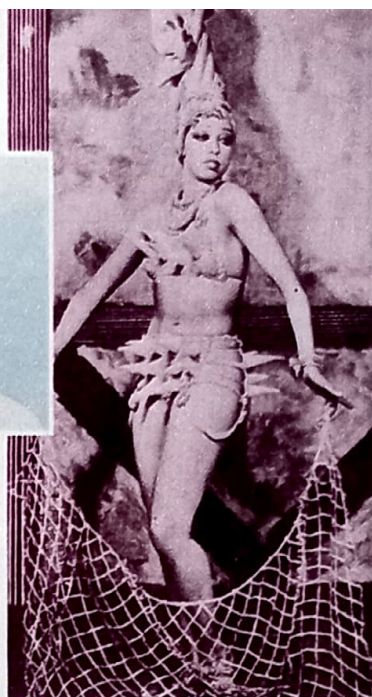
A legendária
Josephine Baker
e sua intérprete
Whoopi Goldberg

Abri



SAUDADES DE JOSEPHINE

A mítica performer, cantora e dançarina dos anos 20, **Josephine Baker**, terá sua vida transformada em filme no próximo ano. A atriz que a representará já está escolhida: **Whoopi Goldberg** (*A Cor Púrpura*, *Salve-me Quem Puder*).



Fox

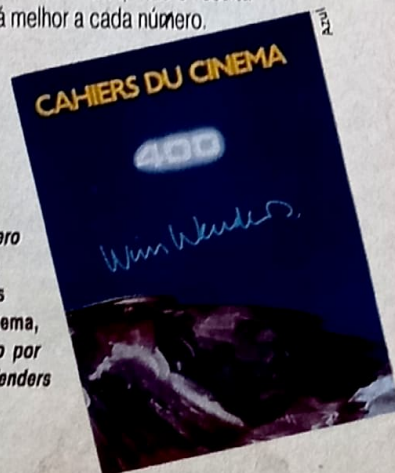
WIM WENDERS NOS CAHIERS DU CINEMA

Quando comemorou seu 400.º número, em outubro passado, a mais respeitada revista de cinema do mundo, a *Cahiers du Cinema* teve duas felizes inspirações. A primeira foi encartar um caderno especial comemorativo na edição do mês, e a segunda foi convidar o cineasta alemão Wim Wenders para ser o excepcional editor. Wenders mandou ver e reuniu trechos de roteiros inéditos de Fassbinder, Welles, Bertolucci, Herzog e outros, publicou uma longa entrevista de si mesmo e mais um depoimento poético sobre seus próprios filmes. As fotos, algumas do próprio Wenders, não ficam atrás. A *Cahiers* que empregou no passado alguns nomes como **Godard**, **Truffaut**, **Mal-le**, **Rohmer**, críticos que mais tarde ficaram conhecidos como cineastas, revelou agora um editor que foi reconhecido cineasta desde muito antes. O caminho é inverso, mas o resultado está melhor a cada número.

O II FESTIVAL JAPONÊS

O Festival Internacional de Cinema de Tóquio ainda não emplacou. Este ano, em sua segunda edição (de 25 de setembro a 4 de outubro), o evento mostrou, ao lado de uma organização niponicamente impecável, uma programação extremamente confusa e erros graves no material de divulgação (o brasileiro *Marvada Carne* aparecia como concorrente por Portugal). Na mostra competitiva, os destaques foram os últimos filmes de **John Huston** (*The Dead*), **John Boorman** (*Hope and Glory*) e **Jean-Luc Godard** (*Soigne ta Droite*, que reloma o *One Plus One* de 1968, desta vez com o conjunto francês **Rita Mitsouko** no "papel" que era dos Rolling Stones). O novíssimo cinema japonês esteve representado por sua maior estrela, o diretor **Shinji Soma**, com seu filme vagamente surrealista *Luminous Woman*. O Festival de Tóquio se insere na tentativa dos japoneses de reanimar seu cinema, que sofre hoje um rápido esvaziamento de mercado devido à proliferação do vídeo doméstico. Outro objetivo é reforçar a posição hegemônica do Japão no controle da ascendente produção asiática, especialmente da chamada "Ásia do Pacífico".

Ana Maria Bahiana, de Tóquio



O número
400 da
Cahiers
du Cinema,
editado por
Wim Wenders

Monique Gabrielle,
uma das Amazon
Women on the Moon

"Como Berlim ainda é administrada por quatro potências, eu pensei em colocar no filme quatro anjos: americano, inglês, francês e russo. Mas isso teria sido anedótico e eu resolvi reduzir tudo ao essencial: o olhar. Um olhar livre..."
Wim Wenders, a propósito de seu último filme, *O Céu sobre Berlim*

Patrick Demarchel

Diane Keaton
quer transformar
Madonna
em Lola

ANJO MADE IN USA

Depois de ter atuado nas melhores comédias de seu ex-marido, Woody Allen, e de uma controvertida experiência na direção, com o documentário *Heaven*, **Diane Keaton** prepara suas asas para um voo mais alto. Ela quer produzir um *remake* do clássico *O Anjo Azul* (**Joseph von Sternberg**, 1930), com **Alan Parker** (*Coração Satânico*) na direção e **Madonna** (quem é essa garota?) no papel que consagrou as pernas e a voz de **Marlene Dietrich**. Vale lembrar que, além de inúmeras imitações, o filme de Sternberg mereceu em 1982 uma versão de **Rainer Werner Fassbinder**, na qual o drama de Lola (**Barbara Sukowa**) servia de pretexto para uma parábola sobre a corrupção moral da Alemanha do pós-guerra. Enquanto sonha, *Lady Diane* contracenava com **Sam Shepard** na comédia *Baby Boom*, dirigida por **Charles Shyer**.

O ÚLTIMO TRUFFAUT

O homem que amava as mulheres (e o cinema), **François Truffaut**, não sai de cena nem depois de morto. O último roteiro que ele deixou, *La Petite Voleuse*, deverá ser filmado por **Claude Miller**. Trata-se da história de uma garota de 16 anos que vai parar num reformatório. Miller foi diretor de produção de vários filmes de Truffaut. A estrela do filme será, provavelmente, **Charlotte Gainsbourg**.

PRESENTE DE NATAL

Uma boa notícia para os cinéfilos e videomaniacos: a Warner Bros chega com força total ao mercado brasileiro de vídeo, através da sua divisão Warner Home Video. Entre os primeiros títulos que começam a aparecer nas locadoras estão *Blade Runner*, *007 Contra Goldfinger*, *Máquina Mortífera*, *Loucademia de Polícia IV* e *História Sem Fim*.

O HOMEM DOS SETE INSTRUMENTOS

Demorou um pouco, mas o ator (*Os Eleitos*), escritor (*Crônicas de Motel*), teatrólogo (*Fool for Love*) e roteirista (*Paris, Texas*) **Sam Shepard** chega finalmente à direção de um filme. Trata-se de *Far North*, que ele está rodando em Minnesota, Estados Unidos. O filme é um épico, narrando a vida de quatro gerações de uma família estabelecida no norte dos EUA. O roteiro é do próprio Shepard e a atriz principal é **Jessica Lange**. A propósito: além de ator, teatrólogo, escritor, roteirista e diretor de cinema, Sam Shepard é também letrista de música, baterista e marido de Jessica Lange.

O CONQUISTADOR DA AMÉRICA

O argentino-brasileiro **Hector Babenco** conquistou definitivamente a América. Seu próximo filme, atualmente em fase de pré-produção, será uma realização da Cannon, e seu produtor-executivo será o próprio *manager* da companhia, **Menahem Golan**. O filme, que vai chamar-se *The Second Killing of the Dog*, tem roteiro de Chanan Zass, baseado no romance de Marek Hlasko. Estão previstas locações no Rio de Janeiro.

AS AMAZONAS ESTÃO CHEGANDO

Vem aí mais uma produção coletiva. Desta vez, a turma do veneno inclui **John Landis** (*Lobisomem Americano em Londres*), **Joe Dante** (*Innerspace*), **Carl Gottlieb** (*Caveman*), **Robert K. Weiss** (produtor de *Os Irmãos Cara-de-Pau* e *Dragnet*) e o estreante **Peter Horton**. Cada um deles dirigiu um episódio de *Amazon Women on the Moon*, que deve chegar ao Brasil no começo do ano que vem. Trata-se de uma comédia arrasadora, que põe no liquidificador instituições americanas como a TV, a alta tecnologia e as revistas de sexo. Inspirado no espírito da comédia *Kentucky Fried Movie* (1977), de John Landis, *Amazon Women* é, segundo seus realizadores, a quintessência dos filmes ruins dos anos 50. Do elenco também se pode esperar de tudo: **Rosanna Arquette**, **Griffin Dunne**, **Michelle Pfeiffer** e muitos outros, entre eles a deliciosa **Monique Gabrielle**, que ainda vai cortar a respiração de muita gente.



O versátil Sam Shepard e sua fonte de inspiração, Jessica Lange

SCOTCH DE MUITO RESPEITO.



JOHNNIE WALKER · 12 YEAR OLD · BLACK LABEL



JOHN WALKER & SONS LTD., SCOTCH WHISKY DISTILLERS, KILMARNOCK, SCOTLAND.
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL: DISTILLERIE STOCK.



Abril



Warner

Na capa: Dennis Quaid é Tuck Pendelton, de Viagem Insólita

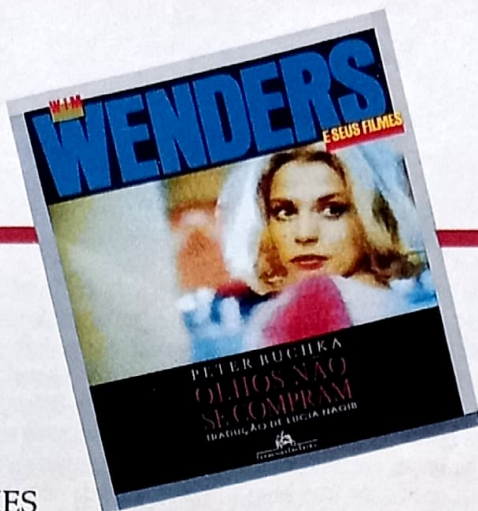
O alemão Wim Wenders declarou recentemente que todos os filmes coloridos que dirigiu estão baseados em livros escritos por outras pessoas. Todos os argumentos dele mesmo viraram celulóides que desconhecem as variações cromáticas que ultrapassem o preto, o branco e os tons intermináveis do cinza. Wim Wenders imagina seus filmes (sonha acordado) em preto e branco! Mas quando lê um livro que adora, que coisa, ele sonha colorido. O cineasta que tem nas mãos um livro assim, tem nas mãos um livro de filmar. Se Wim Wenders sonha colorido ao ler uma boa história, o amante do cinema, na recíproca, descobre novos alcances das imagens com um bom livro sobre cinema. Para o cinéfilo, este é um livro de assistir. E, então, sonha colorido. Há ótimos livros de assistir nas prateleiras das livrarias. O ingresso às vezes custa um pouco mais do que uma sessão de cinema. Mas vale a pena. Se é verdade que há certos filmes que antes de ser vistos, têm que ser lidos, tão escorados estão no discurso verbal — vide Bergman, Godard, Jabor, sem falar no desvairadamente loquaz Cinema Falado, de Caetano Veloso —, também é verdade que há livros que, antes de ser lidos, estão aí para ser contemplados. SET preparou um roteiro nesta edição. Roteiro de ver livros de assistir. E de ler também, é claro. Um roteiro colorido.



54

68

Paris



60

- 4 TAKES
- 12 VÍDEOS
- 21 PARADA Os vídeos mais alugados no Brasil e nos EUA
- 24 MATÉRIA DE CAPA *Viagem Insólita*, a melhor estréia de Natal
- 34 ENTREVISTA Jøe Dante
- 44 AVANT PREMIERE Good Morning, Babilonia
- 50 ENTREVISTA Kim Basinger
- 54 ROBERT DE NIRO O ator-camaleão
- 60 LIVROS DE ASSISTIR As melhores edições para cinéfilos
- 68 EM CARTAZ *Super-Homem IV* e os 50 anos do herói
- 72 OUTROS FILMES EM CARTAZ
- 79 CENSURA LIVRE 30 vídeos para ver com a garotada
- 84 FILMOTECA Uma Mulher para Dois
- 87 CARTAS
- 90 NOSTALGIA Lillian Gish

50



Gorman-Liaison/Gamma

24



Warner

79



34



Warner

SET 11

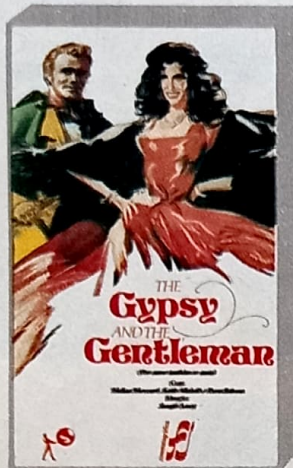
VÍDEO LANÇAMENTOS

DRAMA

POR AMOR TAMBÉM SE MATA

(The Gypsy and the Gentleman, Inglaterra, 1957)

Direção: Joseph Losey. Com Melina Mercouri e Keith Michell. F.J. Lucas.



Joseph Losey, cineasta norte-americano morto em 1984, começou sua carreira em Hollywood (com *O Menino do Cabelo Verde*, 1948), começou aos trancos, é bem verdade: por ter sido aluno do soviético Eisenstein e colaborador teatrólogo do alemão comunista Bertolt Brecht foi perseguido pelo macarthismo e obrigado a exilar-se. Depois de um breve período na Itália, onde filmou com o pseudônimo de Andrea Forzano, radicou-se em Londres. O filme *Por Amor Também Se Mata* é do início de sua fase londrina. Nele, um aristocrata inglês falido (Keith Michell) casa-se com uma cigana (Melina Mercouri) que só estava interessada em seu dinheiro. Insatisfeita com a situação de penúria que encontra, a cigana convence o marido a tentar se apossar do dinheiro de sua irmã, que receberá uma grande herança. Para isso, contam com a ajuda do amante da cigana. Um argumento não muito original, é verdade, mas que é suficiente para Losey se aprofundar na principal reflexão de todos os seus filmes: as relações das forças do poder e suas impli-

cações nos caminhos individuais. A excessiva preocupação do autor com a ambientação e a organização de seus interiores, revelados com tomadas sempre inesperadas e nunca óbvias, o aproxima algumas vezes do cineasta italiano Luchino Visconti. Nesses cenários se opera a melhor contribuição da produção loseyana: a síntese única da tensão entre o olhar contemplativo da câmera e as exigências de montagem comercial.

O resultado final é incômodo, como quase tudo na obra deste cineasta que atingiria sua plenitude em filmes como *O Criado*, de 1963, e *O Mensageiro*, ganhador do Festival de Cannes de 1971. Um homem corajoso, de uma geração em que o cinema ainda admitia a coragem como virtude.

João Batista Magalhães

NOITES DO SERTÃO

(Brasil, 1984)

Direção: Carlos Alberto Prates. Com Cristina Aché, Carlos Kroeber, Débora Bloch, Tony Ramos e Milton Nascimento. Polevídeo.



É perfeitamente compreensível que um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos tenha excitado a imaginação dos cineastas. A tentação de levar Guimarães Rosa às telas, no entanto, esbarra num problema: o texto roseano é para ser lido, não é para ser recitado e muito menos para ser ouvido. Isso se torna patente até os limites da irritação neste *Noites do Sertão*. Os diálogos

sucumbem ao ridículo. A linguagem que aparece em seus contos e romances não é uma simples coleta da fala da gente do sertão, mas sim uma invenção elaborada segundo a arquitetura complexa de cada palavra — o que inclui, por certo, o modo de falar dos Gerais, mas se referia também a todo universo da cultura. Falado — e ainda por cima com o indefectível e global sotaque carioca —, soa artificial. Os personagens apenas se postam diante da câmera e declamam, o que é um verdadeiro estupro ao texto de Rosa. O único que parece mais à vontade é Milton, fazendo uma ponta. Entre o declamatório e o erotismo confuso, rasteja a bela história de Buriti. A chegada de Lala (Aché) à fazenda de seu sogro, um viúvo (Kroeber), provoca a irrupção dos desejos e da sensualidade latentes da cunhada — a jovem, bela e fogosa Glória (Bloch), e do próprio viúvo. Lala funciona ora como observadora e conselheira ora como cúmplice. O ponto alto do filme é a fotografia que descortina belas imagens da vegetação e dos animais, que remetem às catalogações roseanas feitas com a obsessão de um biólogo, infelizmente um pouco prejudicadas pela tela pequena.

Bia Abramo

CAROS PAIS

(Dear Parents, Itália, 1973)

Direção: Enrico Maria Salerno. Com Florinda Bolkan, Catherine Spaak e Maria Schneider. Globo Vídeo.



Drama já mostrado outras vezes sobre os problemas de relacionamento entre pais e filhos. Este, passado nos anos 60, conta a história da sra. Bonanni (Florinda Bolkan), que vai a Londres à procura de sua filha Antonia (Maria Schneider). Descontente com o modo de vida dos pais e com o caminho que eles lhe prepararam, Antonia saiu da Itália em busca de liberdade para descobrir o mundo sozinho. Através de uma amiga da filha, Adeleine (Catherine Spaak), a sra. Bonanni encontra Antonia modificada pelas idéias do movimento *flower power*. Homossexualismo, sexo, aborto, drogas, liberdade e paz no mundo são discutidos entre mãe e filha num reencontro não muito feliz. Menos comovente do que pretende ser, este filme é um recado "hippie" a pais e filhos.

Lara Pinheiro

O JARDINEIRO ESPANHOL

(The Spanish Gardener, Inglaterra, 1956)

Direção: Philip Leacock. Com Dirk Bogarde, Michael Hordern, Jon Whitley, Cyril Cusack. F.J. Lucas.



Um cônsul britânico frustrado com seu cargo de representante na Espanha tem ciúme quando seu filho único, Nicolas, fica amigo do espanhol contratado como jardineiro. Com José (Dirk Bogarde), o garoto, educado na austeridade britânica, deixa a fleuma de lado e passa a pescar, praticar esportes e fazer serviços de jardinagem como um garoto qualquer. Furioso, o diplomata, além de

proibir a amizade entre os dois, com-promete o jardineiro numa falsa acu-sação de roubo que o conduz a pri-são. Nicolas resolve fugir de casa. Para complicar, há também Garcia, um empregado bebedor e mau-ca-ráter que faz de tudo para prejudicar o pobre José.

Com uma trama sentimental e ingê-nua, inspirada no romance de A.J. Cronin, ideal para sessões vesperti-nas e que já foi apresentada como telenovela no Brasil, o filme é um dos clássicos do cinema inglês dos anos 50. O diretor Philip Leacock, que fi-caria famoso posteriormente pelas séries *Rota 66* e *Gunsmoke* na TV americana, fez um filme academicamente competente, preocupado em passar uma lição de moral. Ele con-segue esse objetivo sobretudo pelos bons atores num filme que sutilmente critica o racismo dos ingleses, aqui sob a capa do ciúme paternal.

Antonio Querino Neto

LADY JANE

(Inglaterra, 1985) Direção: Trevor Nunn. Com Helena Bonham Carter, Cary Elwes, John Wood e Patrick Stewart). CIC.



Com a morte de Henrique VIII, sobe ao trono seu filho Eduardo VI, asses-sorado por John Dubley, o Duque de Northumberland (John Wood). Eduardo VI é acometido de uma doença fatal e John Dubley inicia seu grotesco jogo de interesses vi-sando tornar Lady Jane (Helena Bonham Carter) rainha e esposa de seu filho, Guilford. A luta pelo trono da In-

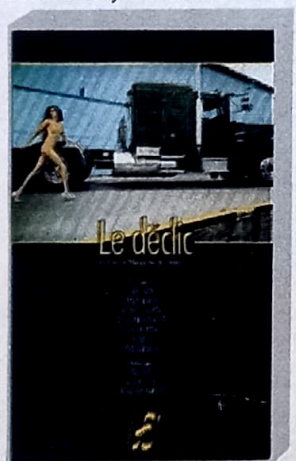
glaterra, que no início da história é de suma importância, torna-se ape-nas uma ponte para a história de amor entre Lady Jane e Guilford. A graça e a competência de Helena Bonham Carter, já conhecida por seu desempenho em *Uma Janela para o Amor*, é um dos fatores res-ponsáveis pelo grande envolvimento da história. O diretor, Trevor Nunn, deu ao filme realismo suficiente para que o espectador se transporte ao século XVI.

Márcia Regina de Godoy

CLICK, A MÁQUINA DO AMOR

(Le Déclat, França, 1984)

Direção: Jean Louis Ricard. Com Jean Pierre Kalfon, Florence Guérin, Bernard Kuby, F.J. Lucas.



Tentativa de transposição para as te-las da obra homônima em quadri-nhos (*O Clic*, 1983), do desenhista italiano Milo Manara.

A bela Cláudia (Florence Guérin), ca-sada com um senhor rico, não se interessa por sexo e é sempre abor-dada pelo médico da família, Dr. Fez (Jean Pierre Kalfon), inconformado com a apatia sexual da virtuosa se-nhora. Com ajuda de um amigo cien-tista, Fez instala um estimulador ce-rebral em Cláudia, e com um contro-le remoto comanda seus desejos. Si-tuações incontroláveis e constrange-doras se sucedem. Cláudia quer sexo a toda hora. Esta versão não fez jus aos quadrinhos. Trechos do original estão ausentes, prejudicando a con-eção dos fatos, e a direção é imprecisa e desencontrada. Walter Silva



Brad Davis, o marinheiro de Querelle

QUERELLE

(Alemanha/França 1982)

Direção: Rainer Maria Fassbinder. Com Brad Davis, Franco Nero, Jeanne Moreau. Polevideo.



Querelle (Brad Davis, o mocinho de *Expresso da Meia-Noite*) é um mari-nheiro jovem e escultural. Aliás, é um marujo ensurdecedor (por causa das nossas batidas cardíacas) quando aparece com a camiseta branca. Ávido de experiências extremas, chega no porto de Brest e interna-se no submundo maldito e sofisticado da casa de pior reputação da cida-de. Vende ópio ao dono do local, Nonô (George Byrd, habitual nos "Fassbinders"), e mata um marinhei-ro no cais. Força, num jogo de da-dos, a própria derrota, a qual impõe ao perdedor ser sodomizado por Nonô. A experiência o agrada e, logo mais, ele vai se apaixonar por outro homem, criminoso e passivo como ele. A princípio protege-o, mas acaba por entregá-lo à polícia, en-quanto hesita sobre assumir ou não o papel de amante ativo.

A inclinação de Querelle pela des-truição afasta-o de ser um simples hedonista. É, sim, um solitário desen-treado a procura "de sua execução final". Esse mundo sem contornos morais, onde o amor e a delação, o

horror e a ternura não são substân-cias tão díspares, ganha na visão de nosso herói uma potência inusitada. A relação entre dois homens mostra-se sensual, excitante, verdadeira. As mulheres, por sua vez, são insignifi-cantes. Quando se sobressaem, são repulsivas como Luziane (Jeanne Moreau, insuperável). Embora se dê bem dentro do ambiente (é também, dona do bordel e está cheia de amantes, entre os quais Querelle), pressente que alguma coisa está fora do seu alcance. Algo acontece nesse mundo de homens diante do qual se sente relegada. De fato, tudo o que é importante ela jamais poderá tocar, seja com suas unhas, seja com sua imaginação, seja sem entendi-mento. O filme se compõe dos subli-mes tesões viril e homossexual. Mu-lher não tem vez. Trata-se da mais pura expressão visual da obra literá-ria e da vida conturbada do escritor francês Jean Genet (1910-1976), no qual Rainer Fassbinder se baseou para realizar *Querelle*. Ladrão, ho-mossexual, desertor da Legião Fran-cesa, delator, foi quem melhor mere-ceu o nome "maldito" na literatura francesa. Sartre liderou, em 1948, um movimento de intelectuais e artis-tas pela sua libertação, quando foi condenado à prisão perpétua. Genet exigiu do diretor um prazo de 27 dias para o término das filmagens. Fassbinder acabou esgotado (co-menta-se que a empreitada apres-sou sua morte). O filme, porém, é inesgotável. A narrativa é permeada de uma poética complexa e radical. Os cenários (infelizmente prejudica-dos no vídeo) banhados pela ilumi-nação afetada estão repletos de fa-los. Com sua plástica de cores vi-brantes para a falsificação exagera-da do real, a cenografia encarna o universo onírico, de tons fatais e ex-plêndidos, onde habitam os desejos proscritos.

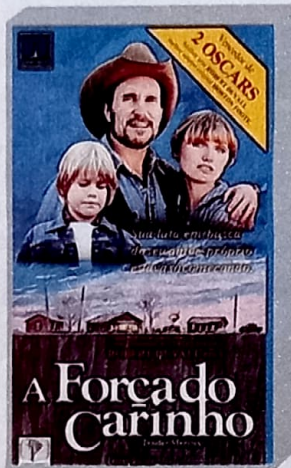
Daniela Baudouin

VÍDEO LANÇAMENTOS

A FORÇA DO CARINHO

(Tender Mercies, EUA, 1983)

Direção: Bruce Beresford. Com Robert Duvall, Tess Harper, Allan Hubbard, Betty Buckley, Ellen Barkin, Willford Brimley. VTI.



Um famoso astro da música *country* em decadência (Robert Duvall) abandona sua carreira devido a frustrações amorosas e alcoolismo. Mas ele se recupera ao encontrar, num pequeno motel de uma cidadezinha do Texas, a jovem viúva Rosa Lee (Tess Harper), que perdeu seu marido no Vietnã, e seu filho, o garoto Sonny (Allan Hubbard). Os conflitos surgem quando a ex-esposa de Mac, a cantora Country Dixie Lee (Betty Buckley) faz uma apresentação numa cidade próxima, Austin, despertando em Mac o desejo de rever a filha Sue Anne (Ellen Barkin), que ele mal conhece, e de retomar a carreira. Uma banda de músicos amadores que admira seu trabalho e o amor de sua nova família vão ajudar Mac a cantar e compor novamente. É o primeiro trabalho do diretor australiano Bruce Beresford em Hollywood. Um melodrama despretensioso, que deu um Oscar a Duvall. Ele tem aqui uma interpretação convincente, apoiada por bom elenco, mas com roteiro irregular de Horton Foote, também premiado. O romance entre Mac e Rosa Lee, embora previsível, é abruptamente introduzido através de um diálogo entre os dois, informando ao espectador que eles vão se casar, sem nenhuma cena anterior que sugira essa possibilidade. O mesmo se dá com relação à vida pregressa do

cantor, à exceção de seu encontro com Dixie. As canções são de autoria do próprio Duvall.

Luiza Cristina Lusvardi

O SÉTIMO VÉU

(The Seventh Veil, Inglaterra, 1945)

Direção: Compton Bennett. Com Ann Todd, James Mason. F.J. Lucas.



O sétimo véu é aquele que impede a nudez absoluta — como na famosa dança de Salomé. O último refúgio dos segredos mais íntimos, a barreira que precisa ser transportada para que uma célebre pianista clássica (Ann Todd) volte a tocar. Ela acaba de sofrer um acidente automobilístico, mas, apesar de suas mãos estarem intactas, algo a atormenta a ponto de ela se recusar a se aproximar novamente de um teclado.

Com a ajuda de um psiquiatra, seu passado vem à tona: sua educação rígida, infância infeliz e adolescência reprimida passam a preencher a telinha. Os personagens de seu trauma se tornam mais nítidos — o primeiro amor proibido, o atual amante e, seu guardião (James Mason). Essa história deixou milhares de senhoras inglesas dos anos 40 com lágrimas nos olhos. Ganhou Oscar de melhor roteiro. E continua sendo uma das melhores misturas melodramáticas de Freud e Chopin. Seu apelo *kitsch* é britanicamente requintado. Mas o toque de classe fica mesmo por conta do desempenho de James Mason, um dos mais fulminantes atores do velho preto e branco inglês.

Marcel Plasse



Carlos Alberto Riccelli e Bete Mendes: Eles Não Usam Black-Tie

ELES NÃO USAM BLACK-TIE

(Brasil, 1981)

Direção: Leon Hirszman. Com Carlos Alberto Riccelli, Bete Mendes, Fernanda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Lélia Abramo. Globo Vídeo.



A peça que Gianfrancesco Guarnieri escreveu aos 21 anos, em 1955, é um marco da dramaturgia brasileira. Encenada pelo Teatro de Arena em 1958, foi a primeira obra teatral brasileira a colocar a classe operária no centro das atenções. Por causa disso e de sua abordagem ostensivamente política, foi interditada pela censura nos anos 60. Ao adaptar o texto de Guarnieri para o cinema em 1981, Leon Hirszman (1938-1987) aumentou sua carga explosiva trazendo a ação para uma época em que o movimento operário e sindical começava seu descenso, após o furor grevista dos anos 1978/80 no ABC, e suas divisões internas eram mais evidentes. Ao identificar a greve com porra-louquice, o filme foi acusado de antipetista (o Partido dos Trabalhadores nascia naquela época) e de ser porta-voz da política de conciliação de classes preconizada pelo PCB.

Bombardeios políticos à parte, passado o calor do debate engajado,

o filme se sustenta folgadoamente por seus próprios méritos. A história é simples: Tião, um jovem operário, às vésperas de se casar com Maria, sonha com a ascensão social e acaba virando um fura-greve. Em função disso, entra em conflito com o pai, Otávio, um operário combativo, se bem que "ajuzado". Ele só adere à greve em nome da "unidade" do sindicato, mas era contra ela no início. Quem tenta segurar as pontas entre os dois é Romana, mulher de Otávio e mãe de Tião. Os acertos de Hirszman começam na escolha do elenco. Gianfrancesco Guarnieri, que na primeira montagem da peça fazia o papel de Tião (interpretado no filme por Carlos Alberto Riccelli), passou a representar o pai, Otávio. Lélia Abramo, que em 1958 era Romana, assumiu na tela o papel de mãe de Maria (Bete Mendes). E a Romana do filme acabou sendo interpretada por Fernanda Montenegro, num desempenho excepcional que lhe valeu o Prêmio Air-France (Brasil) de melhor atriz. Não faltou nem mesmo a presença do "Pixote" Fernando Ramos da Silva (assassinado em agosto a sangue-frio pela polícia), no papel de irmão de Maria. Esse elenco de primeira linha foi dirigido com sensibilidade e competência por Hirszman, que soube extrair de cada diálogo a dose certa de dramaticidade. O ritmo empolgante das cenas de conjunto relativas à greve e ao confronto entre os operários e a polícia combina perfeitamente com o tratamento mais delido e dramático dos conflitos entre Tião-Otávio e Tião-Maria.

O resultado é um filme envolvente e emocionante (ao contrário dos trabalhos anteriores de Hirszman, mais frios e cerebrais) que acabou fatuando o Prêmio Especial do Juri no Festival de Cannes de 1981.

Patrícia Barcellos

ARMADILHA DO DESTINO

(Cul-de-Sac, Inglaterra, 1966)
Direção: Roman Polanski. Com Donald Pleasence, Françoise Dorléac, Lionel Stander. Globo Video.



Para Roman Polanski, "a linha entre a fantasia e a realidade está irremediavelmente embaçada". Seus filmes tratam desse limite impreciso da alma com a sutileza ótica de um fino véu transparente.

Dono de uma galeria preciosa de títulos, entre os quais *A Dança dos Vampiros* (1967), *O Bebê de Rosemary* (1968), *O Inquilino* (1976), *Chinatown* (1974), *Tess* (1979) e o recente *Piratas*, Polanski filmou *Armadiilha do Destino* numa época ascendente de sua carreira. Com esse filme ele ganharia o Urso de Ouro, consagração máxima no Festival de Berlim de 1966. *Cul-de-Sac*, expressão francesa que pode ser tomada literalmente por "fundo de saco", recebeu no Brasil este imaginoso — porém não impróprio — título de *Armadiilha do Destino*.

A ação se passa numa ilha da costa inglesa chamada Northumberland, em Holy Island, onde dois gangsters, após uma missão fracassada, vão se refugiar. Lá encontram um castelo medieval cuja estrada de acesso permanece horas a fio submersa pelo fluxo da maré. O reconhecimento do castelo (onde sir Walter Scott escreveu *Ivanhoé*) fica por conta do ranzinza Richard (Lionel Stander), que precisa de ajuda para seu ferido companheiro Albie



Lionel Stander, Donald Pleasence e Françoise Dorléac: Armadiilha do Destino

(Jack MacGowran). Richard encontra e subjugua os donos do castelo: o pusilânime e afetado George (Donald Pleasence) e Teresa (Françoise Dorléac, irmã de Catherine Deneuve), sua lasciva esposa.

George preocupa-se apenas com sua solidão, Teresa espalha tédio e desejo pelos cantos do castelo e Richard vai perdendo as esperanças na medida em que sua paciência se esgota. Os três monopolizam o filme. Certamente, o filme poderia assumir a violência convencional de gangsters que coagem duramente vítimas indefesas, mas Polanski obriga os personagens centrais a compartilhar suas incertezas com relação à vida. *Cul-de-Sac*, "beco sem saída".

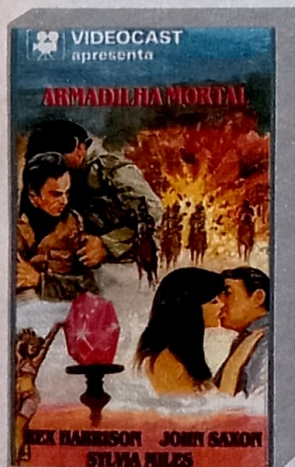
é o fundo do poço de três pessoas que, pela contingência do destino, estão juntas aguardando algum acontecimento. Passam a questionar a forma de suas vidas, afogando suas mágoas em vodka, expondo frustrações e fraquezas. Apesar da tensão existente, Polanski narra com a leveza de um sonho e um humor sutil. O castelo parece um labirinto, onde os personagens vagam como fantasmas sem destino. Ora a câmera rebusca alcovas e reentrâncias ora expande-se para o espaço infinito de montanhas e mar. O espectador acaba concordando: "a linha entre a fantasia e a realidade está irremediavelmente embaçada".

Walter Silva

AVENTURA

ARMADILHA MORTAL

(The Deadly Thief, EUA, 1974)
Direção: Krisna Shah. Com Rex Harrison, Sylvia Miles, John Saxon. Videocast.

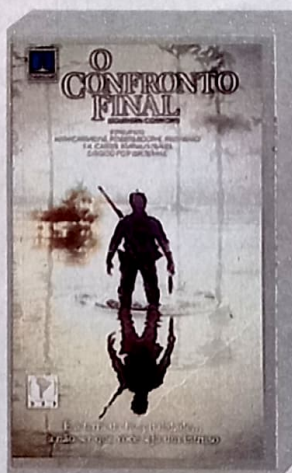


Mal realizado e com um roteiro confuso, *Armadiilha Mortal* não cola como aventura policial. A ação desenrola-se numa ilha do Oceano Índico, onde sir John (Rex Harrison), um bandido aposentado, convida quatro ladrões famosos para disputarem, numa maratona, a posse do rubi Shalimah — a pedra mais valiosa do mundo. Cada um a seu modo, os ladrões tentam apanhar o rubi enfrentando armadilhas e um exército particular de nativos obstinados. Com a intenção de utilizar metalinguagem e sofisticar a trama, a direção atropela a narrativa, coloca em evidência a precariedade da produção e realiza cenas inverossímeis.

Alexandre Figueirôa

O CONFRONTO FINAL

(Southern Comfort, EUA, 1981)
Direção: Walter Hill. Com Keith Carradine, Powers Boothe, Fred Ward. VTI.



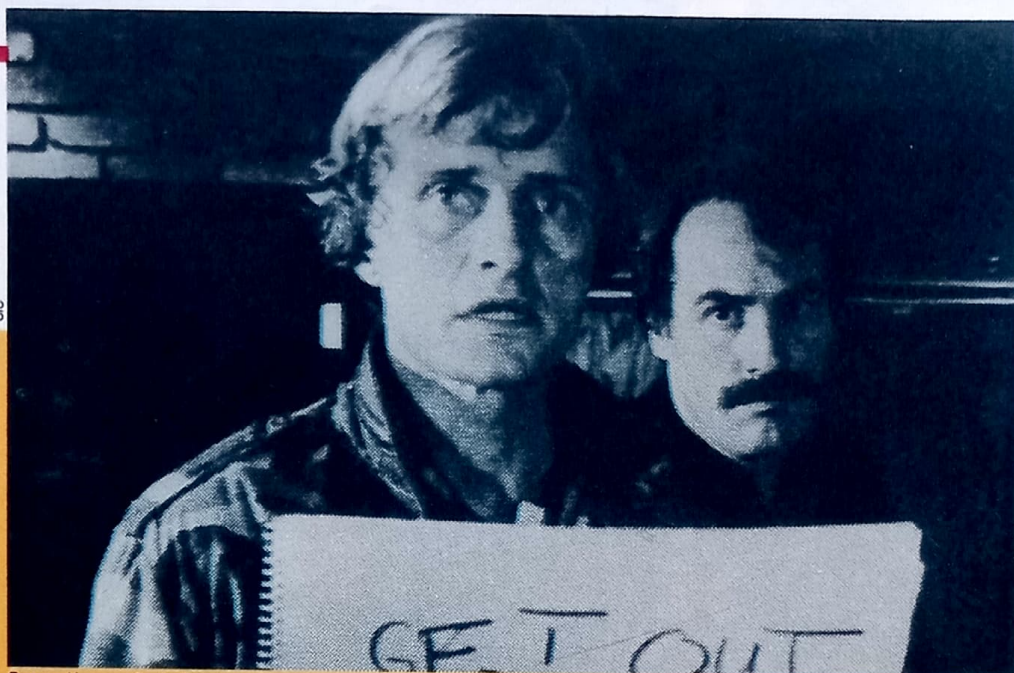
O incisivo Ry Cooder já foi contemplado com mais generosidade. Wim Wenders lhe deu *Paris, Texas* para que ele compusesse a trilha sonora. Louis Malle deu-lhe *A Baía do Ódio*. O bom diretor Walter Hill presenteou-o com este filme, com certeza um dos piores que já fez. Em se tratando

de Hill (autor de *Ruas de Fogo* e *Selvagens da Noite*), no entanto, mesmo os piores resistem com galhardia na estante dos assistíveis.

Uma patrulha da Guarda Nacional da Louisiana, composta por civis que se mantêm em forma para assumir prontamente funções militares em caso de guerra, faz exercícios de rotina num fim de semana. A patrulha põe-se a cruzar um pântano. Durante a caminhada, metem-se numa briga fatal com caçadores que moram na região, à margem da civilização. Uns selvagens armados e implacáveis. Vale a ação. Valem também a interpretação de Keith Carradine e as discussões morais a que os personagens são conduzidos sem monotonia das seqüências bem ritmadas. No fim, pouca gente vai se salvar, mas Ry Cooder escapa ileso. Uma vez mais, a música é de arrebatador.

Eugênio Buccia

VIDEO LANÇAMENTOS



Rutger Hauer e Craig T. Nelson em *O Casal Osterman*

O CASAL OSTERMAN

(*The Osterman Weekend*, EUA, 1983)

Direção: Sam Peckinpah. Com Rutger Hauer, John Hurt, Craig T. Nelson, Meg Foster, Burt Lancaster, Dennis Hopper, Chris Sarandon. VTI.



Da galeria dos diretores contestatários, Sam Peckinpah (1926-1984) terá sido um dos que cutucaram mais fundo as mazelas da sociedade americana. Ao contrário dos que questionavam, formalmente, os valores mais arraigados do *american way*, ele se valeu da própria mitologia conquistadora, das visões de um passado glorioso. Seus heróis são heróis mesmo: fortes e eficientes. Mas essa potência torna um rumo decididamente individualista, oposto

ao estado forte que costuma monopolizá-la. A família — pai, esposa, filhos — é a unidade social viável, e o velho oeste, seu território por excelência: foram *westerns* como *Meu Ódio Será Tua Herança* e *A Morte Não Manda Recado*, realizados no fim da década de 60, que consagraram Peckinpah.

Mas como engolir as concepções do diretor, um entusiasta da justiça feita pelas próprias mãos, aplicadas à sociedade moderna? No oeste bravo tudo bem, mas admitir que um pacato professor universitário, como o Dustin Hoffman de *Sob o Domínio do Medo* (1971), virasse uma fera assassina em defesa de sua casa no campo foi bem mais difícil. Estava aberta a polêmica, e Peckinpah, com suas irrepreensíveis seqüências de violência — em geral degustadas em câmera lenta —, acabou taxado de porco reacionário. O sistemazinho cínico!

O passo seguinte da campanha anti-Peckinpah foi sepultá-lo como diretor decadente, após o escorregão comercial de *Comboio 78*: absolutamente desculpável para um diretor que passou a ser sabotado pelos produtores. Em 1984 Peckinpah morria, deixando no entanto um último trabalho, concluído no ano anterior. Era *The Osterman Weekend*, um filme subestimado, baseado em um best seller de espionagem de Robert Ludlum. É a história de um agente

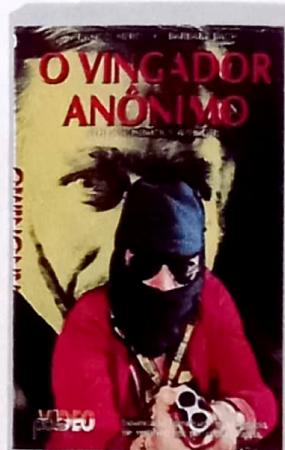
americano (interpretado por John Hurt) cuja esposa foi morta pela KGB com a conivência da CIA que quer se vingar a qualquer preço. Ele arrasta o chefe do Serviço (Burt Lancaster) — que, não por acaso, tem pretensões eleitorais à próxima vaga de presidente da República — em uma absurda trama de desmascaramento. O instrumento da "operação" é um sensacionalista entrevistador de TV (Rutger Hauer), que é convencido de que seus amigos mais íntimos (Dennis Hopper, Chris Sarandon, Craig T. Nelson) são todos espões russos... Intrincado na trama e moderno na realização, mas primário nos sentimentos, *O Casal Osterman* (absurdo título nacional já que, ironicamente, o personagem Osterman é o único solteiro da história...) é a síntese das idéias de Sam Peckinpah. E, como sempre, um brilhante exercício de linguagem cinematográfica: as missões da CIA são controladas e gravadas em vídeo, em um turbilhão de evidências contraditórias e falsificações eletrônicas (parentes próximas da espionagem de Coppola em *A Conversação*). De quebra, a gata Meg Foster (a mulher do apresentador) também não se faz de rogada, e dá um "jeitinho" em quem não a deixa passar um fim de semana tranquilo com o marido e o filho... Imperdível.

Alex Antunes

O VINGADOR ANÔNIMO

(*The Anonymous Avenger*, EUA/Itália, 1974)

Direção: Enzo G. Castellari. Com Franco Nero, Giancarlo Prete, Barbar Bach, Enzo Palmer. Polevídeo.



FUGA DO BRONX

(*Escape from the Bronx*, EUA/Itália, 1983)

Direção: Enzo G. Castellari. Com Mark Gregory, Henry Silva, Valeria D'Obici, Timothy Brent. Polevídeo.



Enzo G. Castellari foi um próspero negociante de pizzas antes de começar sua carreira cinematográfica. O mercado italiano de filmes de baixo orçamento poderia ter passado sem essa.

O Vingador Anônimo e *Fuga do Bronx* são tão desinteressantes quanto uma pizza malfeita. Tudo bem, não se pode exigir desse tipo de produção mais do que ela se propõe a oferecer — uma invariável se-

quência de ações violentas o suficiente para nocautear qualquer esboço de reflexão. Mas, nesse interminável desfile de automóveis, explosões e assassinatos óbvios, nem mínimas exigências chegam a ser atendidas.

Em *O Vingador Anônimo* vale o esforço do canastrão Franco Nero em convencer o espectador de que o surrado papel do cidadão humilhado que quer fazer justiça com as próprias mãos porque a polícia é corrupta ainda pode ser interessante. Em *Fuga do Bronx*, os habitantes do difamado bairro nova-iorquino lutam contra uma multinacional da construção interessada em mandar tudo pelos ares em pleno ano 2000. Fuja. Um visual metido a punk e astronautas prateados lançando chamas liquidarão a vontade já na primeira sequência. *Tato Coutinho*

A ESPADA VINGADORA

(*Sword of the Valiant*, Inglaterra, 1984)
Direção: Stephen Weeks. Com Miles O'Keefe, Sean Connery, Trevor Howard. Globo Vídeo.



O nome de Sean Connery aparece como isca para os incautos: não caia. Apesar da breve e marcante aparição do astro, revelando seus dotes de ator teatral, todo o resto do filme é dispensável. Baseado na lenda britânica de sir Gawain e o Cavaleiro Verde, é um sub-*Excalibur* que não convence nem como aventura nem por suas pretensões filosóficas ou poéticas. O inexpressivo O'Keefe, no papel de Gawain, mais parece

uma versão cinematográfica do He-Man, com sua ridícula peruca loura. O que deveria servir como fio condutor da história — um enigma proposto a Gawain pelo Cavaleiro Verde (Connery) — não é um verdadeiro enigma, mas um falsamente sábio alorismo. A ação avança e recua aos trancos e barrancos, sem nexo claro entre os episódios. Belos castelos do País de Gales e uma mulher deslumbrante (Cyrielle Claire) suavizam, mas não anulam, o tédio geral.

José Geraldo Couto

FLASH E FIRECAT

(*Flash and the Firecat*, EUA, 1975)
Direção: Fred e Beverly Sebastian. Com Roger Davis, Tricia Sembera, Dub Taylor e Richard Kiel. CIC.



Produção obscura. Atores e diretores idem. O título refere-se a um casal de aventureiros que vive de pequenas trapagens e roubos. Flash (Tricia Sembera) é uma garota bonita e corajosa. Firecat (Roger Davis) é um caipira ambicioso e meio amalucado. Cada um tem na mão o volante de um "buggie" envenenado (aquele carrinho "topa-tudo", moda nos anos 70). Cansados de ninharia, resolvem seqüestrar o filho de um banqueiro do interior, na pequena cidade de Elwood County. O golpe dá certo; pegam o dinheiro e, nos 3/4 de filme seguintes, são perseguidos ora pelas "banheiras" da polícia local ora pelo assustador Richard Kiel (ator que vive o "Dentes-de-Aço" nos filmes da série James Bond). A referência a Bonnie e Clyde é expli-



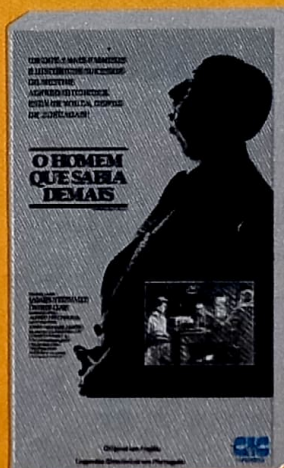
James Stewart e Doris Day prestam depoimento à polícia do Marrocos

SUSPENSE

O HOMEM QUE SABIA DEMAIS

(*The Man Who Knew Too Much*, EUA, 1956)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Doris Day, Daniel Gelin, Bernard Miles. CIC.



Hitchcock tem em *O Homem que Sabia Demais* um dos melhores momentos de sua carreira. É um *remake* do filme do próprio Hitchcock realizado na Inglaterra em 1934 (com Peter Lorre). Para François Truffaut — grande admirador do cineasta —, a refilmagem ficou melhor. Para Hitchcock, a resposta é simples: "A primeira versão foi feita por um amador de talento, e a se-

gunda foi feita por um profissional". A trama, como em outros filmes do diretor, também é simples. Um médico, interpretado por James Stewart, e sua esposa, a cantora-atriz Doris Day, estão em férias no Marrocos. O casal é envolvido em um complot para matar um político britânico depois que Stewart ouve as últimas palavras de um agente francês, assassinado nas ruas de Marrakesh. O domínio perfeito das etapas da realização cinematográfica por Hitchcock mais uma vez transforma a história de pessoas comuns num espetáculo. O espectador é envolvido pelo encadeamento das ações e a precisão da estrutura dramática, que, neste filme, tem a música como mais um protagonista. A trilha musical de Bernard Herrmann tem uma funcionalidade extraordinária nos dois momentos de maior suspense: na cena do concerto do Albert Hall (em que o próprio Herrmann aparece como maestro), os autores da tentativa de assassinato programam o disparo do tiro contra o ministro, para o único momento da peça musical em que os pratos são tocados; e, na recepção da embaixada, quando Doris Day canta "Whatever Will Be" ("Que Será, Será" — Oscar de melhor canção em 1956) para salvar o filho dos raptos. A composição dos planos ao ritmo da música na sequência do concerto é inesquecível.

Alexandre Figueirôa

cita (aparece nos diálogos), mas uma comparação não se sustenta nem com os filmes da dupla Terence Hill e Bud Spencer. A produção é baratíssima. Chega a ser constrangedor quando a câmera aproxima demais os personagens para não ter que mostrar a pobreza dos cenários.

Mas é evidente que as estrelas são os buggies e suas audazes manobras nas dunas de areia. Nisso o filme é pródigo. Para quem gosta, um prato semicheio. Para quem não, melhor ficar sem comer. O filme foi lançado aqui com o título *Roubando por Roubar*. *Daniel Benevides*

VIDEO LANÇAMENTOS



David Warner, o "Gênio do Mal" de *Bandidos do Tempo*

COMÉDIA

OS BANDIDOS DO TEMPO

(*Time Bandits*, Inglaterra, 1981)
Direção: Terry Gilliam. Com John Gleeze, Sean Connery, Shelley Duvall. VTI.



Do diretor inglês Terry Gilliam, as telas brasileiras (as grandes) exibiram em 1985 o magnífico *Brazil* (realizado no mesmo ano), que contava as agruras de um burocratinha apaixonado

por uma maluca na sociedade amordaçada à la George Orwell no romance *1984*, com muitos toques do futurismo à la anos 50 do romancista americano Philip K. Dick — o inspirador do adorado *Blade Runner*, de Ridley Scott. Com *Brazil*, Terry Gilliam consolidou-se como um grande diretor, soberano nas mais arroçadas operações de altos efeitos especiais e inteiramente subversivo no humor peçonhento que aprendeu com o grupo britânico Monty Python, do qual fez parte.

Do grupo Monty Python, as telas brasileiras (as grandes, uma vez mais) já exibiram grandes criações. *A Vida de Brian*, por exemplo, contava a vida de um desgraçado, contemporâneo do guia religioso Jesus Cristo (0000-0033), onde entra um exército suicida que se mata diante de crucificados em protesto contra Roma e por onde passa um disco voador sem o menor sentido. Sem sentido como é um outro longa-metragem do grupo, cujo nome sem sentido é *O Sentido da Vida*, que parece querer provar que o sentido da vida não é outro senão morrer — de preferência, de tanto rir.

Agora pegue tudo isso e coloque

dentro da narrativa de uma fábula infantil. Efeitos especiais, imaginação desabalada, inteligência e um turbilhão de sorrisos, risinhos e gargalhadas. Inesquecível para as crianças e delicioso para adultos.

Kevin (Craig Warnock) tem seus 11 anos de idade e seus dois pais, que, por sua vez, têm um arsenal de eletrodomésticos na sua casinha de subúrbio londrino. Importante: os pais de Kevin não têm massa cerebral e nem espírito — são estúpidos e consumistas, que só fazem assistir à TV. Kevin gosta de ler (ele é fascinado pelo rei grego Agamenon) e detesta dormir cedo.

Uma noite, um cavaleiro medieval irrompe de dentro do guarda-roupa do quarto dele. Desaparece, mas Kevin não esquece. Na noite seguinte, do mesmo guarda-roupa, espirra meia dúzia de anões. E que anões! Em um tempo: trazem o mistério que explica os seres que despencam no dormitório do garoto (é que ali está aberta uma porta temporária que dá acesso à quarta dimensão, pela qual é possível viajar no tempo) e trazem a promessa de muitas aventuras. Kevin vai embora com eles.

Ele vai cair na Itália ocupada pelo baixinho maluco Napoleão (Iam Holm, espetacular) e, pra seu encanto, na Grécia Antiga de Agamenon (ninguém menos que Sean Connery, surpreendente). Aos poucos, descobre que o negócio dos anões, que roubaram um mapa para viajar no tempo pertencente ao "Ser Supremo", é a prática do furto. Surrupiam objetos de épocas distintas. É hilariante o encontro deles com Robin Hood (John Gleeze), mas a trama vai culminar no domínio do "Gênio do Mal" (David Warner), que quer o mapa a qualquer custo. Atenção para as intervenções abruptas do "Ser Supremo" (Ralph Richardson). E abra os ouvidos para a música, que é assinada por um tal de George Harrison. Uma ótima versão masculina do tema de *Alice no País das Maravilhas*, adaptada à era dos computadores. Os computadores, claro, são os mais ironizados.

Eugênio Bucci

STUCK ON YOU!

(EUA, 1982)

Direção: Michael Herz e Samuel Weil. Com Professor Irwin Corey, Virginia Penta, Mark Mikulski. Look Video.



Apresentado pelos realizadores como uma comédia sensual, este filme é apenas mais uma pornochanchada com todos os elementos inerentes ao gênero. Mostra a história de Bill (Mark Mikulski) e Carol (Virginia Penta), um jovem casal à beira da separação. O juiz Gabriel (Professor Irwin Corey), encarregado do caso e convencido de quem ambos ainda estão apaixonados, tenta mostrar a eles que seus problemas são os mesmos de todos os amantes.

O filme se desenvolve com as versões picantes, contadas pelo juiz, de casos históricos de amor como os de Adão e Eva, Napoleão e Josephine, entremeadas com as fases do romance narradas pelo jovem casal. A trama é frouxa e o resultado é um amontoado de sketches repletos de lugares-comuns, piadas de mau gosto e cenas que beiram o ridículo. Bill e Carol cantam, dançam, brigam e transam espalhafatosamente parecendo galinhas. Não é à toa. É a única coerência do roteiro. Bill trabalha num aviário e busca inventar uma maneira de aumentar a produção de ovos que está caindo inexplicavelmente. Para estimular as aves, projeta para elas um filme estrelado por um galo e uma galinha travestidos de homem e mu-

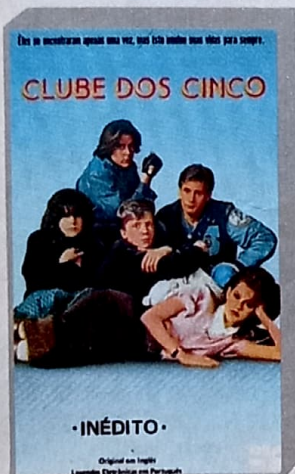
lher protagonizando um romance que vai dar na cama. A partir disso não é difícil imaginar o resto.

Alexandre Figueirôa

CLUBE DOS CINCO

(The Breakfast Club, EUA, 1985)

Direção: John Hughes. Com Molly Ringwald, Emilio Esteves, Anthony Michael Hall, Judd Nelson e Ally Sheed. CIC.



Cinco alunos-problema são confinados no colégio, num sábado, por terem cometido cada qual um pequeno delito. Como castigo, além do confinamento, são obrigados a escrever uma grande redação dizendo o que pensam de si mesmos — uma confissão. Aparentemente, o suspense resume-se à questão: o que fizeram para estar de castigo? Mas logo se vê que a situação é pretexto para que os cinco exponham as ansiedades e ressentimentos típicos da adolescência.

Pior para os pais, que são sumariamente criticados. Ágil e leve — mesmo que passado num único cenário —, o filme seria ótimo não fossem algumas soluções moralizantes e conciliadoras, o que não chega a apagar o brilho dos atores, todos da novíssima geração. Molly Ringwald — de *Gatinhas e Gatões* (1984) e *A Garota de Rosa Shocking* (1986), ambos deste mesmo diretor, John Hughes — está excelente como a "burguesa fresquinha". Há tam-

bém a trinca de *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas* (1985), de Joel Schumacher: Emilio Esteves (filho do ator Martin Sheen), Judd Nelson e a bonitinha Ally Sheed.

Mas o destaque mesmo fica para Anthony Michael Hall (*Gatinhas e Gatões*), no papel de o mais inteligente da turma.

Daniel Benevides

O BARBEIRO QUE SE VIRA

(Brasil, 1975)

Direção: Eurides Ramos. Com Arrelia, Eliana e Paulo Goulart. F.J. Lucas.



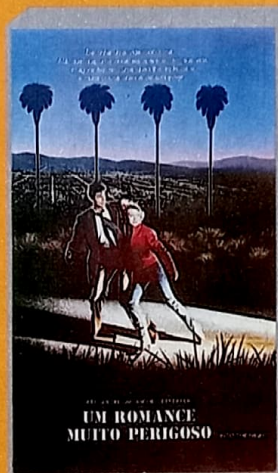
No povoado de Jabulândia, Arrelia é um desinibido barbeiro "faz-de-tudo" que acumula as funções de dentista, farmacêutico e veterinário com a mesma desenvoltura com que utiliza a navalha e a tesoura. Arrelia, é claro, está sempre melido em todas e, por isso, arruma as maiores encrencas quando sabe que o temido coronel Clementino planeja casar sua enteada, Rosinha (Eliana), com o charlatão professor Basílio, a despeito do amor da moça por Leonardo (Paulo Goulart). O filme é uma paródia bem-humorada da ópera *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, e um prato cheio para os que gostam de relembrar ou conhecer a era de ouro das produções da Vera Cruz. Também para os nostálgicos de Arrelia, um dos palhaços mais importantes do país.

Humberto Manera Filho

UM ROMANCE MUITO PERIGOSO

(Into the Night, EUA, 1984)

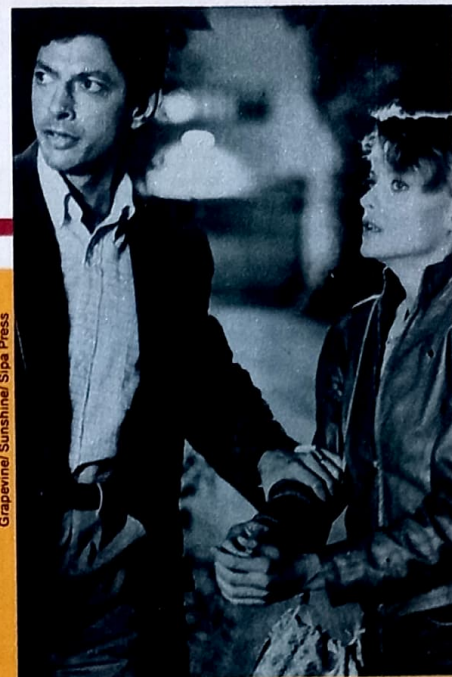
Direção: John Landis. Com Jeff Goldblum, Michelle Pfeiffer, Irene Papas, Vera Miles. CIC Video.



O que pode acontecer de novo na vida quando se é um jovem executivo de uma grande empresa, com futuro garantido e segurado, casa montada e automóvel último tipo? Uma garota. E o que pode acontecer de revolucionário? Uma garota capaz de montar um furacão à sua volta e transformar a rotina *yuppie* da vida numa excitante aventura policial. Certamente você já viu esse filme...

Não. Não se trata de *Depois de Horas* (*After Hours*, 1985), de Martin Scorsese; nem de *Totalmente Selvagem* (*Something Wild*, 1986), de Jonathan Demme. E a garota não é Rosanna Arquette e muito menos Melanie Griffith. É Michelle Pfeiffer, a mais nórdica e sedutora das três "inocentes" bruxas de Eastwick. Realizado anteriormente àqueles dois filmes, *Um Romance Muito Perigoso* é quase um ensaio, um exercício de cinema resolvido com 100% bom humor e 0% de pretensão.

Michele é Diana ("como a princesa", palavras dela). Ed Okin (Jeff Goldblum) numa de suas noites "em branco" — narcotizado pela insônia e algemado ao monótono dia a dia de promissor engenheiro aeroespacial e de marido traído — vai parar

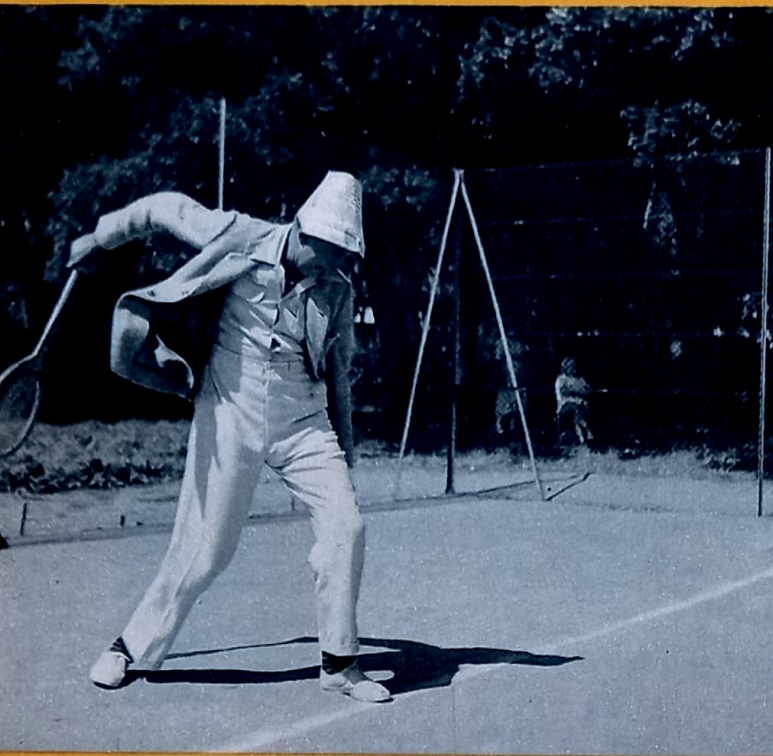


Jeff Goldblum e Michele Pfeiffer

no aeroporto. É lá que salva Diana, a caçadora e contrabandista de esmeraldas, das mãos de iranianos assassinos e mercenários. Ela despenca no capô do Toyota de Ed.

A intrincada trama do roteiro, feito propositalmente para brincar com a cabeça do espectador, apresenta muitos dos requisitos para o que deveria ter se tornado um *cult-movie*. Se, porém, não há motivo para culto, há tantas situações absurdas e personagens *kitsch*-caricatos que podem ser, no mínimo, encarados como pura curtição. Exemplo: o imitador de Elvis Presley (Bruce McGill), com seu automóvel rabode-peixe, branco e conversível, carregando nas laterais a inscrição: *The King Lives*. Ou David Bowie como o assassino contratado; o próprio diretor John Landis (*Um Lobisomem Americano em Londres*) como o relapso bandido iraniano de barba e óculos. Por falar em diretores, esse *perigoso romance* é também um encontro de colegas de profissão: Jonathan Demme (*Totalmente Selvagem*) aparece como um agente do FBI; Paul Mazursky (*Próxima Parada, Bairro Boêmio*) é um sacana produtor de seriados de TV; Roger Vadim (*Barbarella*) é o chefe de uma quadrilha internacional; Lawrence Kasdan (*O Reencontro*) revela-se um detetive; David Cronenberg (*A Mosca*) é um supervisor-chefe de engenharia... Todos super à vontade, como numa festa entre amigos, onde o espectador torna-se o convidado especial.

Dilson Gomes

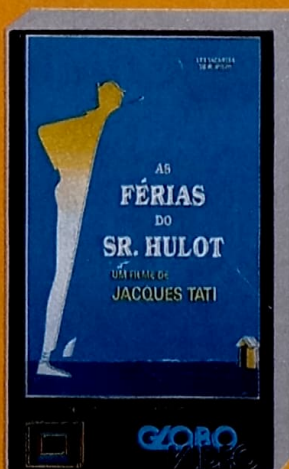


Jacques Tati é o desajeitado Monsieur Hulot

AS FÉRIAS DO SR. HULOT

(Les Vacances de Monsieur Hulot, França/Inglaterra, 1953)

Direção: Jacques Tati. Com Jacques Tati, Nathalie Pascaud, Michelle Rolla, André Dubois, Raymond Carl. Globo Vídeo.



Um vilarejo de veraneio, no sul da França, invadido por famílias de classe média em férias, com suas bóias, varas de pescar, cachorros e

crianças endemoniadas. Eis o cenário perfeito para a estréia das estrepolias do Sr. Hulot, o personagem alto e desajeitado que se tornou tão indissociável de Jacques Tati como Carlitos de Charles Chaplin. Hulot voltaria a aparecer em outros filmes de Tati, como *Tempo de Diversão* (1967) e *Traffic* (1971), mas já começou barbarizando nestas férias, com algumas das melhores seqüências de trapalhadas que o cinema produziu depois dos Irmãos Marx. Mas o humor de Tati/Hulot é menos sarcástico e exuberante do que os fraternos palhaços. Ele é bem mais próximo do encanto e da ingenuidade (aparente) das primeiras comédias mudas. Reforçando essa semelhança, há a ausência quase total de diálogos (os que existem são pouco importantes) e a utilização antinaturalista dos ruídos — uma raquete de tênis produz, ao bater na bolinha, um som que mais parece o de um balde de água golpeado por um bastão; um pneu furado produz o som deseducado de um peido. O olhar de Tati dá sempre a ilusória

impressão de ser um olhar distraído e as gags aparecem como por acidente diante da câmera. Um dos procedimentos mais caros ao humor de Tati é o da elipse: a câmera não mostra a cena em seu conjunto, mas apenas em parte. O efeito cômico é criado pelo espectador, que imagina o resto. Exemplo: Hulot tenta puxar pelas rédeas um cavalo (que está atrás de um muro) para dentro do campo de visão. O cavalo invisível não sai do lugar, e a cena se resume aos sucessivos tombos de Hulot, que estica inutilmente as rédeas com toda a força. Se é por acidente que se sucedem as gags, é o acaso quem manda na trama. Uma seqüência exemplar do humor e do estilo narrativo de Tati: Hulot sai em disparada com seu calhambeque no encalço de um caminhão que ele julga ser de assaltantes. No caminho, cai a capota de lona sobre sua cabeça, e o carro, desgovernado, acaba entrando em um cemitério onde ocorre um enterro. Para cúmulo, um pneu furou, e Hulot, depois de desvencilhar-se da capota, vai trocá-lo. Tira uma câmera de ar do porta-malas e coloca-a sobre o chão cheio de folhas e flores. Quando levanta a câmera de ar, ela está coberta de folhas, e um funcionário do cemitério, confundindo-a com uma coroa fúnebre, leva-a ao túmulo em que o morto está sendo enterrado. E por aí agora. A crítica de costumes está presente na caricatura de tipos sociais marcantes: o coronel organiza uma pequena excursão como se fosse uma operação militar; o jovem intelectual faz todo o mundo bocejar com suas filosofias; o velho sem-vergonha deixa a mulher falando sozinha enquanto olha as pernas das garotas...

Mas é uma crítica sempre temperada pelo lirismo e marcada pela sutileza. Pois Hulot/Tati é acima de tudo um cavalheiro estabonado e romântico, como o magro Stan Laurel e o Peter Sellers de *Um Convivado Bem Trapalhão* (de Blake Edwards, 1968). É o tio que toda criança gostaria de ter.

José Geraldo Couto

WESTERN

MACHO CALLAHAN

(EUA, 1970)

Direção: Bernard L. Kowalski. Com David Janssen, Jean Seberg, Lee J. Cobb, David Carradine. Globo Vídeo.



Para vingar a morte do marido, um oficial confederado, a recém-casada Alexandra Mountford (Jean Seberg) persegue o assassino Diego "Macho" Callahan (David Janssen, famoso pelo seriado de TV *O Fugitivo*), um implacável bandoleiro que após fugir da prisão tem como único objetivo matar aqueles que para lá o enviaram. Alexandra quer acabar com a vida de "Macho" e pede auxílio a Duffy, que logo se dá mal e é liquidado. Desde a decisão de eliminar o assassino percebe-se nos olhos de Alexandra o fascínio que o inimigo exerce sobre ela. Depois de emboscadas, muros e empurrões contra "Macho" é por ele possuída à força. Com a ira domada e transformada em afeto, junta-se ao bandoleiro e retira a recompensa que prometera aos captores do bandido-amante. Os perseguidores, porém, não desistem e querem "Macho" vivo ou morto. Se *Macho Callahan* não chega a ser um grande filme, apesar das tentativas de requinte visual, vale a pena conferir os desempenhos de David Janssen e Jean Seberg, mortos, respectivamente, em 1980 e 1979.

Alexandre Figueirôa

STAGECOACH

(EUA, 1986)

Direção: Ted Post. Com Kris Kristofferson, Johnny Cash e Willie Nelson. Look Video.



Um dentista, uma prostituta, um banqueiro, um vendedor de uísque,

uma mulher grávida e um jogador de cartas profissional. Para completar, um xerife (Marshall C. Wilcox) e um foragido da lei (Kris Kristofferson).

Todos, cada qual com seus interesses, pretendem atravessar o velho oeste numa diligência de Tonto a Lordsburg. Apenas um problema: o terrível chefe apache Gerônimo que a qualquer momento pode acabar com a viagem. Se alguém já viu esse argumento em algum lugar, não se engane: *Stagecoach* nada mais é do que a refilmagem do clássico *No Tempo das Diligências*, de John Ford (1939). Longe do brilho do seu antecessor, no entanto, em *Stagecoach* os personagens são mal construídos, excessivamente discursivos, e os clichês mal colocados. Na verdade, o filme só possui uma coisa de incomum: para um *western* tem mui-

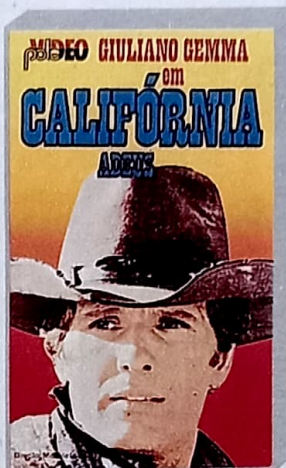
ta conversa e poucos tiros.

Humberto Manera Filho

CALIFORNIA, ADEUS

(Califórnia, Itália, 1977)

Direção: Michele Lupo. Com Giuliano Gemma, Miguel Baste e Chris Auran. Polevideo.



É o ano de 1865, fim da Guerra de Secessão americana e, portanto, o cenário ideal para se iniciar uma boa briga, já que outra termina. Assim, um grupo de caçadores de recompensa decide ir à luta e começa uma sangrenta perseguição aos soldados sulistas derrotados que, por revanchismo dos vencedores, têm a cabeça a prêmio. Califórnia (Giuliano Gemma) é um solitário soldado confederado (sulista) que parte em busca de um lugar para viver em paz e, no caminho, conhece um amigo que o convida para morar em sua casa. No percurso, o companheiro é covardemente assassinado, e a irmã dele, por quem se apaixona, é sequestrada. A partir daí, ninguém mais segura Califórnia, que sai à procura da amada. Com a mulher dos outros não se brinca.

Humberto Manera Filho

PARADA

BRASIL

1 EXTERMINADOR IMPLACÁVEL

(Wanted: Dead or Alive, EUA, 1986). Aventura de Gary Sherman, com Rutger Hauer e Genne Simmnos. J. Home.

2 ALLAN QUATERMAIN E A CIDADE DO OURO PERDIDO

(Allan Quatermain and the Lost City of Gold, EUA, 1986). Aventura de Gary Nelson, com Richard Chamberlain e Sharon Stone. América Video.

3 MEU MARIDO DE BATON

(Tenue de Soirée, França, 1986). Comédia de Bertrand Blier, com Gérard Depardieu, Michel Blanc e Miou Miou. Globo Vídeo.

4 A MISSÃO

(The Mission, GB, 1986). Drama de Roland Joffé, com Robert De Niro e Jeremy Irons. J. Home.

5 O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(The Young Sherlock Holmes, EUA, 1985). Aventura de Barry Levinson, com Nicholas Rowe e Alan Cox. CIC.

6 HAREM

(Harem, EUA, 1985). Aventura de Billy Hale, com Nancy Travis, Omar Sharif, Ava Gardner. Transvideo.

7 DIABO NO CORPO

(Diavolo in Corpo, Itália, 1986). Drama de Marco Bellochio, com Maruschka Detmers, Federico Pizzalis e Anita Laurenzi. Globo Vídeo.

8 DE VOLTA PARA O FUTURO

(Back to the Future, EUA, 1985). Aventura de Zemeckis, com Michael J. Fox e Christopher Lloyd. CIC.

9 A BELA DA TARDE

(Belle De Jour, França, 1967). Drama de Luis Buñuel, com Catherine Deneuve, Pierre Clementi e Jean Sorel. Wilder.

10 PRIMAVERA PARA HITLER

(The Producers, EUA, 1968). Comédia de Mel Brooks, com Zero Mostel e Gene Wilder. Globo.

EUA

1 JORNADA NAS ESTRELAS IV

(Star Trek IV The Voyage Home, EUA, 1986). Ficção de Leonard Nimoy, com William Shatner e Leonard Nimoy.

2 CORAÇÃO SATÂNICO

(Angel Heart, EUA, 1987). Policial de Alan Parker, com Mickey Rourke, Robert De Niro e Lisa Bonet.

3 CROCODILO DUNDEE

(EUA, 1986). Aventura de Peter Faiman, com Paul Hogan.

4 O MISTÉRIO DA VIUVA NEGRA

(Black Widow, EUA). Drama de Bob Rafelson, com Theresa Russel, Debra Winger e Dennis Hopper.

5 JANELA SUSPEITA

(The Bedroom Window, EUA, 1987). Drama de Curtis Hanson, com Steve Guttenberg e Isabelle Huppert.

FONTES: Brasil: Omni, 2001, Rentacom, Real Video (SP), Video 4 Clube, Video Clube Shack, Omni's Studio (RJ), Cinemateca Ltda (MG), Video Hobby (BA), Video Locadora Gaúcha (RS), Video Service (DF). EUA: Billboard.

Os vídeos mais alugados

6 A MISSÃO

(The Mission, GB, 1986). Drama de Roland Joffé, com Robert De Niro e Jeremy Irons.

7 UMA NOITE ALUCINANTE

(Evil Dead 2: Dead by Dawn, EUA, 1987). Terror de Sam Raimi, com Bruce Campbell e Sarah Berry.

8 A COR PURPURA

(The Color Purple, EUA, 1986). Drama de Steven Spielberg, com Whoopi Goldberg e Danny Glover.

9 ARIZONA NUNCA MAIS

(Raising Arizona, EUA, 1987). Comédia de Joel Coen, com Nicholas Cage e Holly Hunter.

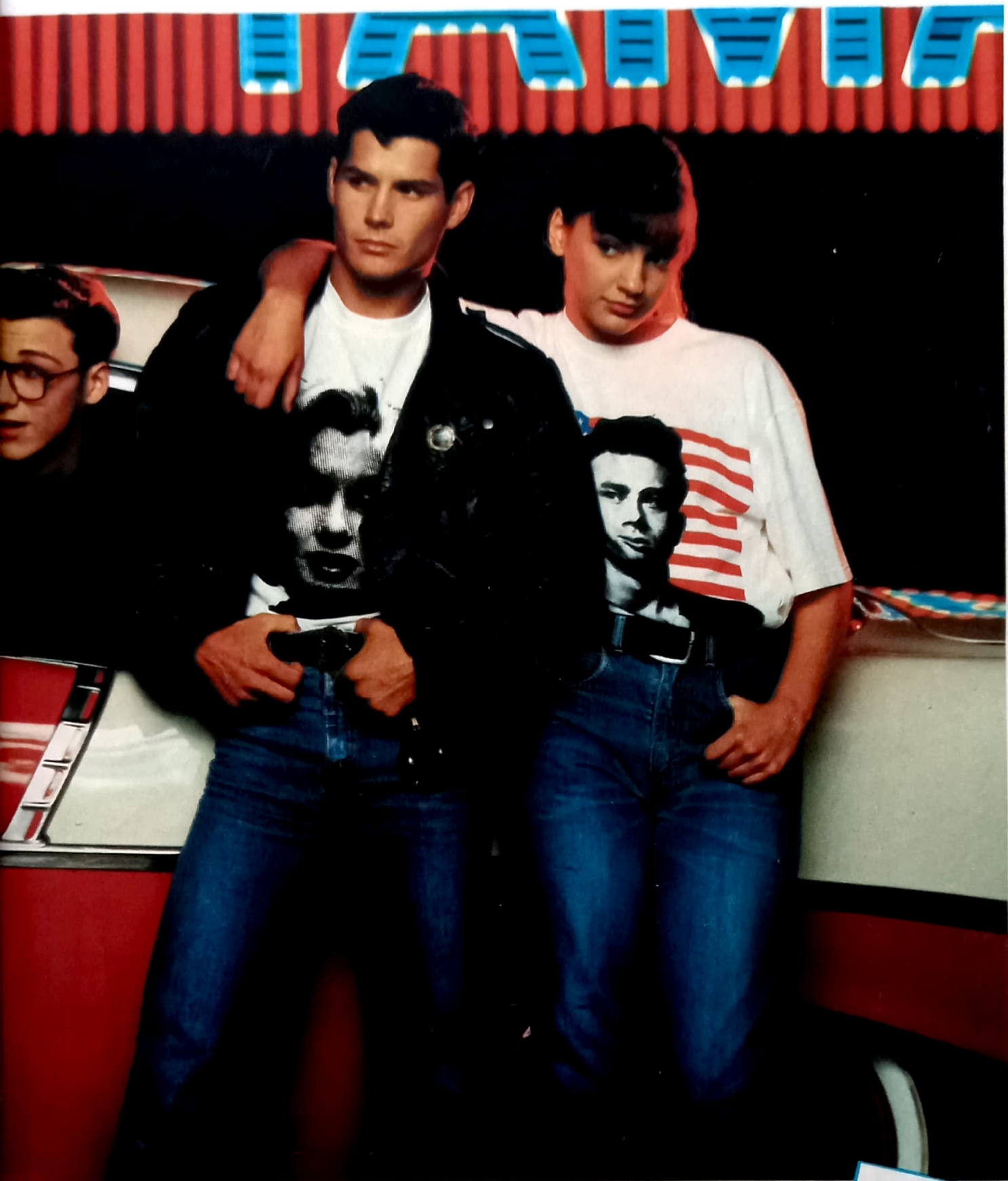
10 OS TRÊS AMIGOS

(The Three Friends, EUA, 1986). Comédia de John Landis, com Steve Martin e Chavy Chase.



Camiseta Hering é

UM DIA ALGUÉM USOU UMA CAMISETA SEM NADA POR CIMA. E A CAMISETA VIROU MODA. O CABELO CRESCE, ENCURTA. A CALÇA FICA MAIS LARGA, MAIS



Juventude Sempre.

JUSTA. TUDO MUDA, MENOS A CAMISETA. PARECE ATÉ QUE A CAMISETA ESTÁ ACIMA DA MODA. CAMISETA HERING, VISTA ESTE CLIMA.



A última travessura de Joe Dante, Viagem Insólita, é a mais alegre novidade de Natal. Uma fusão perfeita de ficção científica, fábula infantil e comédia num espetáculo para gente grande e pequena.



O PARAÍSO

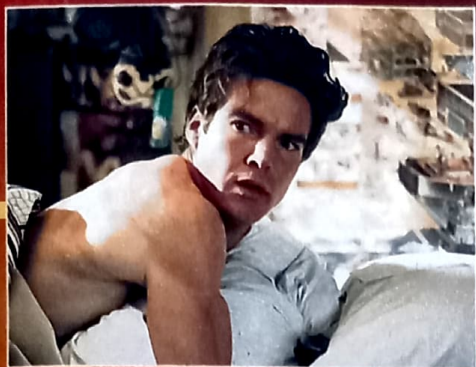


Foto Warner

*Dennis Quaid é o
tenente Tuck Pendelton,
um ébrio e um herói
ao mesmo tempo.
No laboratório maluco
Vector-Scope, ele vai
para dentro de uma nave,
é miniaturizado com ela,
e parte para uma viagem
alucinada para dentro
do corpo humano.*

DE DANTE

"Ai, assim é covardia", ela protesta docemente. O ex-namorado, um piloto tão destemido quanto indisciplinado, um bêbado tão debochado quanto alegre, sabe o que pode convencê-la a passar a noite ali, em seu apartamento. Os dois acabam de chegar de uma festa "black-tie" para os pilotos (heróis) norte-americanos, onde ele deu um vexame alcoolizado mais espetacular que uma acrobacia aérea, e ela procura escapar ao bombardeio desalinhado e decidido de seu trôpego sedutor.

Um braço cibernético instalado na mesinha da sala procura servir vodka num copo fora de posição. Um enorme e reluzente peixe de plástico em cima da pia. Um coelho espremido dentro da gaiola. O apartamento é mais um misto de oficina eletrônica de fundo de quintal e depósito de quinquilharias do que uma morada. Garrafas aqui e ali. Uma canção romântica. "É covardia", e a mais espoleta, saudável e cobiçada estrelinha de última geração se desmancha nos braços da mais recente sensação

masculina das platéias norte-americanas. Meg Ryan, covardemente, beija Dennis Quaid.

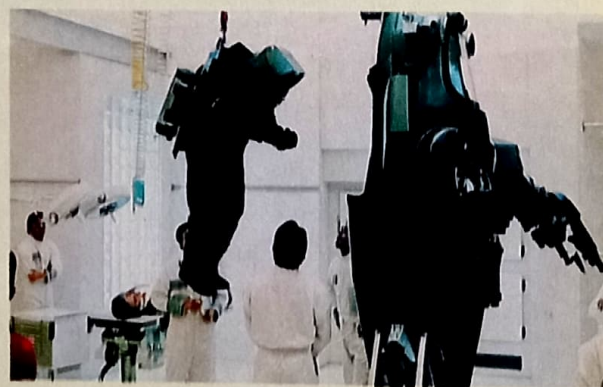
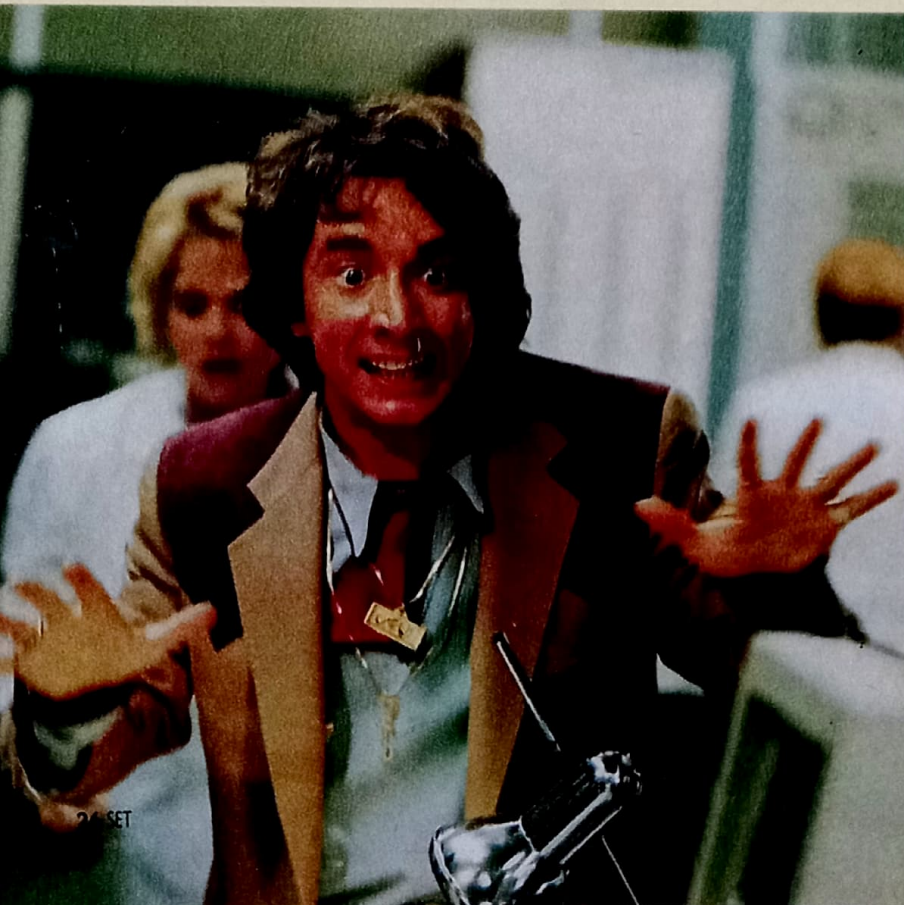
A outra imagem, no outro segundo, já é o outro dia. Sol alto. Ela sai correndo do prédio, um táxi de porta aberta a espera. Ele aparece correndo atrás, toalha de banho na cintura. Ela está resolvida, manda o motorista acelerar e vai embora. A toalha dele vai junto, presa na porta do táxi. Está começando a mais movimentada comédia que entra em cartaz nos cinemas do Brasil durante as festas de fim de ano.

Quaid é o tenente Tuck Pendelton que, para compensar sua reconhecida bravura, é dono de uma notória indisciplina. Tão indisciplinado que bebe em doses dionisíacas e tão destemido que apaixonou-se irreparavelmente por uma jornalista: Lydia Maxwell, a encantadora Meg Ryan. Tuck Pendelton, além de herói, é versado na tecnologia mais avançada, como atestam as bugigangas mecanizadas que compõem a parafernália instalada em seu apartamen-

to. Lydia, além de jornalista, é chegada em aventuras e numa boa história, e avessa a casamento. Principalmente se o noivo é o tenente Tuck Pendelton.

Preterido pelos testes mais avançados da Marinha e por sua garota, ele entra de voluntário num louco experimento de miniaturização, no laboratório (um delirante pardieiro) Vector-Scope, que consegue ser mais engraçado, atabalhado e inseguro do que o apartamento do tenente. Os papéis se perdem, as pessoas não se entendem, as regras de segurança são esquecidas. Ainda assim, está tudo pronto para a contagem regressiva da miniaturização do meio submarino, meio cápsula espacial chamado Karen II. Pendelton está lá dentro. Lydia não sabe de nada. Está no jornal, não vê o tenente desde o dia que levou a toalha dele na porta do táxi.

Se a jornalista Lydia não sabe de nada, sabe muito menos o caixa de supermercado, Jack Putter, interpretado pelo fantástico comediante Martin Short, capaz de fa-



Martin Short é Jack Putter, um hipocondríaco que tem nas veias o piloto microscópico Dennis Quaid. De repente, cai nas mãos dos bandidos





zer até mesmo um moço da TFP dobrar-se de tanto rir. Não gargarhar diante de Martin Short é mais impossível do que não se solidarizar com Tuck Pendelton apaixonado por Lydia Maxwell. Jack Putter, pobre-diabo, não sabe do tenente, da jornalista, da experiência de miniaturização, e nem sabe nada da vida. Não sabe de nada que não seja fazer palhaçadas involuntárias.

O caixa Putter acha que está muito doente, vai ao médico. É hipocondríaco. "Jack, você não precisa de remédios. Você precisa de descanso. Tire umas boas férias, mas lembre-se: nada de excitação!", recomenda o pobre doutor. E lá vai o caixa Putter, todo lampeiro, comprar sua passagem na agência de turismo. "Que tal um romance a bordo?", sugere insinuante o vendedor. "Desde que não me traga muita excitação..." Jack Putter vai sair de férias.

Enquanto isso, no laboratório ultra-secreto Vector-Scope... A miniaturização foi bem, obrigado, o

tenente Pendelton está microscópico dentro de sua microscópica nave, que está dentro de uma seringa de injeção. Vão colocá-lo na corrente sanguínea de um coelho, quando espões industriais invadem o laboratório para roubar o Pendelton microscópico e o *chip* que permite a reversão da experiência. Só quem detém o *chip* é capaz de fazer o tenente voltar a seu tamanho natural. O chefe do laboratório perde o *chip*, mas consegue escapar com a seringa valiosa. Encontra o neurótico Jack Putter pelo caminho. Quando está para ser apanhado pelos espões, injeta o conteúdo da seringa no traseiro do rapaz que só queria tirar umas férias.

Só se passaram alguns dos 118 minutos que compõem este *thriller*, alucinante de imaginação e bom humor. O que vem daí pra frente vai encher de excitação não apenas o coitado Jack Putter, mas todos os outros personagens e toda a platéia. É mesmo covardia demais. Está começando a mais

eufórica aventura de ficção científica do ano.

Desta vez o diretor Joe Dante, que fez *Gremlins*, em 1984 (mais de 200 milhões de dólares nas bilheteiras de todo o mundo), conseguiu realizar muito mais cenas externas (locações em San Francisco) e manter um cuidado técnico de finalização bem mais apurado. Os acabamentos ficaram por conta da Industrial Light & Magic, a ILM, de George Lucas, em San Rafael, na Califórnia, a responsável por alguns recordes de bilheteria como *E.T.*, *Guerra nas Estrelas*, e *Caçadores da Arca Perdida*, e por alguns achados do bom gosto como *As Bruxas de Eastwick*. Tomando conta de tudo, o supertalento Steven Spielberg, como produtor, que produziu ou dirigiu sete dos 20 maiores sucessos de bilheteria de todos os tempos.

Assim, além de atores certos nos papéis certos, além do roteiro veloz e magnético e além das piadas explosivas, o enredo está sustentado num sólido trabalho visual. Se-

Lydia Maxwell (Meg Ryan) é tudo o que um herói pode querer: linda, saudável e inteligente

*O mortífero
Igoe (Vernon
Wells) persegue
os três heróis
em todas as frentes*

ja nas incursões divertidíssimas de Tuck Pendelton pelo corpo de Jack Putter, de efeitos especiais mais evidentes, seja nas malucas metamorfoses faciais de Putter, nas mirabolantes perseguições e correrias ou nos mais sutis detalhes fotográficos, o espectador é metralhado por uma impecável sucessão de poderosas imagens.

Sem este cuidado, a história do malfadado Putter não convenceria ninguém. Os bons recursos de trugagem conseguem dar veracidade às mais absurdas tramóias da história, e tornam realizáveis as tarefas irrealizáveis que Jack Putter terá pela frente. Para começar, ele começa a ouvir a voz do tenente dentro dele. Pendelton instala no tímpano do recatado Putter um transmissor, e na íris esquerda uma câmera de televisão. O que Putter vê, Pendelton também vê. Putter, depois de dar-se por definitivamente biruta, começa a aceitar e dialogar com aquele herói que tem dentro dele. A trama, por bai-

xo da ficção cômica, assume ares filosóficos.

O tímido Putter, sabendo que o tenente Pendelton tem apenas 24 horas de oxigênio em sua nave Karen II, tem de fugir dos espões e, ao mesmo tempo, persegui-los para recuperar o *chip* que possibilita a reversão da miniaturização. Aprende, por necessidade, a ser destemido, a desferir socos e pontapés, a dirigir em alta velocidade, sempre orientado pelo tenente furioso que traz dentro de si. Literalmente, Putter descobre o herói que traz no próprio íntimo — e de neurótico, vai se transformando num empolgado homem de ações perigosas.

Não fosse assim, ele estaria frito. Primeiro, tem de fugir do mortífero Igoe (o australiano Vernon Wells, que apareceu como o inimigo de Mel Gibson em *Mad Max II*); depois, trocar bofetões com o Cowboy (Robert Picardo), o traficante de armas e preciosidades tecnológicas que vem ajudar os

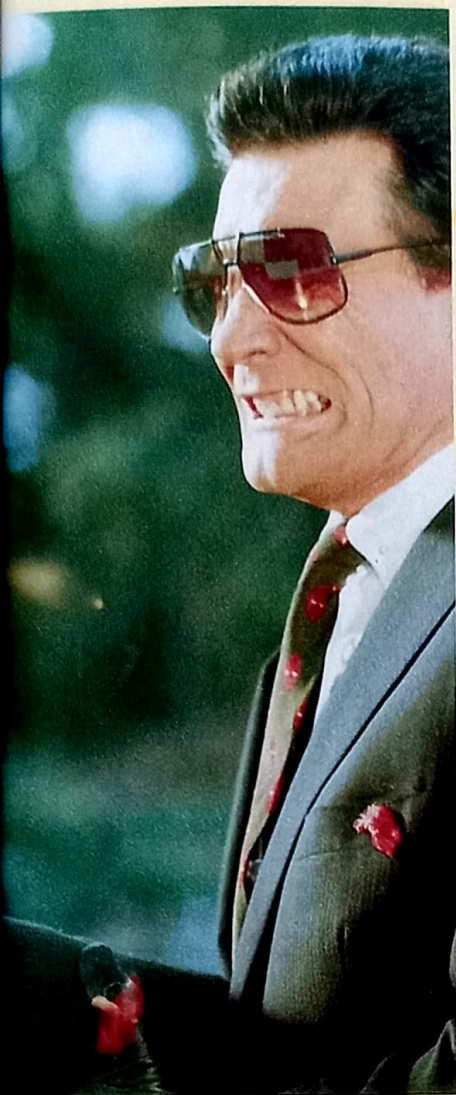
*Quaid está
preocupado:
ele só tem 24 horas
de oxigênio*



espões industriais, e ainda tem de livrar-se dos próprios cientistas do mal, os chefes do mortífero Igoe, o maligno Victor Scrimshaw (Kevin McCarthy) e sua assistente, a doutora Margaret Canker (Fiona Lewis) — tarefas quase impossíveis para um batalhão. Como se não tivesse problemas suficientes, ele é convencido pelo microscópico tenente a procurar a ingrata e estonteante jornalista, que poderá ajudá-los.

Pergunte se o excitadíssimo Jack Putter não se apaixonará pela mesma mulher. A resposta, naturalmente, é sim. Pergunte se o tenente se incomodará por causa disso. A resposta é sim, um pouco. A resposta também é não — ele até se diverte com o que vai rolando entre os dois, e esquece de ter ciúmes. Nesta *Viagem Insólita* não vale nada que não seja alegria de viver. É esta alegria que vai curando o hipocôndrico Jack Putter e é esta alegria que torna as pessoas atraentes e sedutoras — muito





mais do que os estereótipos de galãs e damas fatais. Neste festival de diversão não vale nem mesmo o medo da Aids.

O rompimento com a paranóia da Aids também contribui para fazer de *Viagem Insólita* um oásis solitário em meio às precavidas historinhas das telas de ultimamente. Até o namorador James Bond, na missão deste ano, adotou a fiel monogamia pela primeira vez em sua longa carreira. O detetive Eliot Ness, ao contrário do que se passou na vida real, quando foi encarnado por Kevin Costner, tornou-se um homem casado e puro. Outras duas aventuras deste fim de ano vão na mesma linha. *Super-Homem IV* traz um Christopher Reeve que só quer saber de Lois Lane e nem se lixa para a irresistível Mariel Hemingway, que chega a sentar-se no supercolo dele. O outro é Dan Ackroyd, de *Dragnet*, que é virgem militante e se casa com uma virgem declarada.

O filme de Joe Dante não está

MINIATURAS, COMÉDIAS E FÁBULAS

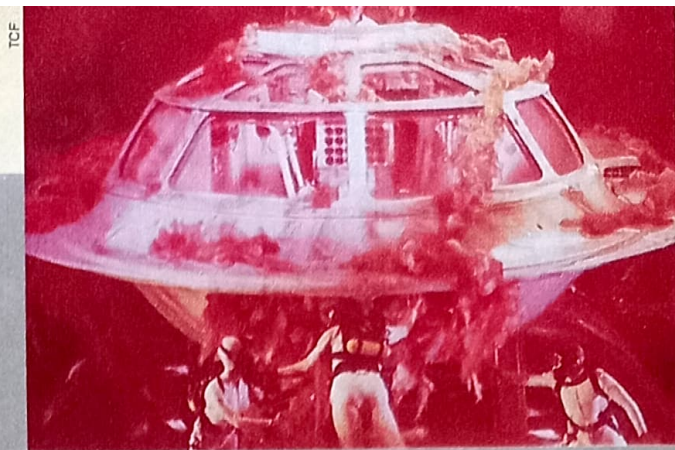
Boa parte do sabor de *Viagem Insólita* pode ser pressentida na corrosiva ironia de três inversões. A primeira delas é de natureza militar: "Depois da corrida armamentista e da corrida espacial", diz Victor Scrimshaw (Kevin McCarthy), o vilão, "dominará o mundo quem controlar a miniaturização". Ora, isso fazem os japoneses! — apressa-se em argumentar um eventual estudante de engenharia. Mas, para Victor Scrimshaw, essa corrida é mais grave do que o domínio da tecnologia dos chips. Trata-se de uma extensão "inner" (para dentro) da teoria nazista do "Espaço Vital", que propugnava a ampliação do poder central pela ocupação militar de mais e mais territórios. Segundo Scrimshaw, o poder sobre a grandeza do planeta advém do poder sobre as menores miniaturas do planeta, numa discreta caçada da megalomania militarista dos poderosos.

A segunda inversão vem no complemento da primeira. É quando o próprio Victor Scrimshaw e sua lasciva assistente são reduzidos a menos da metade de suas alturas normais. Num primoroso trabalho de efeitos especiais, eles contracenam com Putter (Martin Short) e Lydia (Meg Ryan) como agressores empedernidos, ao contrário da totalidade das vítimas de redução de tamanho na história do cinema. Seja no clássico *Dr. Cyclops*, de 1940, de Ernest B. Schoedsack, seja em *O Incrível Homem que Encolheu* (*The Incredible Shrinking Man*, de 1957), de Jack Arnold, para citar apenas dois, os miniaturizados estão sempre na defensiva, não são os atacantes.

A terceira inversão é de natureza medicinal. Quem viu *Viagem Fantástica* (*Fantastic Voyage*, 1966), de Richard Eleischer, que ainda hoje passa na televisão, notou que Raquel Welch e seus companheiros são injetados dentro da corrente sanguínea de um cientista como a única esperança de livrá-lo de uma enfermidade. Em *Viagem Insólita* — um título pobremente insólito, aliás, mas que homenageia o título do filme de 1966 —, o tenente Tuck Pendelton (Dennis Quaid) só entra na corrente sanguínea de Jack Putter (Short) por um capricho cruel do destino, por acidente, mas acaba contribuindo para curá-lo não de um mal físico mas de hipocondria, que é justamente a mania de doença.

Mas a ironia deste novo thriller de Joe Dante prossegue, para além das inversões, nas semelhanças que carrega. Dante fez uma fusão de *Viagem Fantástica* e *Um Espírito Baixou em Mim* (*All of Me*, 1984), de Carl Reiner, onde Steve Martin recebe dentro de si o espírito de uma defunta milionária e infeliz. De *Viagem Fantástica* reconhece-se o visual anos 50 e 60 da nave e dos trajes de Dennis Quaid, e de *Um Espírito Baixou em Mim*, a cômica relação do "possuído" com seu "possuidor".

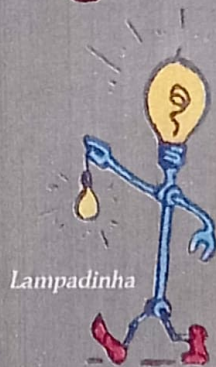
Outras semelhanças ultra-inspiradas conferem a *Viagem Insólita* o status de fábula infantil. É das fábulas infantis que vem a idéia do ser minúsculo que assessora e às vezes substitui a consciência das pessoas. Como o Grilo Falante ajuda Pinocchio, Tuck Pendelton ajuda Jack Putter. Como o Lampadinha ajuda o professor Pardal, Tuck Pendelton ensina caminhos a Jack Putter (como dirigir-se ao laboratório, onde esconder-se) como a fada Sininho faz com Peter Pan. No caso Tuck Pendelton/Jack Putter, porém, há uma recíproca mais do que verdadeira. Muito de sentimentos humanos, por exemplo, Pendelton aprenderá com o tímido Putter. Como os personagens pequeninos de Monteiro Lobato, a boneca Emília e o sabugo Visconde, que ensinam truques de esperteza e conhecimentos técnicos às crianças de verdade, mas que ganham sua verdadeira dimensão humana daqueles a quem dão ensinamentos.



O trambolho cafona de *Viagem Fantástica*, de 1966



Grilo Falante



Lampadinha



Fada Sininho

O triunvirato
da euforia:
Short, Quaid
e Meg Ryan



TRÊS AMIGOS SOB MEDIDA

Dennis Quaid saiu com lágrimas nos olhos da sessão de estréia de *Viagem Insólita*, em Nova York, em julho passado. Foi "uma felicidade inqualificável". De fato, a platéia adorou.

Depois de seu desempenho como o tenente Tuck Pendelton em *Viagem Insólita*, as coisas mudaram muito para este ator de 33 anos, apontado como o principal rival de Kevin Costner na disputa do título de maior galã deste final de década. Ele está nas telas dos Estados Unidos em dois outros filmes: em *The Big Easy*, de Jim McBride, onde ele até canta, e, bem, faz o papel de um tira corrupto regenerado pela sensual Ellen Barkin ("Ele simplesmente exala sexo", avaliou a atriz), e em *Suspect*, de Peter Yates, ele é um canhestro cabo eleitoral que encontra a incorruptível advogada Cher.

Nascido em Houston, Texas, filho de um ator frustrado e irmão mais novo do ator Randy Quaid (*A Última Sessão de Cinema*, *O Expresso da Meia-Noite*), Dennis lutou boxe, foi garçom e vendedor de enciclopédias antes de se ver diante das câmeras. Estudou arte dramática no colégio simplesmente porque "era a única sala com ar condicionado". Estudou representação durante dois anos na Universidade de Houston antes de ir para Hollywood, onde bateu de porta em porta à procura de um papel. Conseguiu um tão pequeno em *Crazy Mama* (Jonathan Demme, 1975) que acabou caindo fora na montagem final do filme, destino que curiosamente coube também a Harrison Ford (eliminado quase inteiramente na edição de *Zabriskie Point*, de Antonioni, 1970) e Kevin Costner (apagado na versão final de *O Reencontro*, de Lawrence Kasdan, 1983).

Nos doze anos seguintes, Quaid apareceu em dezessete filmes, em papéis mais ou menos obscuros. Destacou-se particularmente em *O Vencedor* (de Peter Yates, 1979) e *Os Eleitos* (de Philip Kaufman, 1983), como o astronauta Gordon Cooper. E provou ser versátil: representou desde um homem das cavernas (em *Caveman*, 1981) até um Robinson Crusoe interplanetário (em *Inimigo Meu*, de 1985). Durante as filmagens de *Os Eleitos* aprendeu a pilotar e tirou secretamente seu brevê; para fazer *Suspect* conviveu com quatro experientes e inescrupulosos cabos eleitorais de Washington.

Quaid agora recusa pilhas de propostas e só pensa em descansar em sua fazenda de 1.400 acres em Montana, um pedaço de terra onde já moraram Sam Peckinpah e Warren Oates. Ao lado de Quaid, a grande sensação de *Viagem Insólita* é Jack Putter, ou melhor, o supercomediante de TV Martin Short, um canadense de 34 anos que está no seu segundo longa. O primeiro foi *Três Amigos*. Dante arranjou uma deixa para ele contracenar com dois colegas do SCTV Comedy. São Joe Flaherty e Andrea Martin, que estão na sala de espera do consultório quando Jack Putter ouve a voz do Tenente Pendelton, de dentro do seu corpo, e julga estar enlouquecendo.

A jornalista Lydia, a gatíssima loirinha Meg Ryan, é o terceiro e mais aconchegante vértice do triângulo. Meg tem 26 anos apenas. Já esteve em *Ricas e Famosas*, *Ases Indomáveis* e *Armados e Perigosos*. Volta em cartaz em *D.O.A.*, novamente ao lado de Quaid. Ele é um professor envenenado que, com 48 horas, arranja tempo para se envolver de novo com ela. *D.O.A.* estréia em janeiro nos EUA.

nem aí. A arquivilã, doutora Cancker (Fiona Lewis), é uma devassa praticante que abocanha tudo o que lhe passe na frente. Ela prefere ser rigorosamente organizada e higiênica em sua vida profissional, e mantém um laboratório infinitamente superior ao laboratório Victor-Scope, dos mocinhos. A heroína Lydia Maxwell, se não adota igual luxúria, não se aperta por convenções de assepsia física ou moral. Ela mantém uma vida, por assim dizer, aberta.

A própria idéia de injetar no corpo de alguém, que só quer sossego, uma nave microscópica que desencadeia elevada excitação, nos dias de hoje, não deixa de ser uma imagem destoante. Como se não bastasse, o tenente, dentro da nave Karen II, vaga pelo corpo humano como um vírus, em tais condições que, de acordo com certas circunstâncias, pode passar do corpo de um para o corpo do outro.

Com tamanha profusão de idéias e esta quantidade de leituras possíveis, os adultos têm diversão certa. Mas *Viagem Insólita* é um excelente programa para a garotada: as crianças têm garantida uma eletrizante correria na tela, para torcer e gargalhar. Eis aqui um filme feliz e otimista. Feliz e otimista como fica o caixa Jack Putter quando, no começo deste thriller, vai até o apartamento de Tuck Pendelton e acaba tomando um gole e dançando rock pela primeira vez em sua vida. Ele coloca na supereletrônica vitrola do tenente a voz de Rod Stewart cantando "Twistin' the Night Away", de Sam Cooke, e se chacoalha deliciado e hilário. "Eu não sabia que era assim maravilhoso", descobre. **Eugênio Bucci**

Innerspace, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Joe Dante ■ Com Dennis Quaid, Meg Ryan, Martin Short, Kevin McCarthy, Fiona Lewis, Vernon Wells ■ ROTEIRO: Jeffrey Boan e Chip Troser ■ FOTOGRAFIA: Andrew Laszlo ■ PLANEJAMENTO VISUAL: James H. Spencer ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ PRODUÇÃO: Steven Spielberg ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

PRESENTEIE COM EMOÇÃO NESTE NATAL



Sua nova opção de qualidade

Uma gostosa comédia italiana onde as mulheres vão aprender como ficar tranquilas em suas férias enquanto seus maridos ficam na cidade (ou vice-versa).

LANÇAMENTO



A Virgem, o Touro e o Capricórnio

Uma grande comédia italiana com humor e sensualidade onde os signos traduzem o comportamento das pessoas. Vale a pena assistir. Você vai rir muito!

LANÇAMENTO



A Esposa em Férias e a Amante na Cidade

LANÇAMENTO



TERROR NAS TREVAS!

(IL ALDILA)

Você vai sentir o terror do outro lado da morte. É o Terror nas Trevas. Você entrará no avesso da vida.



PAVOR

NA CIDADE DOS ZUMBIS

A Sensualíssima Ciciolina



Bonus

Com este cupom, você ganha **10%** de desconto na compra de qualquer fita acima. Ligue para o tel. 021-275-6594 ou 275-6796 ou no endereço: Rua Paullino Fernandes, 64 - Botafogo - RJ.

TITÃS



SIMPLE



MINDS

hollywood

SIMPLY
RED



MARINA



PRETENDERS



PARALAMAS



ULTRAJE



**DURAN
DURAN**

UB-40



**LULU
SANTOS**



SUPERTRAMP



**CONSULTE
OS ASTROS.**

JANEIRO 88

IRA



**INGRESSOS À VENDA
NO BAMERINDUS**



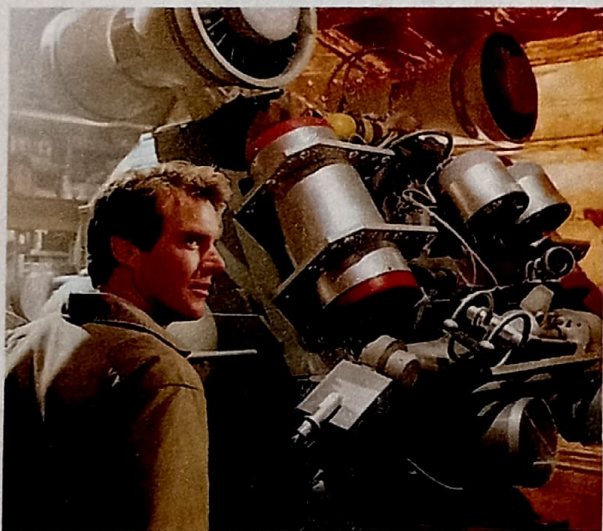
VARIG
A nossa Varig.
TRANSPORTADORA OFICIAL

- | | | | |
|--------------|---|-----------|---|
| RIO 6 | IRA
TITÃS
PRETENDERS | 13 | IRA
TITÃS
PRETENDERS |
| 7 | PARALAMAS
UB-40
SIMPLE MINDS | 14 | PARALAMAS
UB-40
SIMPLE MINDS |
| 8 | ULTRAJE A RIGOR
SIMPLY RED
DURAN DURAN | 15 | ULTRAJE A RIGOR
SIMPLY RED
DURAN DURAN |
| 9 | LULU SANTOS
MARINA
SUPERTRAMP | 16 | LULU SANTOS
MARINA
SUPERTRAMP |



Prod. DB

Joe Dante, diretor de Viagem Insólita, nesta entrevista exclusiva, recorda detalhes de sua carreira e reafirma o cinema liberto dos roteiros rigorosamente planejados. Para ele, a criatividade e os improvisos são os melhores trunfos do diretor.



Warner

"DIRIGIR É INTUITIVO"

O escritório nos estúdios da Warner Films, em Burbank, ao norte de Los Angeles, parece mais um museu de história do cinema contemporâneo: um poster de *Vertigo* (*Um Corpo que Cai*), a nave espacial de *Explorers* (*Viagem ao Mundo dos Sonhos*) em miniatura, vários bonecos do filme *Gremlins*. O ocupante do escritório não parece se preocupar com outra coisa a não ser o que vai para (ou sai da) tela prateada. E a maneira como fala — entusiasmado, confiante, não se vexando do falsete que às vezes surge da garganta nos momentos de maior animação durante a conversa — trai essa sua paixão por filmes, imagens, personagens, criação, finalização.

O ocupante desse escritório meticulosamente arrumado — apesar do indefectível pedido de desculpas pela bagunça — aparenta muito menos do que os 40 anos que tem. Parece muito mais jovem que nas fotografias ("esta gente cisma de me fotografar quando estou passando pelo maior stress") e age com a autoconfiança e a tranquilidade de alguém que venceu inúmeras batalhas num território bélico e inclemente — Hollywood. Não é por menos: *Gremlins*, *Grito de Horror* (*The Howling*), *No Limite da Realidade* (*Twilight Zone*) e *Viagem In-*

sólita (*Innerspace*) não são filmes que se possa chamar de fracassado. E todos eles saíram da cabeça meio calva desse ocupante que não se importa em misturar ternos e tênis: Joe Dante.

SET — Vamos começar falando do passado. Li em algum lugar que você havia dirigido um filme, muito tempo atrás, chamado *The All Night Long Once in a Lifetime Atomic Movie Orgy*, que durava sete horas. O que foi isso, afinal?

Dante — Na verdade eu não dirigi. Era um filme de compilação. Eu o editei. Era uma coleção de partes de longas já existentes e comerciais de TV, mais partes de desenhos animados, e tudo foi editado junto para dar a impressão de que era uma história. E era muito engraçado. Exibíamos o filme em universidades, e ele me manteve vivo durante os tempos em que trabalhei com Roger Corman. Eu ganhava mais grana com este filme do que trabalhando para Roger.

SET — E quando foi isso?

Dante — Isso começou quando eu ainda estava na universidade, em 1965, e durou até 1975. Quer dizer, foi um tempo enorme. E nós íamos modificando o filme de acordo com as mudanças da moda.

SET — Então, o primeiro filme que



Warner

você dirigiu, na verdade, foi mesmo Hollywood Boulevard?

Dante — Sim, eu fui um dos dois diretores do filme, o outro era Allan Arkish. Nós dois trabalhávamos fazendo *trailers* para Roger Corman e queríamos realmente dirigir um filme. Quando você faz *trailers*, você tem de estudar o filme, precisa encontrar trechos que o condensem em dois minutos. E nós começamos a analisar estes filmes e descobrimos como era simples fazer aquele filme. Então começamos a encher o saco de Roger: "Por favor, deixe-nos dirigir um filme!" E ele não queria nos deixar dirigir porque precisava de nós fazendo *trailers*. Se sássemos, ele precisaria contratar novas pessoas. Tanto insistimos que ele disse: "OK, vocês podem fazer um filme, mas precisa ser o mais barato possível, o mais barato que eu já tenha feito aqui na New World Pictures, e vocês têm dez dias para fazê-lo!" Então inventamos um roteiro baseado em cenas já filmadas de filmes que havíamos usado para fazer *trailers* — nós já conhecíamos aqueles filmes muito bem —, e aí criamos uma história sobre uma produtora de cinema fazendo todo tipo de filmes. Assim

podíamos usar filmes de selva, filmes com acidentes de carro, filmes sobre viagens espaciais, e tudo mais, e ainda assim dar a impressão de que tudo aquilo fazia parte de um só filme. E... ficou um filme bastante esotérico. Isso foi em 1975.

SET — E seu projeto seguinte foi Piranha...

Dante — Bom, meu projeto seguinte foi voltar a fazer mais *trailers*. *Hollywood Boulevard* não

uma produtora de verdade e gastou um bocado de dinheiro promovendo-o. Roger nunca entendeu por que o filme nunca deu dinheiro aqui, nos Estados Unidos, e é claro que a razão é porque ele nunca gastou dinheiro algum em publicidade.

SET — E essa foi a primeira vez que você teve contato com Spielberg?

Dante — Não, eu nunca cheguei a entrar em contato com ele nessa época.

Acima, o diretor é figurante em Viagem Insólita, no laboratório em que Dennis Quaid (na esquerda, abaixo) será miniaturizado. No alto, à esquerda, um Gremlin cavalga Joe Dante

"Eu me espantei ainda mais quando vi esse script que não tinha pedido pra ver. E vinha de Spielberg!"

foi propriamente um filme que tenha incendiado o mundo de tanto sucesso. Então voltamos aos *trailers*. Os dois únicos outros projetos que havia depois daquilo eram *Rock and Roll High School* e *Piranha*. Allan vinha querendo fazer um filme de rock desde que era garoto, então acabei ficando com o *fish movie* (o filme do peixe).

SET — E, no fim das contas, *Piranha* foi muito bem-sucedido...

Dante — Na verdade foi, yeah. Na Europa, particularmente, porque no exterior o filme era distribuído pela United Artists, que é

SET — Mas foi Spielberg quem impediu que a Universal não processasse você por causa de *Piranha* (que havia sido lançado pouco tempo depois de outro fish movie famoso, *Jaws*). Aparentemente ele teria gostado tanto de *Piranha* que detonou qualquer possibilidade de processo.

Dante — Foi o que acabei descobrindo mais tarde. Na verdade só fui descobrir isso dois anos depois de já ter conhecido Spielberg.

SET — Mesmo assim, você ficou surpreso quando foi convidado para fazer *Gremlins*?

Dante — Eu fiquei chapado! Não conseguia acreditar. Quer dizer,

Cena de
Grito de Horror

quando eu estava fazendo filmes para Roger... Você está fazendo um parto anônimo, ninguém sabe quem você é e você nem sabe se alguém sequer vê os filmes! E quando eu fiz *Grito de Horror*, que foi um filme ligeiramente maior, mas ainda era considerado um filme B... E depois de *Grito de Horror* eu fiquei sem fazer filmes por dois anos e por isso me espantei ainda mais quando recebi esse *script* que eu não havia nem pedido para ver. E vinha de Spielberg.

SET — *Spielberg é famoso por exercer controle total sobre todas as etapas de uma filmagem, por manter toda a equipe com rédeas curtas...*

Dante — Nunca vi isso. E eu estava um pouco preocupado porque Tobe Hooper havia acabado de fazer *Poltergeist* e tinha havido muito sofrimento e infelicidade durante aquelas filmagens, por



Columbia

bem assim. Mas eu tive como fazer minha parte do jeito que eu queria. E, até onde eu sabia, Spielberg nunca viu o filme depois de pronto.

SET — *Qual dos segmentos de No Limite da Realidade você dirigiu exatamente? Até hoje me confundo com os créditos do filme.*

Dante — John Landis fez a primeira parte. Spielberg fez a segunda. Eu fiz a terceira parte, sobre o garoto e os desenhos animados. George fez a parte sobre o cara no avião e eu fiz o epílogo.

SET — *Soube que Martin Short (de*

você precisa tentar ajustar o filme para acomodar aquilo, e, na verdade, o que está fazendo é pegar todos os elementos para ver o melhor que pode fazer com eles. Às vezes existem partes bastante importantes do filme que não funcionam tão bem e você precisa achar uma maneira de burlar.

SET — *Você fazia trailers para Roger Corman. De certa forma você pode compará-los a videoclips, hoje em dia, porque são curtos e precisam transmitir uma determinada idéia a respeito de um outro produto. Você em algum momento se sentiu inclinado a dirigir videoclips, como tantos outros diretores de cinema vêm fazendo — John Landis, David Lynch, Martin Scorsese?*

Dante — Acredite se quiser: algumas semanas atrás o grupo The Cars me pediu que fizesse um clip para eles. Me mandaram uma canção e ouvi a música... Era uma música boa, mas não me fez pensar em coisa alguma, não tive uma idéia sobre o que gostaria de fazer com ela. Então tive de ligar para eles e dizer que não era o cara certo para fazer aquilo. E eles: "Não, não, não. Nós queremos que você faça!" E eu: "Acho que não, acho que vocês precisam de alguém que tenha verdadeira paixão pela música (do clip), alguém que tenha uma idéia!" E por essa razão até hoje não fiz um clip. Ninguém até hoje me ofereceu uma canção que me motivasse e me fizesse pensar em algo. Eu não queria simplesmente fazer mais um videoclip que fosse igual ao clip de qualquer outra pessoa. Gostaria de fazer alguma coisa diferente. Especialmente com o The Cars.

"Você nunca sabe o que vai acontecer — este é um dos aspectos mais divertidos de estar em Hollywood. Nunca sei quais são meus próximos projetos"

isso sentia alguma trepidação por estar indo fazer *Gremlins*... Mas acontece que nesse meio tempo eu fiz um dos segmentos de *No Limite da Realidade* e... Por causa do acidente que havia acontecido na realização de *Twilight Zone* (que acabou vitimando o ator Vic Morrow e duas crianças que eram extras), ninguém estava disposto a se envolver com aquele filme. Todo mundo meio que disse: "Ah, deixe que eles façam o filme, vamos ficar fora disso..." E então não havia ninguém disponível para filmar. E George Miller e eu acabamos filmando nossos segmentos sem supervisão alguma. Foi ótimo! George se divertiu tanto que acho que ele acabou acreditando que toda produção americana seria sempre tão independente assim. E acho que mais tarde ele descobriu que a coisa não era

Viagem Insólita) improvisou muita coisa durante as filmagens.

Dante — Sim, mas nunca o bastante para que o filme fosse significativamente alterado. Vi muito filmes onde as pessoas improvisaram... E às vezes o diretor fica tão apaixonado com os improvisos que deixa de lado a trama e fica com os improvisos, e assim você fica com uma porção de momentos agradáveis num filme sem história alguma. Você precisa ter cuidado para manter as coisas caminhando na direção certa. E às vezes o filme muda na medida em que vai sendo feito — sua idéia de que caminho aquilo deveria tomar é diferente quando você vê os *dailies*, quando você vê que um personagem é melhor que o outro, quando alguém faz alguma coisa imprevisível e aquilo funciona melhor do que qualquer outra coisa. E

GLADIATOR. CHEGOU A VINGANÇA SOBRE RODAS.

Duelo de morte em Los Angeles. De um lado, o "Carro da Morte". O piloto é o terror dos motoristas e da polícia. Um maníaco assassino solto.

Do outro lado, Gladiator. O único capaz de enfrentar o "Carro da Morte". Uma verdadeira máquina de guerra.

A coisa vai pegar fogo. Fique em casa hoje à noite. Com Gladiator.

DISPONÍVEL EM VHS E BETAMAX.

VIDEO
pole

POLE-VÍDEO COMUNICAÇÕES LTDA.
Rua dos Andradas, 241 - CEP 01208
Tel.: (011) 220-5022 - São Paulo - SP.

GLADIATOR

*Os Gremlins
matam os bonzinhos
e vão ao cinema*

SET — Muita gente considera *Viagem ao Mundo dos Sonhos* um filme spielberguiano, por assim dizer. E você já disse que o prefere a *Gremlins*. Dante — Consideram *Viagem ao Mundo dos Sonhos* um filme spielberguiano? De alguma forma eles são similares, no sentido de que a primeira metade de *Gremlins* está mais para Spielberg e a primeira metade de *Viagem...* também. Mas a segunda metade de *Gremlins* não tem nada de filme de Spielberg e a segunda metade de *Viagem...* é propositalmente diferente de um filme de Spielberg, porque um dos problemas que este filme teve nos Estados Unidos foi que as pessoas esperavam que as crianças (do filme) fossem achar Deus no espaço sideral. Como vinham fazendo em *Cocoon* e *E.T.* E a mensagem era exatamente o oposto, o que era proposital. Por isso o filme foi feito da maneira que foi feito.



Estávamos pensando em Clint Eastwood. E por pouco ele não fez o filme. Durante cerca de quinze minutos ele pensou seriamente em fazer. Mas as datas de filmagem não coincidiram com outros compromissos dele. E na hora que reduzimos a idade daquele papel nossas escolhas ficaram bastante reduzidas também. Existe muito pouca gente realmente boa na faixa etária de Dennis. Com Jack Putter, o personagem de Short, foi muito mais fácil. Martin foi o primeiro ator que testamos

de um filme, o que você pode contribuir para ele na edição geralmente não é levado em conta no mundo social de Hollywood. Os editores não levam o crédito devido. Uma das razões por que isso acontece é que eles, os editores, sabem demais: sabem quem não consegue iluminar bem, quem não consegue gravar bem o som, quem não consegue representar, quem não consegue dirigir bem. Eles sabem de tudo isso porque a função deles é fazer com que tudo isso pareça certo. Não importa quanto custe o filme, você sempre está com pressa, tomando decisões repentinas, sempre tendo de mudar de idéia rapidamente, sempre tendo de lidar com algum tipo de crise; você não tem uma chance de realmente pensar. Para mim, dirigir é mais intuitivo, mas quando você de fato vê o filme, vai para casa, pensa sobre ele e faz determinadas escolhas em relação a ele para no dia seguinte voltar ao trabalho e fazer aquelas mudanças... Acho que essa é a parte mais recompensadora de todas (na realização de um filme), porque é onde você vê o filme tomar forma, é onde descobre o que realmente tem nas mãos. Ou não.

SET — E depois de *Viagem Insólita*, quais são seus projetos seguintes?

Dante — Não sei. Nunca sei. O que é um dos aspectos mais divertidos de se estar em Hollywood — você nunca sabe o que vai acontecer. Não deixa de ser assustador, mas... Eu gostaria de fazer um filme que não tenha efeito especial algum, sem monstros. Um filme normal. Estou trabalhando num projeto pequeno

"Descobri que o estilo visual dos filmes que fiz vinham do fato de que eu costumava ler histórias em quadrinhos"

Não sinto que o começo dele seja de maneira alguma menos genuíno que a segunda parte. Embora a platéia tivesse achado ter visto dois filmes diferentes. Eu realmente não faço filmes como os de Spielberg e acho que é por isso que ele gosta de me contratar, provavelmente, porque vejo as coisas de uma forma diferente da dele.

SET — Por que você escolheu Martin Short e Dennis Quaid para os papéis principais de *Viagem Insólita*, seu último filme?

Dante — Quando o script original do filme foi escrito, o papel de Dennis pedia um ator mais velho. Era para ser o papel de um cara que já tivesse sido um astronauta, para lhe dar uma idéia. E, quanto mais desenvolvíamos o script, mais percebíamos que estávamos fazendo daquele papel a figura de um pai, em relação ao outro personagem.

para o papel, e ele foi perfeito. Se bem que originalmente tivesse rolado um papo de que Michael J. Fox (de *De Volta para o Futuro*) poderia fazer o papel de Putter. Michael é maravilhoso, mas não teria sido a mesma coisa. Se tivéssemos feito *Innerspace* com Clint Eastwood e Michael J. Fox, o filme teria saído consideravelmente diferente. E acho que eu não teria gostado tanto assim, porque não teria saído tão excêntrico quanto saiu.

SET — Você já esteve envolvido em todas as etapas da feitura de um filme — roteiro, bolação, direção, edição, trailer. De que parte você gosta mais desse processo todo?

Dante (sem titubear) — A edição (montagem)! Em parte digo isso porque comecei como um editor, mas basicamente digo isso porque acho que é uma das partes mais incompreendidas e subestimadas da realização de um filme. O que você pode fazer em favor



Quando a Philips inventou o Sistema Compact Disc Digital Audio, o som digital a laser, os críticos e amantes de música ficaram emocionados com o som puro e perfeito. Sem distorções, chiados ou ruídos. Além disso, o processo de leitura óptica que não desgasta o disco e a película protetora que recobre a gravação digital tornaram os discos quase eternos.

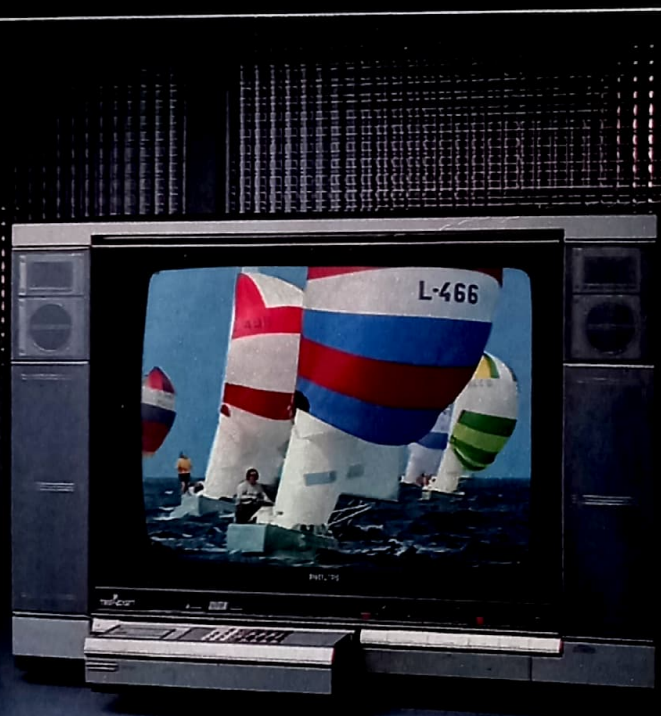
Mas o Compact Disc é hoje mais do que uma maneira de obter um som puro e perfeito. A Philips levou o CD mais longe desenvolvendo o CD-ROM (Read Only Memory), que com seus 600 megabytes pode armazenar até uma enciclopédia completa.

E o CD-Interactive, que dá acesso de forma interativa e simultânea a um sistema multimídia, com áudio, vídeo, textos e dados.

Produzido na Zona Franca de Manaus



Philips. Dá o tom em matéria de som.



Produzido na Zona Franca de Manaus

Mas se a Philips aperfeiçoa o som e a imagem da era digital, também aperfeiçoa seus aparelhos de TV. E aí está o Trendset 20 Stereo Decoder Equipped. Imagem perfeita, som perfeito e estéreo. Painéis de conexão que permitem ligar diversos equipamentos de áudio e vídeo ao mesmo tempo.

E sistema de controle remoto destacável, o mais completo disponível no mercado, com 31 funções. Tanto o Compact Disc como o Trendset 20 Stereo Decoder Equipped são provas de como a pesquisa da Philips é usada para inovar sempre, dando mais colorido à sua vida.

Philips. Produtos de última geração.



PHILIPS

A nave super
improvisada de
Viagem ao Mundo
dos Sonhos

que talvez dê certo e também me mandaram um livro de Stephen King que é muito interessante e pode virar um bom filme. Chama-se *The Tommyknockers*. Ainda não saiu. Quer dizer, estou falando aqui sobre esses projetos e nem sei se eles vão dar frutos. É muito difícil saber se você vai fazer alguma coisa antes de estar realmente fazendo esta coisa. É duro prever o futuro... Mas é só nisso que sei trabalhar. Estou destinado a ficar nessa profissão porque não sei fazer outra coisa.

SET — Tive uma reflexão meio filosófica outro dia desses a respeito de seus filmes: neles parece haver um tema recorrente de perseguição — existe o perseguidor e o perseguido. E há sempre crianças. Será fantasia minha?

Dante — E cachorros também. Notei isso no ano passado.

SET — E isso é consciente?

Dante — Você está certo (na re-



destruição da velha guarda — não eram premeditadas. Porque Roger não é um cara pretensioso. E alguns dos livros que escreveram a respeito dele eram muito pretensiosos. Nem sei se ele se sentiu confortável com isso. Mas não significa que não seja verdade, não significa que todas as coisas que as pessoas apontaram nos filmes dele não sejam verdadeiras. Acho que muitos dos melhores filmes foram feitos por pessoas que não sabiam que estavam fazendo bons filmes

lindas. Adoro a qualidade pictórica delas. A qualidade gráfica. Eu tentei ser assim em meus primeiros dois filmes. Mas vi que não era capaz, porque não havia maneira de planejar determinados tipos de coisas. Porque em *Piranha*, por exemplo, íamos rodar em lugares onde nunca tínhamos grana para fazer locações! A gente chegava a um lugar com o elenco e a equipe técnica, e começava: bom, isso pode ser (filmado) ali assim, esta outra cena pode ser mais para cá. E foi um ótimo treinamento, porque às vezes você precisa fazer isso em filmes de orçamento maior. Mais tarde descobri que o estilo visual dos filmes que fiz vinha do fato de que eu costumava ler histórias em quadrinhos. Costumava desenhar minhas próprias histórias em quadrinhos. E os filmes que faço agora se parecem com os storyboards que eu desenhava. Só que agora não preciso mais desenhar. Gosto da idéia de modificar as coisas de um instante para o outro.

por José Emilio Rondeau,
de Los Angeles **ET**

"E então não havia ninguém disponível para filmar. E George Miller e eu acabamos filmando nossos segmentos (de Limites da Realidade) sem supervisão alguma"

flexão), mas não é consciente, porque eu acredito muito em *inconscious filmmaking*, e isso você pode ver em meu trabalho que é, na maior parte, inconsciente. Você vai e faz um filme porque ele o interessa. E as coisas que são interessantes para você podem acabar sendo sempre as mesmas. Mas uma das coisas divertidas, para mim, quando vejo o trabalho de um diretor que é genial — ou mesmo de um diretor que seja apenas interessante — é descobrir que ele tem tantas obsessões. Quer dizer: veja só todos os livros que foram escritos a respeito de Roger Corman. Há muita gente que não acredita que Roger seja um cara bom de cinema. Acho que ele é. Ou era. Mas não há dúvida de que todas aquelas coisas que estão nos filmes dele — a preocupação com olhos, figuras paternas, toda a

SET — Você está querendo dizer que muito planejamento é daninho para um filme?

Dante — Não. Simplesmente esse não é meu estilo. Outras pessoas podem fazer isso. Hitchcock costumava dizer que fazer filmes era chato para ele, porque já tinha feito o filme inteiro na cabeça e desenhado como ele deveria ser e depois ainda tinha de filmá-lo. Gostaria de achar que seria capaz de trabalhar dessa maneira. Mas não sou assim. A maior parte do que faço nos filmes é espontânea. Gosto de espontaneidade. Costumava fazer storyboards como um escravo. "Storyboardiava" tudo o que fazia. Porque eu era um grande fã de William Callamenzis, um grande diretor de arte que se tornou diretor de cinema. Todas as cenas dos filmes dele são cuidadosamente planejadas. E são

FILMOGRAFIA

HOLLYWOOD BOULEVARD (1976) • PIRANHA (1978) • GRITO DE HORROR (The Howling, 1981) • POLICE SQUAD (1982) • NO LIMITE DA REALIDADE (Twilight Zone-The Movie, 1983) • GREMLINS (1984) • VIAGEM AO MUNDO DOS SONHOS *Explorers*, 1985* • AMAZON WOMEN ON THE MOON (1987) • VIAGEM INSÓLITA (Innerspace, 1987)

* Disponível em vídeo

Feliz Natal



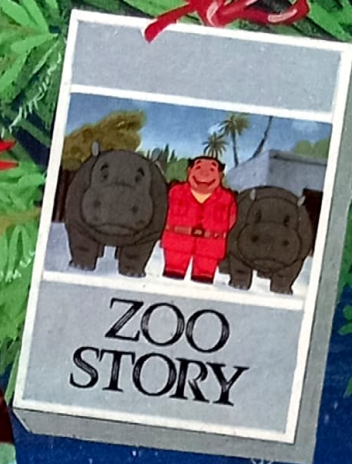
Traz
para você...

A estória do mais famoso
monstro criado por um
cientista, e o seu amor
pela pequena Emily.



FRANKENSTEIN

LANÇAMENTO



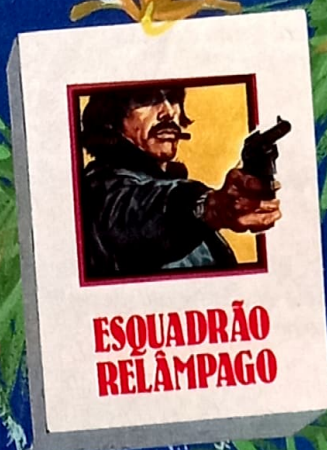
**ZOO
STORY**



LANÇAMENTO

ARBE LAS

A estória do
herói espacial
e seus amigos robots,
que já conquistou
toda Europa.



**ESQUADRÃO
RELÂMPAGO**



LANÇAMENTO

**NOVA GUINÉ
A ILHA DOS
CANIBAIS**



**AS MAIS FAMOSAS
FÁBULAS DO MUNDO (II)**

O mais terrível, original,
verdadeiro filme sobre
NOVA GUINÉ.
CENAS REAIS DE CANIBALISMO.
Três anos de trabalho. 100.000
metros de negativo
neste filme.

Bônus
Com este cupom, você ganha
de desconto na
10% compra de qualquer
fita acima. Ligue para o
tel. 021 275-6594 ou
275-6796 ou no endereço:
Rua Paulino Fernandes, 64 -
Botafogo - RJ.

SEM COMENTÁRIOS

"... as personagens são sempre belas ninfetinhas... mas com forte personalidade..."

(JOSÉ AUGUSTO AIDEIRA)
Video News

"... a vitória do desenho animado..."

Iris Foto

"... clima de erotismo, sensualidade e sexo explícito..."

(CELSE SABADIN)
Video Business

"... com certeza irá agradar a todos os amantes do gênero..."

Vide Video

"... estas menininhas... vão botar muita gente boa (Elle Rio...) para escanteio..."

Tchevideo

"... combina sedução e aventura..."

Vide Video

"... chama a atenção não só pela qualidade do desenho... como pela mala direta..."

Iris Foto

"... excelente qualidade de imagem e desenhos de rara beleza e sensualidade..."

Vide Video

"... desenhos muito animados..."

Iris Foto



"... estas fitas trabalham com um roteiro mais intenso..."

Video Home Jornal

"... é delicado e sensível..."

(CLAUDIO ODRI)

O Estado de São Paulo/Caderno 2

"... resgata de uma forma muito feliz o lado criativo..."

Produtor e autor de desenhos (OTTO GUERRA)
Espectador Vídeo/Diário do Sul

"... POP CHASER dá um banho de ação e humor..."

(THALES DE MENEZES)

Folha de São Paulo/Ilustrada

"... estrelada por uma personagem capaz de fazer inveja a Marilyn Chambers..."

(GILBERTO DI PIERRO)

Folha da Tarde

"... é uma boa opção para qualquer fã da animação..."

(THALES DE MENEZES)

Folha de São Paulo/Ilustrada

"... um desenho erótico tido como dos mais quentes..."

(MARA MAGANÃ)

Folha da Tarde

"... é um sofisticado quadrinho erótico... ousado nos detalhes mais ardentes..."

(ADRIANA MACHADO)

Cinevideo

**EXPRESSAMENTE PROIBIDO
PARA MENORES DE 18 ANOS**

DISPONÍVEIS EM VHS E BETAMAX



EVEREST VÍDEO DO BRASIL
R. Stela, 515 - Bl. G - 18º and. - V. Mariana - CEP 04011
Tels.: (PABX) 549.8388 - Fax.: 549.1569 - São Paulo - SP - Brasil





METALSTORM

Num distante mundo,
numa outra época,
um estranho mistério
envolve as forças malignas
em algum lugar do Universo...



FINAL JUSTICE

Seu nome é
Thomas Jefferson Geronimo III,
seu brado de justiça ecoa
além da fronteira do Texas...
até o seu confronto final...



MORTUARY

Antes do seu funeral...
Antes de ser enterrado...
Antes de você ser coberto
com a última pá de terra...
Esteja certo se você está
realmente morto!...

EVEREST VÍDEO DO BRASIL
R. Stela, 515 - Vila Mariana - CEP. 04011 - São Paulo - S.P. - Brasil - ADMINISTRAÇÃO: Bloco E - 14º and.
cj. 142 - VENDAS: Bloco G - 18º and. - Tels.: (PABX) 549.8388-572.5044-549.0695-572.7429-Fax.: 549.1569
FILIAL: Av. Rio Branco, 181 - 16º and. - cj. 1609 - Tel.: (021) 262.9614 - CEP 20040 - Centro - Rio de Janeiro - RJ.



AVANT-PREMIÈRE

CATEDRAIS DA MEMÓRIA

Exibido em São Paulo este ano, durante a 11ª Mostra Internacional, Good Morning, Babilônia, dos irmãos Taviani, recria o trabalho dos artesãos na cenografia espetacular dos filmes mudos do célebre D. W. Griffith



Pelletier/Gama



D. W. Griffith

Toscana: a mais bela região da Itália, em 1913. Andrea e Nicola, os dois filhos mais jovens do mestre Bonanno, restaurador de catedrais e herdeiro de uma tradição familiar de séculos, acabam um trabalho exemplar na catedral de Pisa. A câmera mostra o trabalho terminado na catedral, esplêndidos mármore revividos. Andrea e Nicola dão os últimos retoques no alto-relevo de um elefante. Andrea e Nicola decidem partir para a América.

Muito bem. O patriarca lhes permite a "conquista da América". Mas, assim que fizerem fortuna, devem retornar à casa. Os dois irmãos partem cheios de en-





Pelletier/Gama

tusiasmo. Pai e filhos combinaram: à noite, quando o pai retira-se para sua cama, o dia estará amanhecendo na América. E ele, todo dia, abençoará seus filhos: "Good Morning, Andrea, Good Morning, Nicola".

Mas a América mostra-se hostil. Andrea e Nicola erram de Estado em Estado, em trabalhinhos quaisquer. Até que um dia, desesperados, encontram um trem cheio de italianos: eles vão para a Exposição Universal de 1914, em São Francisco. Andrea e Nicola largam tudo e pulam no trem. Em São Francisco, tomam parte na construção do pavilhão italiano. O célebre D.W. Griffith

(1875-1948), o maior cineasta da época, vê e fica maravilhado. Decide contratar os dois contramestres italianos do grupo para a construção dos mirabolantes cenários de seu próximo filme: o depois mítico *Intolerance* (1916). Mas os dois mestres já voltaram à Itália. Nossos dois irmãos toscanos se fazem passar por eles e chegam, finalmente, a Hollywood — na época, nada mais do que uma granja, com algumas ruas de terra e alguns galpões. É o estúdio onde reina o grande Griffith.

A impostura é descoberta — e punida. Andrea e Nicola imploram para ficar e são relegados a

pequenos serviços. O diretor de produção de Griffith os odeia. Provoca os italianos, "incapazes de qualquer trabalho". Nicola explode: "Você sabe com quem está falando?" Nós somos os filhos dos filhos dos descendentes de Leonardo e Michelangelo!" Andrea e Nicola ganham a simpatia e o carinho de duas extras dançarinas, Mabel e Edna. Não desistem. Griffith está obcecado em conseguir elefantes para os seus cenários. Andrea e Nicola recuperam na memória o pequeno elefante do alto-relevo da catedral de Pisa: ele será o modelo dos elefantes de Griffith! Constroem um modelo gigante, o mo-

Ao alto, Nicola (Vicente Spano), o pai (Omero Antonutti) e Andrea (Joaquim de Almeida). Ao lado, os irmãos Taviani (no destaque) dirigem a homenagem ao clássico mudo *Intolerance*

Paolo e Vittorio
Taviani, irmãos
e diretores

delo é destruído pelos capangas do diretor de produção... Mas um cameraman, amigo de Edna e Mabel, o filmou. Griffith vê. E fica absolutamente fascinado.

Finalmente, o talento de Andrea e Nicola explode na construção dos míticos elefantes que guardam a entrada do Templo da Babilônia. *Intolerance* é lançado com tremendo sucesso. Griffith está mais do que orgulhoso pelo sucesso de "seus" italianos. Andrea e Nicola casam-se com Mabel e Edna. O velho patriarca Bonanno vem da Itália, especialmente para o casamento. Seu encontro com Griffith — os dois "pais", o restaurador de catedrais e o construtor de catedrais de celulóide — é antológico, frente à longa mesa do banquete nupcial disposta abaixo do cenário principal de *Intolerance*...

Mas estoura a Primeira Guerra Mundial. Os EUA entram na guerra, o sucesso de *Intolerance* é obscurecido pela brutalidade dos fatos, e o destino de Andrea e Nicola deixa de estar intimamente ligado.

Esta é a síntese dos primeiros três quartos de *Good Morning, Babilonia*, dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani: uma das mais belas viagens cinematográficas dos anos 80, exame apaixonado do trabalho da memória, do fluxo da História e uma homenagem emocionante à magia do cinema. É também uma síntese de todo o trabalho desses formidáveis irmãos de San Miniato, província de Pisa, desde o seu primeiro longa-metragem, *Un Uomo da Bruciare* (1962), passando por obras-primas como *Padre, Padrone* (1977), *A Noite de São Lourenço* (1982) e o pirandelliano *Kaos* (1984). Mais do que merecidamente, no ano passado, em Veneza, Paolo e Vittorio receberam um Leão de Ouro especial pela carreira (e ninguém ainda tinha visto *Babilonia*...). São profundamente toscanos, profundamente italianos e profundamente universais.

Dois irmãos. Mas o "cineasta



Taviani" é um só. A técnica é de fazer viver cada cena no interior do próprio enquadramento. Eles amam os espaços abertos, usam pouquíssimos closes e os atores sempre em movimento. Mas quem dirige o quê? Paolo: "Nós dirigimos um plano cada um, não uma sequência. Mesmo assim, antes de cada tomada, o operador sempre pergunta: "E essa, de quem é?" Quando um de nós dirige, o outro fica quieto e olha. É claro que entre nós também existe uma relação telepática. Basta um olhar entre Vittorio e eu, e vice-versa, para ver se o plano é bom ou não.

Para falar de *Babilonia*, ninguém melhor que a dupla, que deu uma coletiva em Cannes este ano. "Nosso filme é verdadeiramente uma homenagem à Hollywood daquela época e ao nascimento do cinema. Para Griffith, era um fato cultural, para os outros, era provavelmente algo mais pragmático, menos profundo em termos de linguagem cinematográfica, mas era descoberta. E, no fundo, fazer uma descoberta, todos juntos, significa edificar algo diferente, um novo planeta: o planeta-cinema", diz Vittorio. Paolo arremata: "Nos dizem que esses dois jovens, toscanos que vêm para a América, descobrem o cinema etc. Tudo isso é uma obra autobiográfica. Se nós fôssemos nos identificar com alguém, modéstia a parte, seria com Griffith".

"Graças a Coppola e seus amigos, nós pudemos encontrar um documentário rodado na época sobre a Exposição Universal em

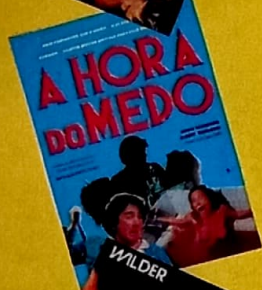
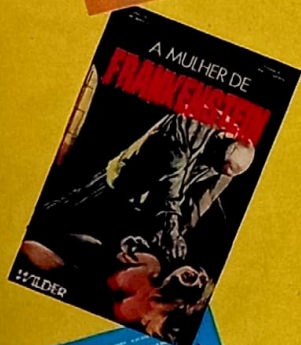
São Francisco e pudemos ver com nossos próprios olhos como era essa coisa faraônica, pomposa. Tinha um pouco de Firenze, um pouco de Babilônia, um pouco de tudo. Griffith também viu, na época, ficou fascinado, mas os italianos já tinham ido embora, só sobraram três, na história real, dois em nossa ficção, e eles foram trabalhar para Griffith. O filme nasceu desse fato. Eu queria ser um desses artesãos desconhecidos que contribuem com sua arte em um grande projeto", completa Paolo.

O casting de *Babilonia* é impecável, com destaque para Vicent Spano (Nicola), Charles Dance (Griffith) e Omero Antonutti (o patriarca, ele que já havia sido um outro memorável pai em *Padre, Padrone*), tendo ainda o português Joaquim de Almeida no papel de Andrea. Sente-se a mão do insubstituível Tonino Guerra no roteiro (ele colaborou com os Taviani). Guerra, é bom lembrar, é o maior roteirista italiano, já trabalhou com todos os diretores de primeiríssima, mas é com Antonioni que formou a dupla mais devastadora. A *Babilonia* dos Taviani e sua Hollywood foram reconstruídas na própria Toscana: algumas ruas de terra, algumas casas e galpões, muita luz, e atendendo seu desejo expresso — muito espaço para filmar.

É isso. *Good Morning*, irmãos Taviani. Pelo menos o cinema contemporâneo ainda tem seus artesãos capazes de exercitar a memória com função de futuro.

Pepe Escobar

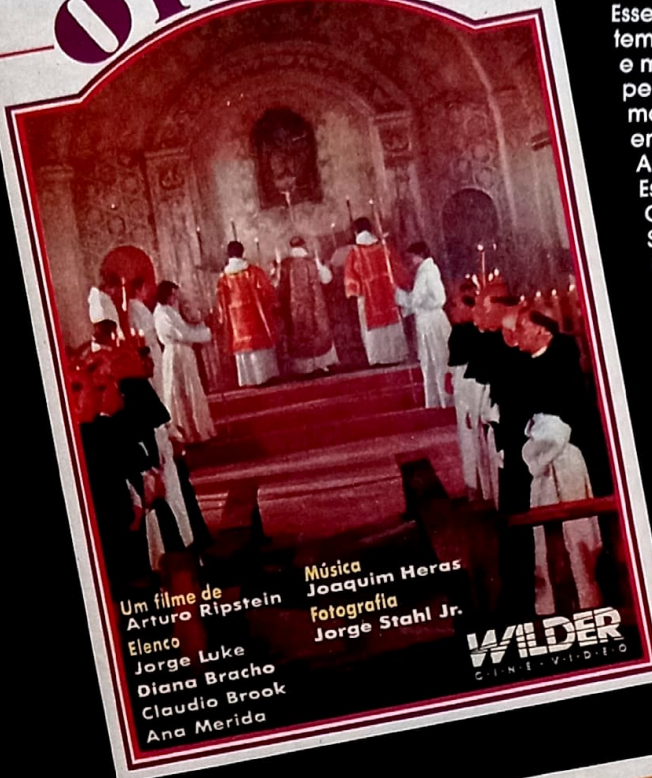
SUCESSOS
JÁ CONSAGRADOS



WILDER
C.I.N.E.-V.I.D.E.O

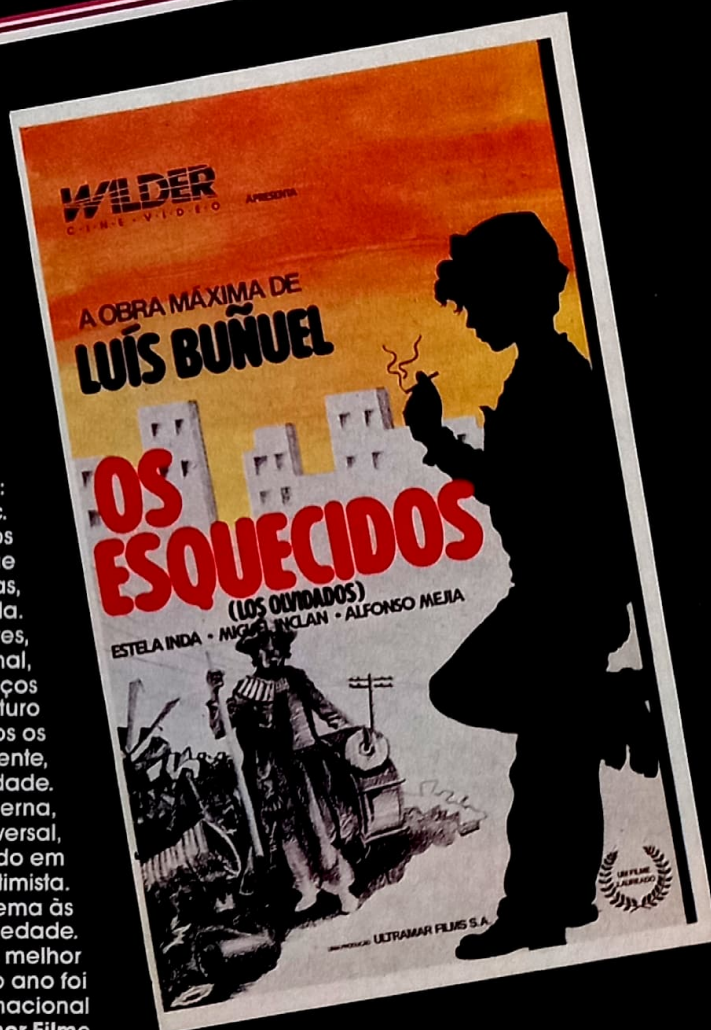
Rua Cel. Cabrita nº 8
CEP 20920 Tels.: 580-0090
580-0184 - Rio de Janeiro-RJ

Santo Ofício



OS ESQUECIDOS

As grandes cidades modernas: Nova Iorque, Paris, Londres etc. ocultam atrás de seus belos edifícios lares miseráveis que abrigam crianças subnutridas, sem higiene e sem escola. Celeiro de futuros delinquentes, a Sociedade tenta corrigir esse mal, porém o êxito de seus esforços é muito limitado, somente no futuro poderão ser reivindicados os direitos da criança e do adolescente, para que sejam úteis à Sociedade. México, a grande cidade moderna, não foge a esta regra universal, por isso este filme, baseado em fatos da vida real, não é otimista. E deixa a solução do problema às forças progressistas da Sociedade. Premiado em Cannes com a melhor Direção, também no mesmo ano foi consagrado pela crítica internacional como Melhor Filme.



Santo Ofício

Esse filme se propõe a narrar um tempo em que se puniam homens e mulheres que acreditavam, pensavam ou se comportavam de maneiras diferentes aos preceitos emanados da Santa Igreja Católica Apostólica.

Estamos presentes a um ato-de-fé. Cidade: México; o braço forte do Santo Ofício atinge as colônias. Perante o inquisitor serão penitenciados os hereges, feiticeiros, bruxos, bigamos, blasfemadores e os delitos contra a fé: — judaísmo, luteranismo.

Contaremos a história de Luís de Cavajal, governador da província de Nova León, que em 08 de dezembro de 1596, foi condenado ao fogo, juntamente com sua família, por crer, pensar e viver contrariamente aos padrões que lhe foram impostos.

FITAS GLOBO VIDEO. A MANEIRA



INFANTIS

Tungo de Dunga, Xuxa, Dança dos Bonecos.

MUSICAIS

Fantasia de Rock, RPM, Olívia Newton John, Rolling Stones.

ÓPERAS

Aida, La Bohème, Requiém de Verdi, O Trovador, Turandot.

BALLETS

American Ballet Theatre in San Francisco, American Ballet Theatre at the Metropolitan, Don Quixote, Romeu e Julieta, Giselle.

ESPORTES

Isto é Pelé, Acelere Ayrton, Steve Davis - o campeão do taco, Tostão - a fera de ouro, Garrincha - a alegria do povo.

DE TORNAR A EMOÇÃO PRESENTE.



JÁ À VENDA EM VIDEOCASSETE.

Neste pacote você encontra infantis, musicais, óperas, ballets e fitas de esporte. Além de divertirem, fazem você ser lembrado o ano todo.
Fitas Globo Video: um presente para o futuro.



GLOBO VIDEO

• São Paulo - Rua Estados Unidos, 650 - Tel.: (011) 885-8366 • Rio de Janeiro - Praia de Botafogo, 440 - Tel.: (021) 286-6622 e Agência "O Globo" - Av. Rio Branco, 185
• Curitiba - Tel.: (041) 223-0723 • Porto Alegre - Tel.: (0512) 34-4700 • Recife - Tel.: (081) 224-9099 • Brasília - Tel.: (061) 244-6151 • Belo Horizonte - Tel.: (031) 222-4948
• Sorocaba-SP - Tel.: (0152) 32-4919 • Ribeirão Preto-SP - Tel.: (016) 625-1316 • S. José dos Campos-SP - Tel.: (0123) 22-4825 • Natal-RN - Tel.: (084) 222-1346
• Salvador-BA - Tel.: (071) 235-7107.

As declarações exclusivas da caipira da Georgia, EUA, que se tornou o maior símbolo sexual do ano. Sem maquiagem, suas idéias diretas sobre cinema, bíblia, mochila, casamento e ...

KIM BASINGER

Quem é Kim Basinger? Para Fellini, é a mulher das galáxias. Para cineastas como Blake Edwards ou Robert Benton é "a atriz cômica mais importante dos últimos anos". Para Robert Altman é uma mulher de impressionante força interior. Tudo isso e mais um pouco: vamp, furação loiro, mulher fatal, *sex symbol*. Kim Basinger é antes de tudo um formidável corpo ondulante, uma pele rosada — ou branquinha, quente, envolvente. Uma mulher de verdade, não um elfinho andrógino.

Ela veio a Roma promover seu último filme, *Nadine*, com direção de Robert Benton. Ficou agradavelmente assustada: "As pessoas não se esquecem de Nove Semanas e Meia, elas olham, os homens não param de sorrir. Me senti quase uma estrela..."

Às dez e meia da manhã, num hotel de luxo em Roma, ela fala de dentro de uma curtíssima malha negra. Não usa nenhuma maquiagem. É uma estrela! Ao lado dela, silencioso, o diretor Robert Benton.

Kim Basinger "odeia" (sic) toda a mundanidade inerente ao show-biz. Não aparece na TV ou em público (assim como seu amigo e admirador Sam Shepard): "Tenho um medo tremendo de aparecer na frente das pessoas. Na frente de uma, duas, cinco, ainda consigo me controlar. Mas 500... Fui convidada para apresentar a cerimônia do Oscar este ano, acho que é uma enorme honra, mas eu seria capaz de começar a chorar só pensando em entrar no palco. Fico em casa e vejo pela TV, comendo pipoca com meus cães e gatos, comentando os vestidos, lindos e horrorosos..." Até hoje, ela só foi a uma *première* de um de seus filmes: *Um Homem Fora de Série* (1984). Mesmo assim porque Robert Redford ficou dias insistindo pendurado no telefone.

Os cães (dez) e os gatos (sete) entram na seleta lista de paixões de Kim Basinger, na qual os *Plagues in The Heart* (título inglês de *Um Lugar no Coração*, de 1984,

outro filme do cineasta e amigo Robert Benton) são o sul dos EUA e a família Basinger. (Pronuncia-se Bei-singuer: até mesmo em Hollywood costumam errar, segundo ela.) Nascida há 33 anos, Kim é a do meio em uma coterie de cinco irmãos. O pai era um trompetista itinerante em uma banda de swing dos anos 40, e a mãe uma *bathing beauty* de filmes linha Ester Williams, além de *pin-up* para cartões-postais. Quando resolveram sossegar, montaram uma bela família classe média metodista em Athens, Georgia (filial sulista da Grécia, de onde também saíram os notórios B-52's). Não é por acaso que Kim tem suas nuances de beleza clássica. Os sisudos estetas metodistas locais — que de bobos não tinham nada — foram os primeiros a notar, e Kim foi eleita Miss Athens, ainda menor de idade. Aos 17 anos, com mãe dizendo: "Não faça isso, minha filha", a vênus georgiana arrumou sua mochila e desembarcou sozinha em Nova York para tentar — e conseguir — uma carreira de *top model*. A decantada agência Ford a contratou no ato: "Foram os piores anos de minha vida. Nunca me senti tão solitária ou tão inútil. Eu nunca tinha me sentido uma cobertura, uma face para o mundo oco da moda. Não acho que sou bonita — e além disso não gosto de maquiagens perfeitas".

Para uma *country girl* que chegou a Nova York com uma Bíblia na mochila, Kim foi longe. Muito longe. A Bíblia, segundo ela, é verdadeira: "Era bem pequenininha, com alguns poucos versículos, do tamanho da palma da minha mão, parecida com uma que as recém-casadas têm às vezes em seu buquê. Quem me deu foi meu pai, que adora poesia. Na dedicatória estava escrito: 'Teus sonhos vão se realizar se Deus for teu co-piloto'. Até hoje ela está comigo".

Ela foi depois para Hollywood. "Em Hollywood sempre foi mais difícil para uma mulher que para um homem, especialmente se é uma bela

mulher. Tive que fazer de tudo para esquecer meu corpo. Demorei muito para perceber que eu também podia me servir dele com proveito, como se fosse uma arma."

No caso, a sorte foi do formidável escocês Sean Connery, à procura de uma *bond girl* do além para seu último papel na série. Kim já estava estufada com sua própria hipersensibilidade, "sem dúvida uma qualidade para uma atriz, mas um enorme problema para uma mulher comum". Depois de dois filmes absolutamente inócuos, *Hard Country* e *A Febre do Ouro* (de Charlton Heston e com ele mesmo), ela não podia dizer "não" a mais nada (mesmo porque estava completamente no vermelho no banco).

Kim foi para Londres e estourou nas telas de todo o planeta em 007 — *Nunca Mais Outra Vez* (1983). "Eu nunca tinha visto um filme de James Bond na vida, não conhecia nada sobre a mitologia das *bond girls*. Eu trabalhei como se fosse um filme qualquer. Por isso as pessoas comentam até hoje que pareço natural, à vontade."

Ela vê a própria carreira com muita naturalidade: "Eu jamais represento um papel que não me interessa a princípio. O que acontece é que eu nunca sou particularmente atraída por um determinado papel. Os projetos sempre batem à minha porta antes mesmo que eu me proponha a algum deles".

De *bond girl*, Kim passou — com os cabelos curtos — a milionária texana expert em ninfomania em *O Homem Que Amava as Mulheres* (1983), um *remake* de Truffaut dirigido por Blake Edwards, o primeiro diretor importante a notar seu talento. As

"Meu pai me deu uma Bíblia de presente. Na dedicatória estava escrito: 'Teus sonhos vão se realizar se Deus for teu co-piloto'"

Com Richard
Gere, em
Sem Perdão

melhores coisas desse relativo fracasso de Edwards são as cenas de Kim com Burt Reynolds, onde pela primeira vez ela pôde revelar seu adorável timing cômico.

A seguir veio Robert Redford, um campeão de beisebol que quer voltar a ser grande, em *Um Homem Fora de Série* (1984). Kim é a mulher por quem se apaixonou: "Robert tem uma coisa com a qual me identifico muito. Ele recusa o mito de ser estrela. É uma pessoa solitária, de riquíssimas facetas, muito inteligente, delicado, de uma gentileza extraordinária, muito senso de humor... Uma pessoa extremamente natural, como o próprio título do filme (*The Natural*). Ele fica quase todo seu tempo sozinho nas montanhas, sem sair em busca de publicidade".

Kim diz ter pressentido que *Nove Semanas e Meia* (1986) seria um fenômeno: "É uma história complicada. Eu tentei fugir do filme



Foto: Columbia

ta. Quando o filme saiu nos EUA, foi arrasado pela crítica. Também não teve sucesso nas salas. Mas aí começou a venda em vídeo, e o lucro cresceu a cifras astronômicas. É a velha história: os americanos em casa liberam-se mais facilmente".

Nove Semanas virou cult movie nos EUA, na Europa e também

traz, sem dúvida, em um segundo filme, e garanto que um público sofisticado apreciaria bastante. Um fato interessante é que a maior parte das cartas que recebo em relação ao filme não são do público masculino, mas feminino".

Em *Nove Semanas*, Kim excitou sonhos eróticos. Mas a excelente atriz as grandes platéias só começaram a perceber em *Fool for Love* (1986), a adaptação por Altman da peça de Sam Shepard. "A filmagem de *Fool for Love* foi única a conseguir reunir harmonia e prazer. Bob (Altman) é um homem e um diretor de cinema formidável, um verdadeiro amigo, ele tem absoluta confiança em si mesmo e nas pessoas com quem trabalha. É um homem que já viveu de tudo, não precisa demonstrar mais nada a ninguém. Foi com ele, e com Bob, aqui (o diretor Robert Benton, a seu lado, atento e silencioso, de barbas e cabelos brancos bem aparados, paletó xadrez e gravata), que realmente senti me dando o máximo, realmente plena como atriz."

Shepard, o mítico cowboy, também envolveu Kim, tanto quanto vice-versa: "Ele é absolutamente instintivo, tem uma inteligência natural. Uma pessoa doce, com muito senso de humor, mas também muito instável. Creio que eu entendo esses modos. Sam adora montar a cavalo. Às vezes eu me pego achando que ele não deixa de ser, um pouco, um cavalo".

Sem Perdão (1987), o filme se-

"Em Nove Semanas e Meia fui até o fundo de mim mesma. Foi difícil para meu marido e também para a mulher do Mickey"

durante muito tempo. Até que chegou uma hora em que eu e vários outros, na produção, fomos tomados pela história, e passamos a experimentar a sensação de que algo excepcional estava para ser criado".

De repente, a country girl da Georgia estava associada à bíblia imagética do yuppie way of life nos anos 80, um sexismo sado-masô soft em que o verdadeiro orgasmo é um pack shot de produto (de preferência preto-fosco). Era para ser assim? Não era: "Nós tínhamos em nossas mãos uma história de amor absolutamente incrível. Mickey (Rourke), Adrian (Lyne, o diretor) e eu trabalhamos nesse filme durante um ano e meio, chegamos a um envolvimento psicológico e emotivo muito forte. Tínhamos onze horas de material filmado. Mas o estúdio — a MGM — ficou com medo. Montou uma versão completamente diferente, descarnada, sem profundidade, mudou a música e fez um videoclipe de uma hora e quaren-

no Brasil pelas mais variadas razões. Kim comenta que até hoje recebe cartas de mitômanos de Elizabeth, sua personagem no filme. Tanto Kim quanto Rourke, em suas entrevistas, jamais entraram em detalhes a respeito da relação complexa que mantiveram durante a filmagem. "Em *Nove Semanas* fui até o fundo de mim mesma, foi difícil para o meu marido e para a mulher de Mickey. Eu dizia, muito antes do filme, que adoraria trabalhar com Mickey. Terminou acontecendo."

O caso *Nove Semanas* continua apesar, e mesmo em função de todas as distorções. De todos os fronts — estetismo decadente, cinéfilos, voyeurs, yuppies voyeurs etc. —, manifesta-se o interesse por uma seqüência mais articulada e convincente da saga de John e Elizabeth: "Eu tenho comigo oito horas em vídeo não utilizadas para a versão final de *Nove Semanas*. Esse material poderia en-

Em Nadine:
"a personagem
mais rica que
interpretei"

guinte de Kim, com direção de Richard Pearce, foi um desastre. Kim foi jogada na lama dos pântanos da Louisiana, na pele de uma cripto-chic e nas mãos de Richard Gere. O filme é um horror, mas a química Gere-Basinger, mais do que Rourke-Basinger, é explosiva. "Em Sem Perdão, eu deveria interpretar o papel de uma maravilhosa cajun, entre louca e brilhante. Mas toda a equipe foi submetida a vinte dias de reuniões constantes, sem parar, em um hotel de Chicago. O projeto inteiro foi analisado até os ínfimos detalhes. Nós fomos reduzidos a nada. Ninguém podia, depois disso, acreditar que tinha algum talento sobrando. Eu fiz o filme só por dinheiro, totalmente. O caso prova que excessos analíticos destroem o prazer do cinema. É por isso que se filmam tantos desastres. Eles são analisados até a morte durante a pré-produção. Eu acho que nesse trabalho deve-se ter duas coisas em mente: não levar o cinema muito a sério, quero dizer, toda a indústria, e não analisar demais as próprias performances. A sensação de que eu mais gosto é a de sair do meu trailer no primeiro dia de uma filmagem. A surpresa tem que estar sempre presente. Eu nunca leio um script mais que duas vezes. Leio uma vez no início e às vezes outra depois de começarem as filmagens. E deixo o resto para as surpresas. É o que me mantém trabalhando como atriz, do contrário não continuaria, não poderia fazer como os atores e atrizes que preenchem os seus scripts de notas, registrando os mínimos movimentos em cada take."

O que Kim Basinger quer da vida? Ela não tem convicções do gênero. A começar pelo que considera de si própria: "Ninguém me conhece. Acho que nem eu mesma... Quando alguém conhece um aspecto de mim, sempre leva um choque... Acho que no fundo sou uma cigana. O que eu quero é fazer coisas, sentir, ver e fazer mais coisas. As conseqüências não me interessam. Eu sei me virar".

E assim, arriscando, indulgen-



ciando "surpresas", Kim Basinger conseguiu evitar todas as armadilhas típicas de Hollywood. Terminou definitivamente livrando-se do estigma de *beautiful blonde*. Em *Encontro às Escuras* (1987), Blake Edwards, dirigindo de novo, a liberou para extravasar espontaneidade. É uma comédia óbvia, nada brilhante, mas Kim a sustenta com uma adorável leveza. Mas é em *Nadine*, seu último filme, que Kim Basinger sente ter encontrado seu ideal ponto de ebulição como atriz. "Ela é a personagem mais rica que já interpretei. *Nadine* tem uma tremenda intuição, é uma dissimulada, mas muito doce." *Nadine* é a crônica de um casamento em crise, em Austin, Texas, de um lindíssimo e estilizado 1954 reconstituído pela fotografia sulfurosa de Nestor Almendros. Robert Benton, o diretor, é especialista em matrimônios críticos (vide seu Oscar de 1979 por *Kramer versus Kramer*). Benton tem uma máxima: "O casamento é como uma ginástica. Se se continua a fazer exercícios, cedo ou tarde as dores vão sendo superadas, e os resultados são extraordinários". Em *Nadine*, o amor é mesmo "à prova de bala", como sustenta Robert Benton. *Nadine* (Kim pronuncia Nai-diiin, o sotaque da Georgia casado com o sotaque do Texas) é uma manicurista casada com o ótimo Jeff Bridges, um dono de bar.

Na vida privada, Kim é casadíssima. O marido é o ex-marquiador e pintor Ron Britton, 48 anos (moram em uma casa espaçosa, porém simples, em Woo-

dland Hills, calmo subúrbio de Los Angeles, junto com as proles canina e felina). O que a suposta *sex symbol* acha do casamento? "Seja casamento ou uma convivência, a relação a dois me é muito agradável. Acho que não existe nada mais exaltante do que encontrar uma pessoa com quem se possa dividir tudo, digo tudo mesmo. Alguém com quem você possa se permitir tirar todas as máscaras e ser você mesma. Eu gosto e me identifiquei muito com a personagem de *Nadine* por causa dessa sua busca selvagem para estabelecer a verdade. Ela enfrenta uma série infinita de problemas para recuperar umas fotos pornográficas tiradas antes de seu casamento. Ela quer salvar o seu casamento. Eu não me preocuparia, no caso, mas o filme se passa em 1954, os tempos eram outros. No que me toca, ser considerada *sex symbol* não é um problema. Não deixa de ser bom pensar ter estimulado os sonhos eróticos de alguém, não é?"

Muito bem. Ela volta a filmar em janeiro próximo. Enquanto isso, escreve. "Adoro escrever. Brevemente devo publicar um livro de poemas, com fotos. No momento, estou trabalhando em dois roteiros — uma comédia e uma história dramática." Kim tem canções, poemas, memórias de criança, roteiros, tudo no papel. Na opinião de Kim, tudo reduz-se ao clássico verdade/mentira: "Nesse mundo, quase nunca se diz a verdade. No meu caso, sempre que eu posso tocar a verdade, seja na vida ou mesmo através da literatura, eu a agarro. E tenho prazer nisso".

Por Pepe Escobar, de Roma

TODAS AS CARAS DE ROBERT DE NIRO



Columbia

Taxi Driver



Boulevard

O Rei da Comédia



Prod. DB

Touro Indomável



Fox

Brazil



Art

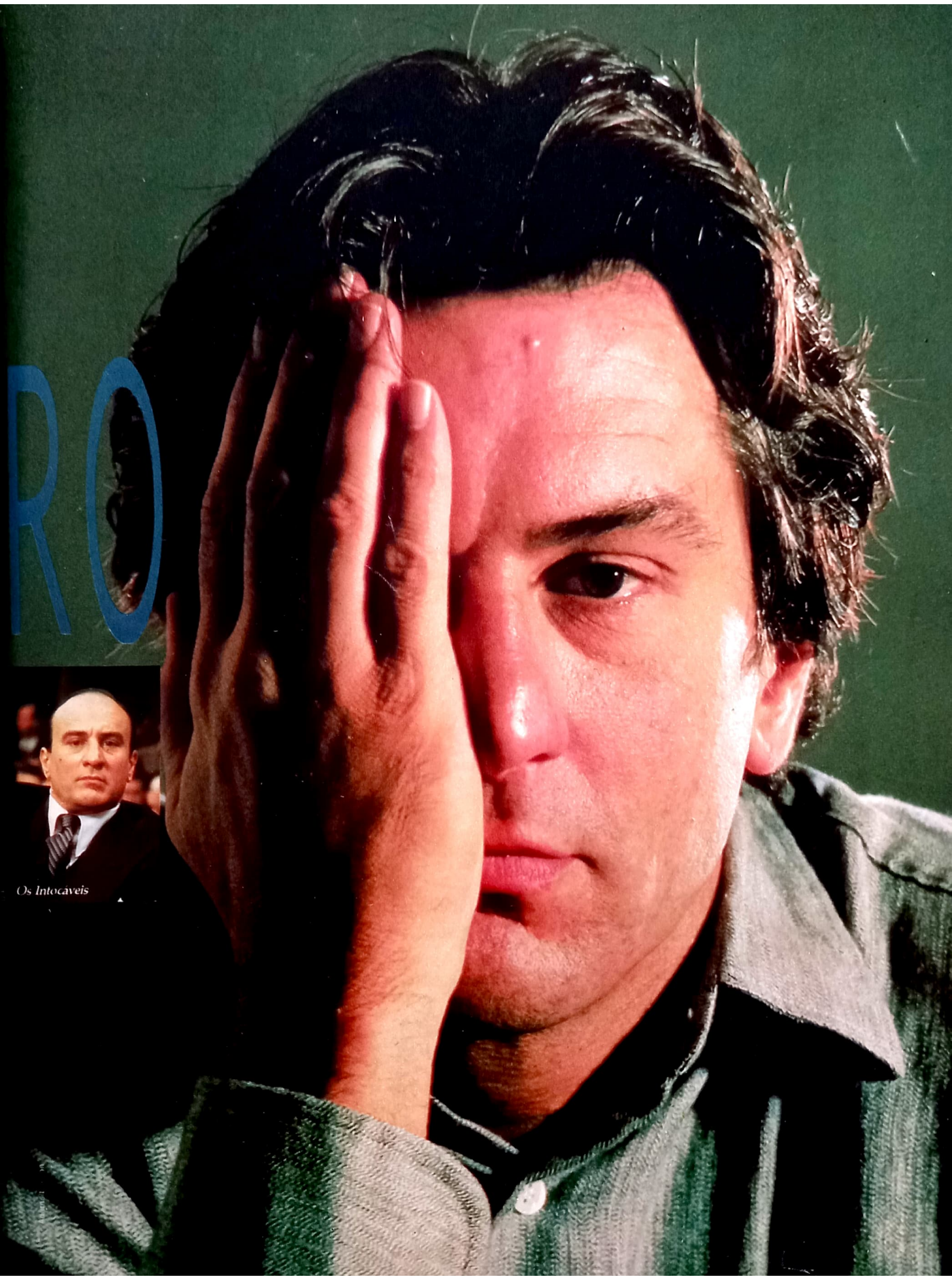
A Missão

Lúcifer em Coração Satânico. Al Capone em Os Intocáveis. Poucos minutos em cena e uma presença inesquecível: Robert De Niro é o ator secundário do ano. Estranho, mas verdadeiro. De Niro faz de um papel menor um personagem nevrálgico dentro da trama. O seu estilo de representar é marcadamente pessoal, mas o seu rosto sofre mutações assustadoras. Confira.

RO



Os Intocáveis



O mercador de escravos guaranis Rodrigo Mendoza abriu a porta de seu quarto numa tarde qualquer de meados do século XVIII, em Assunción. Sobre a cama, viu sua mulher, nua, junto de seu irmão Felipe, seminarista. Minutos depois, Felipe agoniza aos pés de Mendoza, que ainda guarda um ódio afiado nos olhos e uma adaga ensangüentada nas mãos.

O enigmático senhor Louis Cypher olha para seu advogado sem compaixão. Unhas grandes, palavrões breves, uma legião de mortes no seu rastro, muito sangue nas paredes de New Orleans, nos idos anos 50.

Chicago, 1930, Lei Seca. Alphonse Capone, o mafioso rei do tráfico de bebidas, com uma cicatriz do lado esquerdo do rosto, um taco de *baseball* agarrado com as duas mãos decididas e uma imensa mesa redonda com dezenas de subalternos de black-tie diante de si, solenemente discursa. Cala-se. O taco massacra a cabeça de um mafioso que falhou. Sobre a toalha com pratos de porcelana, copos de cristal e talheres de prata corre grosso, lento e escuro o sangue do castigo.

Louis Cypher
de *Coração
Satânico*
(abaixo) e
Rodrigo
Mendoza de
A Missão
(acima)



O mercador Mendoza quase enlouquece de remorso e torna-se um jesuíta em *A Missão* (de Roland Joffé, 1986). O apavorante Louis Cypher impõe a sua lei e faz valer seu reinado perverso em *Coração Satânico* (de Alan Parker, 1987). Ele desconhece o arrependimento. A seu modo, também desconhece peso na consciência o milionário Al Capone, que termina na prisão em *Os Intocáveis* (de Brian de Palma, 1987). Os três filmes, senhores de estilos diferentes, foram grandes sucessos de bilheteria no Brasil em 1987. Os três personagens, donos de faces e personalidades tão distantes e inconciliáveis entre si como soberanas sobre as platéias, tinham por trás o mesmo homem reservado e trabalhador: o ator Robert De Niro.

Para alguns, não passa de um profissional de poucos recursos e limitada versatilidade, com estilo marcadamente naturalista de representar. Para outros, o mais

surpreendente camaleão das telas. Há ainda aqueles que o veneram pelo charme e elegância e, finalmente, os que o tomam apenas por um dos atores mais caros do mundo. Tão caro quanto requisitado. Para fazer o Al Capone de *Os Intocáveis*, em aparições que mal chegam a 18 minutos, recebeu sozinho 1,5 milhão de dólares dos 20 milhões que totalizaram o orçamento.

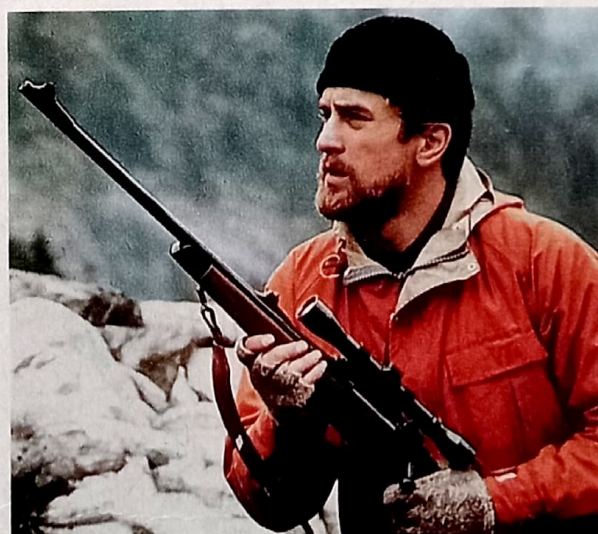
O americano de 44 anos que hoje vive num apartamento em Nova York vem sendo apontado há dez anos como o mais provável sucessor de Marlon Brando, principalmente depois de ter representado o siciliano mafioso Vito Corleone em *O Poderoso Chefão II*, de Francis Coppola. O mesmo papel (o Vito Corleone mais velho) coube a Marlon Brando no primeiro filme. Aos 31 anos, De Niro levou seu primeiro Oscar, na pele do jovem Corleone. O segundo Oscar ele ganhou dentro das pesadas luvas e do leve cal-

Prod. DB



CIC

Jake La Motta de Touro Indomável (foto maior), Vito Corleone em O Poderoso Chefão II (ao lado) e Michael de O Franco Atirador (abaixo)



VI



Prod. DB

Alfredo Berlinghieri em 1900 (à esquerda) e Al Capone de Os Intocáveis (a direita)



UP

ção do boxeador Jake La Motta, no filme *Touro Indomável*, de 1981, dirigido por Martin Scorsese.

Naturalista de pouca versatilidade ou camaleão, De Niro empenha uma inigualável força de vontade para transformar-se. Ele pode engordar 25 quilos para virar Jake La Motta, o boxeador, depois de velho, ou ir à Sicília para conhecer e aprender alguns rudimentos do dialeto local antes de entrar na pele do mafioso de Francis Coppola. Em 1987 os espectadores o viram de cabelos longos e unhas compridas em *Coração Satânico* (iniciativa própria de De Niro) e uns 10 quilos mais gordo e careca em *Os Intocáveis*. Se no primeiro ele ocupou as mãos com uma bengala que ele mesmo comprou, no segundo ocupava-se com os charutos que lhe enfiavam entre os dedos.

Em *Taxi Driver*, 1976, de Martin Scorsese, ele virou um vingador moicano desvairado. Dirigiu um táxi de verdade por vários dias antes de começar o filme. Ele mesmo explica esta fase preparatória, na qual tenta aproximar-se

O padre de
Confissões
Verdadeiras
(abaixo) e
Jimmy Doyle
de New York,
New York
(acima)



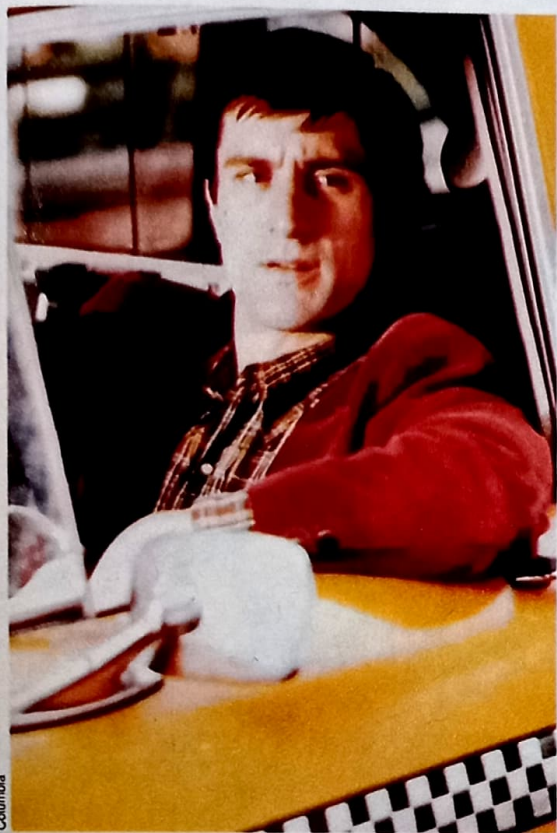
o máximo da "realidade" do personagem "aprendendo o estilo de vida dele, como é que ele se relaciona com as outras pessoas, como ele segura o garfo. Assim eu posso sentir que eu me preparei tão bem quanto podia".

Esta obstinação pelo personagem talvez se explique pela escola de arte dramática que formou Robert De Niro. Essa escola de sede difusa espalha-se ao longo da vida dele, mas concentra-se antes num palco de teatro do que num set de filmagem. Ainda no ano passado ele subiu a este palco na Broadway, Nova York. Ingressos esgotados, sucesso absoluto, em julho de 1986 estreava a peça *Cuba and his Teddy Bear*.

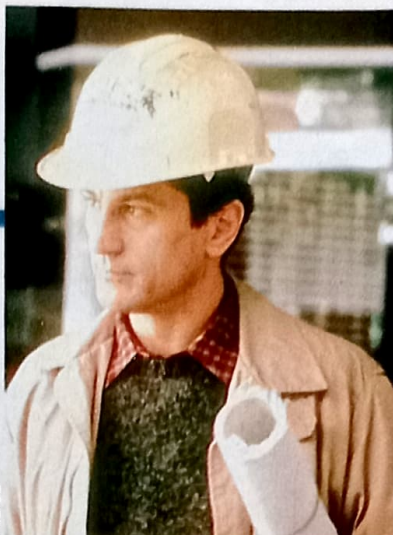
Foi por ali que Alan Parker o procurou para acertar o papel de Louis Cypher em *Coração Satânico*. De Niro, na temporada, usava os cabelos até os ombros e normalmente os prendia com um

elástico. O próprio Parker conta como foi: "Sentei à frente dele, conversamos e, de repente, ele disse: 'Pensei que se eu fizesse isso no final do filme...' e, dizendo isso, tirou o elástico, sacudiu a cabeça, os cabelos caíram sobre seu rosto e tive realmente um arrepião".

"Se ele já chegou a ponto de ter essa idéia, é que está realmente a fim do papel", pensou Alan Parker. Naturalmente pensou certo. Depois de frequentar aulas de teatro dos 16 aos 19 anos e atuar em várias peças, Robert De Niro sabe quando quer um papel, porque adora a profissão que tem. E também sabe por que a adora: "Submergir totalmente dentro de outras personalidades e dentro de outras experiências de vida através dos personagens — bem, é uma maneira imune de fazer coisas que você jamais ousaria fazer na vida real".



Prod. DB



Prod. DB

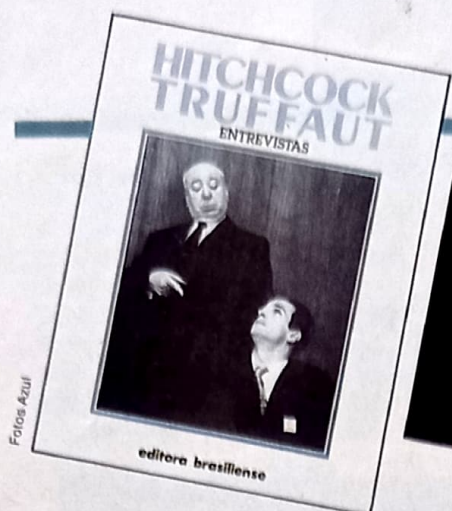


Travis Bickle de Táxi Driver (à esquerda e foto maior), o engenheiro de Amor à Primeira Vista (ao lado) e Rupert Pupkin em O Rei da Comédia (abaixo)

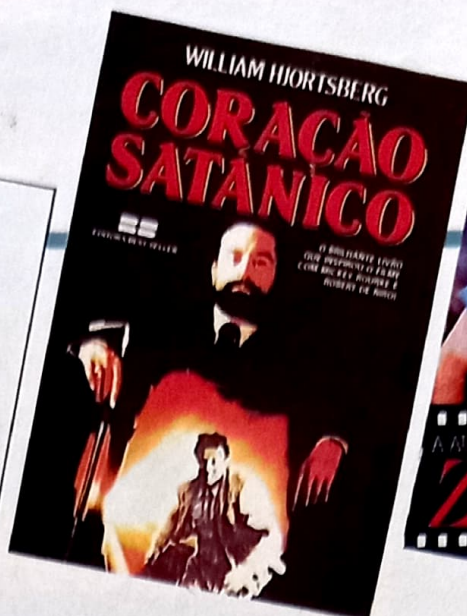
FILMOGRAFIA

THE WEDDING PARTY (Brian De Palma, 1969) • GREETINGS (Brian De Palma, 1969) • HI, MOM! (Brian de Palma, 1970) • BLOODY MAMA (Roger Corman, 1970) • JENNIFER ON MY MIND (Ivan Black, 1971) • THE GANG THAT COULDN'T SHOOT STRAIGHT (James Goldstone, 1971) • BORN TO WIN (Ivan Passer, 1971) • BANG THE DRUM SLOWLY (John Hancock, 1973) • CAMINHOS PERIGOSOS (Mean Streets, Martin Scorsese, 1973) • O PODEROSO CHEFÃO PARTE II (The Godfather, Francis Ford Coppola, 1974) • MOTORISTA DE TAXI (Taxi Driver, Martin Scorsese, 1976) • 1900 (Novecento, Bernardo Bertolucci, 1976) • O ÚLTIMO MAGNATA (The Last Tycoon, Elia Kazan, 1976)* • NEW YORK, NEW YORK (Martin Scorsese, 1977) • O FRANCO ATIRADOR (The Deer Hunter, Michael Cimino, 1977)* • O TOURO INDOMÁVEL (Raging Bull, Martin Scorsese, 1980) • THE SWAP (Shade, 1980) • TRUE CONFESSIONS (Ulu Grosbard, 1981) • O REI DA COMÉDIA (The King of Comedy, Martin Scorsese, 1982) • ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (Once Upon a Time in America, Sergio Leone, 1984) • AMOR À PRIMEIRA VISTA (Falling in Love, Ulu Grosbard, 1984)* • BRAZIL, O FILME (Brazil, the Movie, Terry Gilliam, 1985)* • A MISSÃO (The Mission, Roland Joffe, 1986)* • CORAÇÃO SATÂNICO (Angel Heart, Alan Parker, 1987) • OS INTOCAVEIS (The Untouchables, Brian De Palma, 1987) • JACKKNIFE (David Jones, em realização) * O spezial em vídeo





Fotos Azul



OS LIVROS

Nas livrarias, os títulos de cinema formam um arsenal irresistível de opções para todos os tipos de cinéfilos

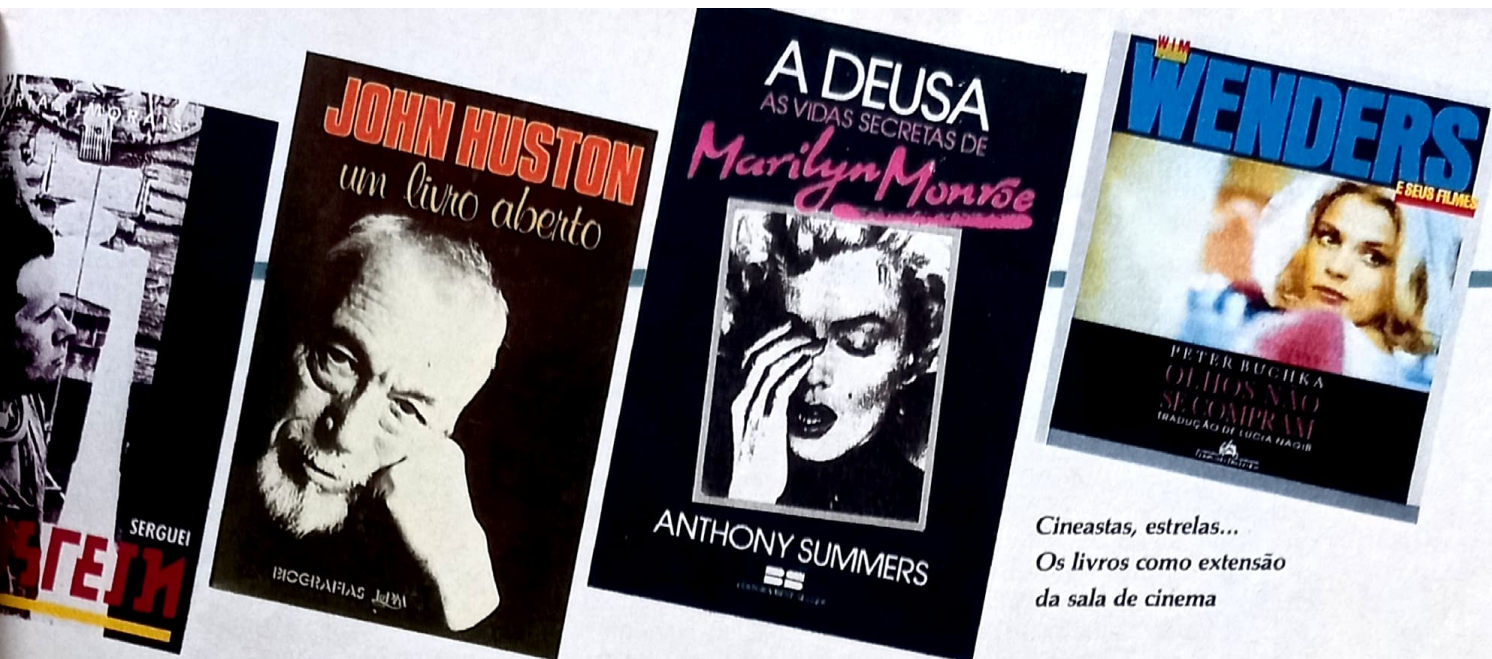


Goskino

Paris Films



Paris, Texas
(à esquerda) e
Encouraçado
Potemkin
(acima),
desvendados
em dois dos
melhores
lançamentos



Cineastas, estrelas...
Os livros como extensão
da sala de cinema

DE ASSISTIR

"De que serve um livro sem diálogo e sem figuras?", perguntava Alice no País das Maravilhas. É fascinante a questão no seu sentido figurativo, mas é bem mais deliciosa no sentido literal. Se vivesse hoje, certamente ela perguntaria: "De que serve um livro de cinema sem fotografias e sem entrevistas?" Tem razão Alice. O livro de cinema deve ser, antes de tudo, um *livro de assistir*, um prolongamento da tela do cinema, uma instância a mais para a realização do voyeurismo do cinéfilo.

Vencendo o velho preconceito de que livro bom de cinema é caro e portanto não vende, as editoras brasileiras estão começando a apostar na viabilidade dos *livros de assistir*. Saindo do forno da Companhia das Letras, de São Paulo, duas obras de acelerar a respiração de qualquer cinéfilo: *Memórias Imorais — Uma Autobiografia*, do gênio soviético Serguei Eisenstein, e *Olhos Não Se Compram — Wim Wenders e Seus Filmes*, do crítico alemão Peter Buchka.

Lendo o primeiro, você fica sabendo, entre mil e umas outras coisas, quais foram os truques e

macetes usados por Eisenstein para criar o efeito espetacular da famosíssima cena da escadaria de Odessa, em *O Encouraçado Potemkin* (1925), citada e homenageada em *n* filmes posteriores, entre eles *Os Intocáveis* (1987). Num estilo telegráfico que lembra a prosa de Oswald de Andrade, Eisenstein fala de tudo: da emoção da primeira sessão de cinema, em Paris, aos 8 anos (era um filme de Georges Méliès), ao projeto frustrado de fazer um filme em cores sobre Giordano Bruno — trinta anos antes de Giuliano Montaldo ter realizado o seu, em 1973. De quebra, revela lances e facetas surpreendentes para quem se acostumou a imaginá-lo como um gênio atormentado e sistemático. O homem que lutou ao lado dos bolcheviques na guerra civil posterior à Revolução de Outubro de 1917 é o mesmo que flertava com a aristocracia europeia, adorava os personagens de Walt Disney ("de Mickey à baleia Willy") e sabia de cor as melhores piadas de Groucho Marx.

A obsessão pela montagem rítmica também está presente, expressa na briga feia que teve

com o compositor austríaco Edmund Meisel. Na *première* de *O Encouraçado* em Londres, em 1929, Meisel mandou projetar o filme numa velocidade ligeiramente mais lenta para combinar com a música executada ao vivo. Resultado: o público riu da cena em que os leões se põem de pé graças à inversão do filme, e Eisenstein quase bateu em Meisel. *Memórias Imorais* conta dezenas dessas histórias em suas 376 páginas, com muitas fotos e desenhos do próprio Eisenstein.

Em *Olhos Não Se Compram — Wim Wenders e Seus Filmes*, a primeira coisa que impressiona é o formato: 22 x 24 cm, bem maior e "mais quadrado" que o usual. A capa é de arrepiar: uma foto colorida "estourada" de Nastassia Kinski em *Paris, Texas*. Dentro, entremeado por belas e significativas fotos, o texto rigoroso e minucioso de Peter Buchka, que relata com incrível riqueza de dados e detalhes a trajetória desse badalado diretor do cinema contemporâneo, que realiza uma ponte única entre a consciência atormentada da cultura alemã e o cinema clássico americano. Buchka se detém na análise de O

Amigo Americano, ponto de virada dessa trajetória que levaria a *Hammet* e a *Paris, Texas*. E mostra como, desde seus primeiros passos atrás das câmeras, Wenders manifestava a nostalgia pela América mítica do cinema, um continente amplo e cheio de planícies, onde seria possível "realizar um filme só com planos gerais" — sonho parcialmente realizado em *Paris, Texas*. Em síntese, um livro para estudiosos, fãs, *voyeurs* e cinéfilos em geral. "Os leitores podem esperar mais três ou quatro lançamentos na área para o ano que vem", promete o editor Luís Schwarcz, da Companhia das Letras, ele mesmo um cinéfilo inveterado.

Os livros de assistir vêm de todos os cantos. Do Rio, chega a bem cuidada edição da *Autobiografia de Franco Zeffirelli* (Editora Guanabara). Em suas 362 páginas, o diretor de *Romeu e Julieta* revela a você que era para ser Ryan O'Neal o protagonista de *O Campeão*, em vez de John Voight, e que isso só não aconteceu porque o galã de *Love Story* queria enfiar de todo jeito no filme seu filho Griffen, que era grande demais para o papel do garoto, interpretado finalmente por Ricky Schroeder, então com 6 anos. Aliás, as cenas em que o menino

tinha de chorar foram um sufoco. Zeffirelli gastou a imaginação inventando estratégias para levá-lo às lágrimas. Num deles, simulou a demissão de um membro da equipe que costumava brincar com Ricky, em outro contou a história da morte da própria avó... O difícil começo como ator teatral e cenógrafo, a amizade de Luchino Visconti, a emoção de Bette Davis ao ver a primeira exibição de *La Traviata* (1982), os foras nas festas chiques de Hollywood, os problemas com Brooke Shields nas filmagens de *Amor Sem Fim* (1981)... Tudo isso e outras cinematográficas seqüências, em exibição nas melhores livrarias.

Chegando de Porto Alegre, pelas asas do desejo, *Orson Welles*, de Barbara Leaning, a melhor biografia do criador de *Cidadão Kane*. O editor Eduardo Bueno, da L&PM, conta a história do livro: "Eu estava em Nova York, em 1985, quando morreu o Orson Welles. Seguiu-se uma verdadeira avalanche de publicações sobre ele, e eu me dei ao trabalho de ler todas. Escolhi seguramente a melhor e mais completa". Nas 560 páginas de seu livro, Barbara Leaning, professora da Universidade de Nova York, revela informações inéditas colhi-

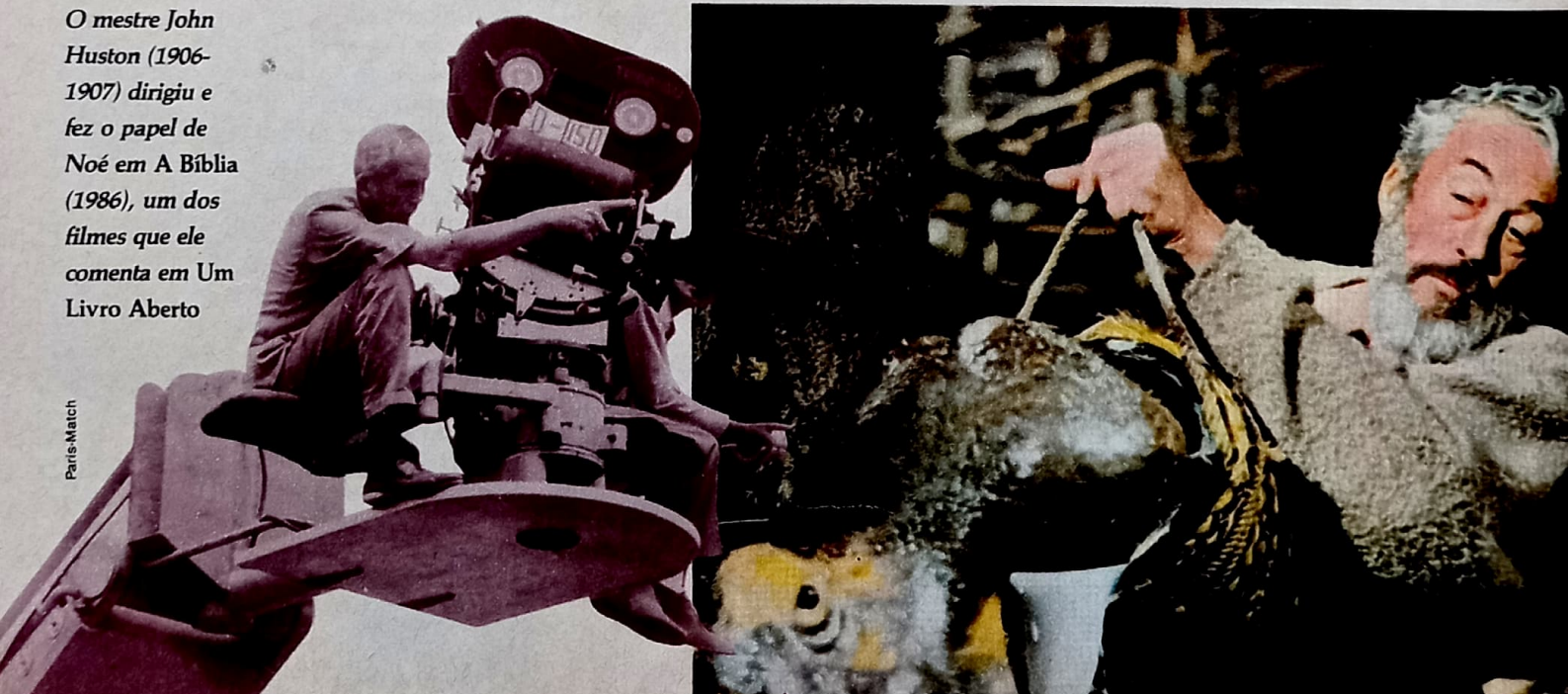
das em depoimentos e entrevistas concedidas a ela com exclusividade pelo cineasta. O resultado é uma mistura imperdível de análises e fofocas a respeito de um dos homens mais importantes e fascinantes da história do cinema. Um único e imperdoável problema: a edição brasileira do livro não contém as fotos presentes no original americano. Justificativa da editora: encareceria demais o livro, tornando-o comercialmente inviável.

O mesmo problema foi tirado de letra pela Editora Brasiliense, de São Paulo, que conseguiu financiamento externo para publicar, em regime de co-edição (que barateia o preço final), o magnífico *Hitchcock/Truffaut — Entrevistas*, em formato bem maior que o usual e 222 páginas com muitas fotos e desenhos. Na ocasião, a Brasiliense conseguiu um auxílio financeiro da "Fundação do Impossível", um agrupamento de diplomatas intelectuais.

Apesar do sucesso da iniciativa (o livro já esgotou três edições), o editor da Brasiliense, Caio Graco Prado, diz que seu próximo lançamento na área, um livro sobre o mestre japonês Akira Kurosawa, não deverá contar com nenhum apoio ou patrocínio. O livro, de autoria do crítico Donald

O mestre John Huston (1906-1977) dirigiu e fez o papel de Noé em *A Bíblia* (1986), um dos filmes que ele comenta em *Um Livro Aberto*

Paris-Match

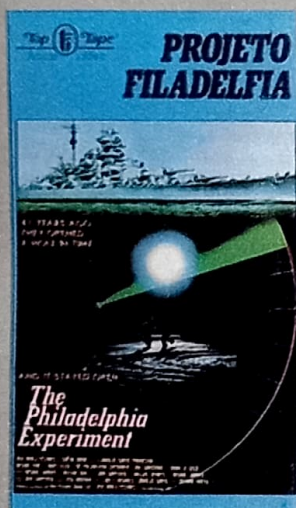


COURAGE
UMA HISTÓRIA VERÍDICA



UM FILME EM DUAS PARTES
SOBRE UM DRAMA DE UMA
MÃE PARA SALVAR O SEU
FILHO...

PROJETO
FILADÉLFIA



UMA ESTÓRIA DE FICÇÃO
CIENTÍFICA, SOFRENDO OS
EFEITOS TERRÍVEIS E
LETAIS DA ALTERAÇÃO DE
ELETRO-ENERGIAS.

O COMILÃO
DO OUTRO MUNDO



UM EXTRATERRESTRE VICIADO
EM COMIDA ITALIANA... COMIDA
ITALIANA VIVA.

DE VOLTA À ESCOLA
DOS HORRORES

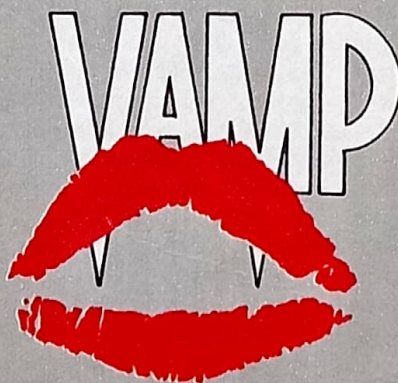


MISTERIOSOS
ASSASSINATOS OCORRIDOS
EM UMA ESCOLA...

ANJO
DA MORTE



A ESTÓRIA JOSEF
MENGELE, CONHECIDO E
ODIADO CARRASCO
NAZISTA...



A NOITE DOS VAMPIROS
UMA MISTURA DE COMÉDIA E
TERROR, SEXO E
SOBRENATURAL... E GRACE JONES
É MEDONHO.

AGUARDEM
YOR, O CAÇADOR DO FUTURO

TOP TAPE HOME VÍDEO

Rua Alice, 121 - Laranjeiras - Rio de Janeiro — CEP 22241
Tels.: 205-5552 / 265-4960 / 205-9594 - Telex: (21) 23923 - TTHV - BR.

Pernambuco - R.G.
Norte - Paraíba
e Maceió
Tel.: (081) 221-4106

Ceará
Tel.: (085) 251-6418
Mato Grosso
Tel.: (065) 624-6251

São Paulo
Tel.: (011) 458-0115
R.G. do Sul
Tel.: (0512) 26-0102

Paraná
Tel.: (041) 233-6699
Pará
Tel.: (091) 233-6226

Cidadão Kane, dirigido
e interpretado por
Orson Welles (1915-85)

Richie, da Universidade de Berkeley, deverá estar nas livrarias em março ou abril de 1988. "Lançar livros sobre cinema é uma prova de que nós, editores, não temos ressentimento contra o cinema, que nunca fala de livros", brinca Caio Graco, que já publicou, em curta-metragem, as biografias de Hitchcock, Eisenstein, Pasolini, James Dean, Leila Diniz, Carmem Miranda, Mae West, Humphrey Bogart e David Griffith, na coleção *Encanto Radical*. Publicou também o inteligente *O Que É Cinema*, do crítico e professor Jean-Claude Bernardet.

A piada de Caio Graco, de fato, tem lá suas razões. É raro o cinema homenagear a atividade literária em si. Mas também é uma piada sem fundamento: grandes filmes são, muitas vezes, extraídos de grandes romances. Para dar a prova, a Editora Best Seller lançou recentemente o romance *Coração Satânico*, de William Hjortsberg. Independentemente dos méritos do romance, é evidente que sua publicação no Brasil se deve exclusivamente ao sucesso do filme homônimo de Alan Parker, que o tomou como base para o roteiro cinematográfico. A troca de favores entre literatura e cinema é quase tão antiga quanto o próprio cinema, que sempre ajuda a vender e a tornar conhecidos os livros que, por sua vez, lhe servem de inspiração.

Mas os livros de assistir não são só os novos lançamentos. Muitos deles estão em cartaz já há algum tempo, outros voltam de vez em quando a ser exibidos. A seguir, os trailers de alguns deles.

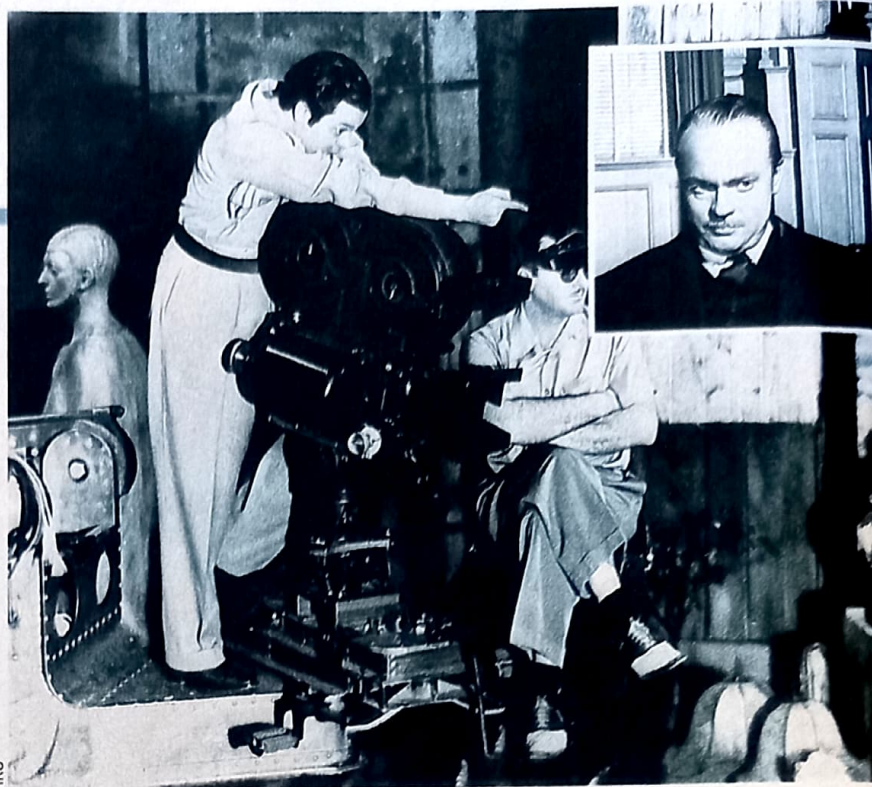
■ **São Francisco, 1958.** Alfred Hitchcock filma *Um Corpo Que Cai*. O policial aposentado vivido por James Stewart sobe as escadas da torre de um convento para tentar evitar que Kim Novak se jogue de lá de cima. Hitch precisa de uma imagem que transmita com precisão a sensação de vertigem sofrida pelo per-

sonagem. Como fazê-lo sem gastar muito dinheiro? Depois de botar para funcionar sua arrasadora inteligência, o cineasta encontra a saída: uma pequena maquete da escadaria, no interior da qual a câmera faz simultaneamente um travelling para a frente e um zoom para trás. O resultado é o que vemos na tela: o poço da escadaria parece pulsar, as laterais ficam fora de foco. Pura vertigem. O procedimento é descrito com detalhes pelo mestre Hitchcock a seu discípulo François Truffaut, num dos melhores livros de cinema já publicados no Brasil: *Hitchcock/Truffaut — Entrevistas*. E mais: os truques usados em *Os Pássaros*, a inacreditável realização de um longa-metragem de um único plano (*Festim Diabólico*), a opção de filmar *Psicose* em preto e branco só por causa da cena do chuveiro ("O sangue vermelho seria intolerável") etc., etc., etc. Imperdível para os fãs de Hitchcock e para qualquer pessoa que goste de cinema.

■ **Paris, 1929.** No Ursulines, tudo pronto para a pré-estreia de *Um Cão Andaluz*, obra-prima de Luís Buñuel e Salvador Dalí. Mas Buñuel não está muito seguro do sucesso do filme e guarda pedras nos bolsos do paletó para atirar na platéia no caso de ser vaiado. Os atingidos teriam sido, entre outros, Pablo Picasso, André Bre-

ton, Jean Cocteau, Le Corbusier e um punhado de aristocratas parisienses. Mas não foi preciso. Durante a demorada ovação que se seguiu à projeção, Buñuel livrou-se discretamente das pedras. O fato é lembrado com delicioso humor pelo cineasta espanhol em *Meu Último Suspiro*, publicado em 1982 pela Nova Fronteira e merecedor de várias reprises desde então. Nas 363 páginas do livro, ele conta tudo: dos tempos de faculdade em Madri, quando saía às ruas fantasiado de freira, com uma turma da pesada que incluía Dalí e García Lorca, aos detalhes do último filme, *Esse Obscuro Objeto do Desejo* (1977). Explica por que detestava *Roma, Cidade Aberta* (1945), de Rossellini, conta como apertou o pescoço de Gala (mulher de Paul Éluard e, depois, de Salvador Dalí) só para ver sua língua ficar roxa, e descreve a origem onírica de muitas cenas de seus principais filmes. Um livro literalmente maravilhoso, onde o cinema, a História, o sonho e a poesia se fundem de maneira única.

■ **Londres, 1965.** Roman Polanski grita com o fantástico fotógrafo Gil Taylor, tentando convencê-lo a usar a lente grande-angular nos close-ups de Catherine Deneuve em *Repulsa ao Sexo*, para distorcer seu rosto e transmitir a desintegração mental da persona-



Top Set.
Uma empresa que distribui
e revende.
Isso mesmo, distribui seus
próprios títulos e revende o
que há de melhor das
outras distribuidoras.
Além disso, na Top Set
você encontra todos os
acessórios necessários
para equipar e manter sua
vídeo locadora.
Na Top Set você terá um
atendimento personalizado,
condições especiais
na compra de filmes
e acessórios, mais
um sistema constante
de promoções.
Seja você também um
cliente Top Set.
Consulte ou visite a
Top Set.

Revenda das seguintes distribuidoras:

AMÉRICA, GLOBO,
TRANSVÍDEO, ÔNIX,
CENTURY, CIC, POLIVÍDEO,
NACIONAL, EVEREST.



TOP SET PRODUÇÃO E COMÉRCIO LTDA.
Rua Pergentino de Freitas, 45
Fones: (011) 530-1820 e 531-7754 - CEP 04623
Brooklin - São Paulo - SP

gem Carole. Resposta de Taylor: "Odeio fazer isso com mulher bonita". Na mesma filmagem, Polanski usa toda sua lábia para convencer Catherine a aparecer só de camisola, sem nada por baixo. "Ela insistia em usar uma malha", revela o diretor em seu *Roman* (Editora Record, 390 páginas, com fotos). O livro mostra com riqueza de detalhes de onde vem o humor negro e a mania de perseguição do cineasta. Sua vida é uma síntese de todos os gêneros cinematográficos: dos filmes de guerra (a ocupação nazista da Polônia, durante a infância) ao horror (o trágico assassinato de sua mulher Sharon Tate), passando pela comédia (as hilárias manobras para ludibriar os produtores de seus filmes). E, de quebra, a revelação da "fórmula secreta" do sangue que aparece em profusão na sua obra: cochinilha (uma tinta escarlate) com Nescafé. E não é que convence?

■ **África, 1951.** John Huston, Humphrey Bogart e Katherine Hepburn em plena selva para filmar *Uma Aventura na África*. No meio das filmagens, Huston escapa para fazer uma caçada, deixando equipe e máquinas esperando. Os detalhes ocultos deste e de outros quarenta filmes seus estão em *John Huston — Um Livro Aberto*, sua autobiografia de 468 páginas, publicada

pela L&PM.

■ **Miami, 1959.** Billy Wilder filma *Quanto Mais Quente Melhor*, com Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemmon. Marilyn, passando por uma de suas inúmeras fases de instabilidade emocional, abusa do álcool e chega sempre atrasada ao set de filmagem. Além de não conseguir decorar suas falas, arranja briga com todo mundo. Numa delas, joga champanhe na cara de Tony Curtis, que reage dizendo: "Beijar Marilyn é como beijar Hitler". Lances como esse estão documentados em *A Deusa — As Vidas Secretas de Marilyn Monroe* (Editora Best Seller, 523 páginas, sem fotos), do repórter britânico Anthony Summers, que desde 1982 vasculhou a vida e as causas da morte do maior mito já produzido por Hollywood. A propósito, aqui vai a opinião da própria Marilyn sobre Hollywood: "É um lugar onde pagam mil dólares por um beijo seu e cinquenta centavos por sua alma".

Ainda no capítulo das divas, a que mais tem livros de assistir em nossas livrarias é Marlene Dietrich. Os três mais importantes são sua autobiografia, *Marlene D* (Editora Nórdica, 285 páginas, com fotos), a biografia feita por Charles Highan, *Marlene* (Editora Novo Tempo, 320 páginas, com fotos e filmografia completa), e o *ABC de Marlene Dietrich*, coleção das desconcertantes frases e pensamentos da deusa que enlouqueceu Joseph von Sternberg, Ernest Hemingway e mais alguns milhões de homens em todo o mundo.

Enquanto as editoras brasileiras não traduzem o livro de Katherine Hepburn, *As Filmagens de Uma Aventura na África* ou *Como Fui à África com Bacall, Bogart e Huston e Quase Fiquei Louca*, os fãs podem se deliciar com sua biografia, *Uma Mulher Fabulosa*, escrita por Anne Edwards (Editora Francisco Alves, 498 páginas, com fotos e filmografia comple-

ta). A mesma editora exhibe também a autobiografia *Candice Bergen*, com 378 páginas e muitas fotos.

E o número de livros de assistir pode aumentar em breve, se as editoras brasileiras se dispuserem a traduzir alguns títulos irresistíveis lançados recentemente no exterior. Um deles é *War Movies*, de Brock Garland, publicado em Nova York pela Facts on File. O livro trata de 450 filmes de guerra, de *Nada de Novo no Front* (1930), de Lewis Milestone, ao recente *Platoon*, de Oliver Stone. Além de muitas fotos, contém as fichas técnicas dos filmes e uma história concisa do gênero.

Outro livro cuja tradução é obrigatória: *Glauber Rocha* (edição dos Cahiers du Cinéma, 256 páginas), da francesa Sylvie Pierre, amiga pessoal do cineasta e estudiosa de sua obra. No livro, depois de um estudo apaixonado sobre os filmes do diretor baiano, Sylvie apresenta ensaios fundamentais do próprio Glauber, depoimentos de pessoas que conviveram ou trabalharam com ele e, por fim, uma filmografia comentada do cineasta.

Uma última dica: acaba de sair na Suécia a autobiografia de Ingmar Bergman, *A Lanterna Mágica*, em que o criador de *Gritos e Sussurros* confessa que durante a infância tentou matar a irmã mais nova, o melhor amigo e uma professora. Além disso, lava a roupa suja de seus vários casamentos e mostra de onde vieram as obsessões presentes em seu cinema opressivo e atormentado. Numa das passagens mais belas do livro, Bergman diz que a única fuga para o sentimento de rejeição e esmagamento que experimentava quando menino era brincar com uma velha e rudimentar lanterna mágica que projetava imagens sobre uma parede. E o que é o cinema senão uma imensa lanterna mágica, projetando luzes e sombras para os meninos de todo o mundo?

José Geraldo Couto

A célebre e chocante cena de abertura de *Um Cão Andaluz* tem sua origem num sonho, conta Buñuel em suas memórias



Abri

DING DONG! HOUSE II JÁ ESTÁ NA MÃO.



**YES, NÓS TEMOS LANÇAMENTO
SIMULTÂNEO COM O CINEMA,
SIM SENHOR.**

O público pediu. As locadoras exigiram. Pois aí está. House II, A Casa do Espanto, em lançamento simultâneo com os cinemas do Brasil e dos EUA.

Uma ousadia do outro mundo, com um padrão de qualidade e rapidez além da imaginação. O padrão Pole Video

VIDEO
pole

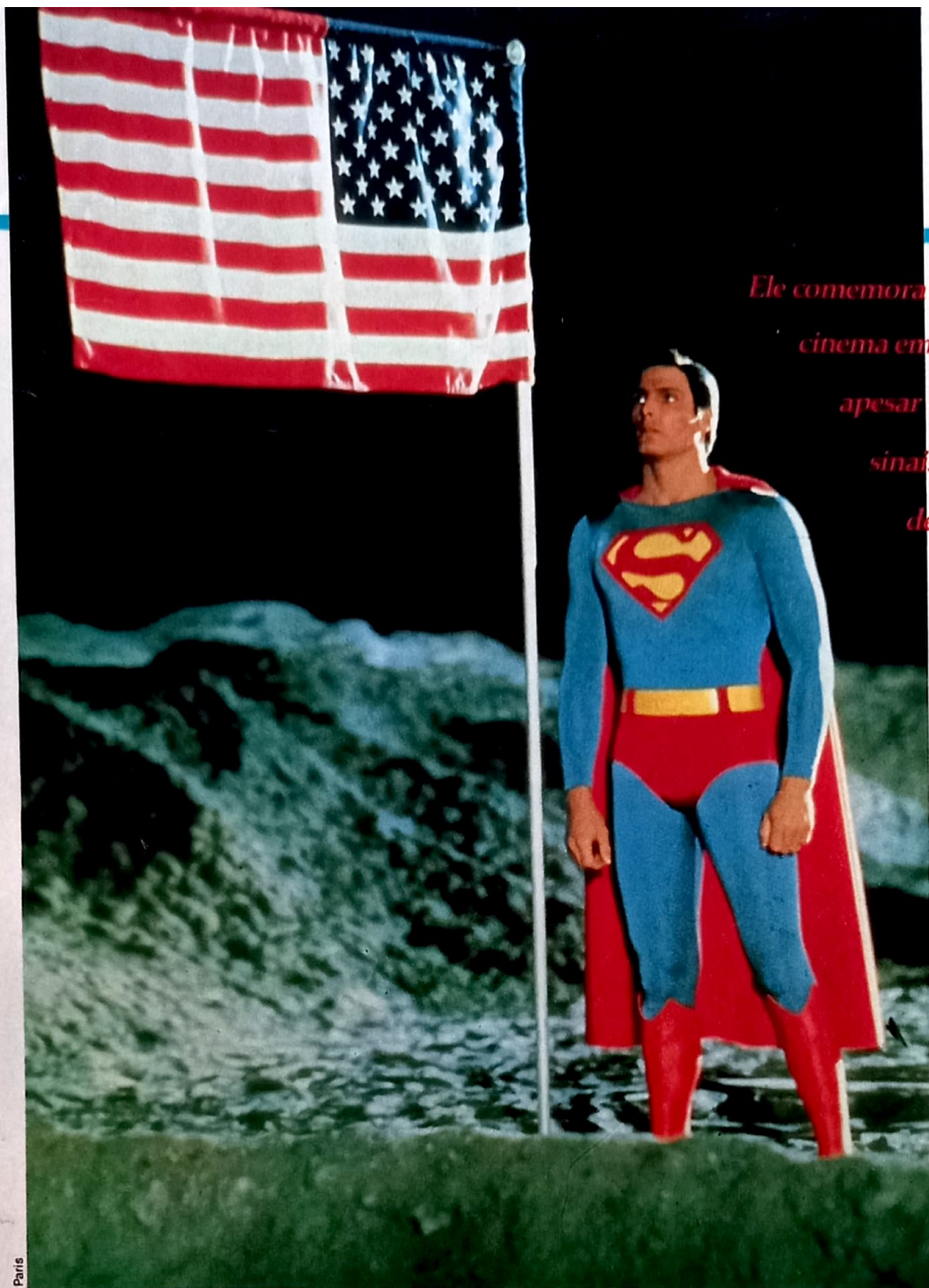
Rua dos Andradas, 241 - CEP 01208
Tels. (011) 220-5022 - 221-8481 - 222-3835
São Paulo - SP



POLE VIDEO E ALVORADA APRESENTAM

HOUSE II

A CASA DO ESPANTO



Ele comemora 50 anos de quadrinhos e 40 de cinema em 1988. Mas Super-Homem IV, apesar da superpromoção, dá sinais de um superdeclínio. É hora de redefinir o Homem de Aço.

O herói mais popular deste século está de volta às telas. E embalado numa promoção digna de seus superpoderes. O lançamento nacional de seu novo filme prevê uma centena de cópias (boa parte dublada) e um investimento de 30 milhões de cruzados em divulgação. Previna-se, pois a trilha sonora de John Williams vai ser a coisa mais ubíqua deste mês!

O filme *Super-Homem IV — Em Busca da Paz* (*Superman IV — The Quest for Peace*) bem que precisa dessa publicidade. O páreo é duro entre ele e o anterior na decisão do mais bocejante da série. Christopher Reeve chegou mesmo a ameaçar, há quatro anos, nunca mais vestir o tradicional uniforme azul, vermelho e amarelo. Acabou não resistindo à secretíssima proposta financeira da Cannon, produtora do atual filme. Conseguiu, pelo menos, colocar algumas palavras no roteiro de Mark Rosenthal e Lawrence Konner. Mas não a palavra final.

O que prevalece é a linha de bom-mocismo recorrente no cinema americano contemporâneo — vide *Intocáveis* e *Dragnet*. A idéia inicial até que é boa: Super-Homem frente à ameaça das armas atômicas. Um ser com seus poderes não poderia dar um fim à tortura da guerra fria, eliminando todo o arsenal bélico do planeta? Essa curiosidade já havia gerado, na década passada, uma sequência interessante de quadrinhos. Na tela, entretanto, se perde como pano de fundo para superenrascadas.

Tudo acontece ao mesmo tempo. O jornal onde o tímido Clark Kent (como se você não soubesse: a identidade secreta do Super-Ho-

A CRISE DE UM CINQUENTÃO

mem) trabalha se transforma em tablóide sensacionalista, por decisão de seu acionista majoritário. A nova editora, filha do tal acionista, acaba se apaixonando por Kent — e, como ela é interpretada por Mariel Hemingway, fica difícil de engolir a atração do personagem pela indefectível Lois Lane, vivida pela envelhecida Margot Kidder. Tudo se precipita quando o herói recebe uma carta de um menino que lhe pede para salvar o mundo da ameaça nuclear. O arquivilão Lex Luthor (Gene Hackman), claro, aproveita a deixa para criar um Homem-Atômico... Mas a trama-clichê de quadrinhos não encontra nenhum apoio da direção de Sidney J. Furie (*Águia de Aço*). E as superfatias caem por terra quando os efeitos pouco especiais entram em funcionamento. Nem o mais comum voo do personagem convence.

Super-Homem IV tem tudo para ser o canto de cisne da série. Pelo menos o fim de um ciclo — o terceiro da trajetória do personagem na tela. Mais significativo ainda por coincidir com as comemorações do cinquentenário do herói. O filme era pra ser, justamente, o carro-chefe dessa festa, iniciada com um ano de antecendência, em junho. Entretanto, os vãos de Christopher Reeve e a concepção dos quadrinhos entraram em litígio. Houve uma mudança radical no conceito do personagem, atingindo, em especial, aquilo que mais incomoda na tela: a capacidade ilimitada dos superpoderes.

O novo Super-Homem dos quadrinhos é uma volta ao velho Super-Homem idealizado pelos adolescentes Jerry Siegel e Joe Shuster: um Super-Homem que não voava, embora pudesse saltar mais alto do que qualquer edifício; que não corria mais rápido do que o som, embora ultrapassasse um trem em movimento; que jamais sonhou suportar o calor do Sol, chegando mesmo a sentir explosões de granada.

A mudança, encomendada a John Byrne, um dos principais nomes dos quadrinhos atuais, eliminou todos os demais membros da superfamília (Super-Moça, Super-

Boy, Super-Gato, Super-Cão, Super-Macaco, Super-Cavalo... ufa!), causando muita controvérsia. Byrne praticamente roubou as 50 velinhas do superbolo de aniversário e começou a contar sua própria versão da história do último sobrevivente do planeta Krypton a partir do zero.

Por trás de tudo está a nova direção do universo editorial. Quem compra quadrinhos, hoje, é um consumidor de maior idade, mais exigente e sofisticado — apesar de o público em geral ainda pensar nesse veículo como um produto típico para crianças.

As vendas do primeiro número de *Man of Steel*, a revista que em seis exemplares quinzenais reformulou Super-Homem, chegaram a um milhão de cópias nos EUA. Antes dessa sacudidela, o cansado herói lutava desesperadamente pela venda de cem mil...

Já o filme *Super-Homem IV* está preso ao velho conceito do herói voador, capaz de mover a Lua de sua órbita para causar um eclipse a seu bel-prazer. Seu público é realmente o infantil. Merece, ainda, a advertência do herói (exigida pelo serviço público), após evitar um

acidente fatal, de que "o metrô é um meio de transporte seguro" — como na velha telessérie moralista de *Batman*, de 1966.

Os produtores dos próximos filmes precisam pensar bastante sobre o que fazer daqui pra frente — afinal, os *comics* não mudaram tão radicalmente à toa. Não que isso importe a Reeve. Sua carreira de ator sobrevive sem traumas ao cancelamento da série — vide o recente *Street Smart*, onde ele interpreta um Clark Kent espertíssimo.

Em 1988, Reeve estará comemorando 10 anos como Super-Homem. Serão também 40 anos de Super-Homem nas telas... Melhor os roteiristas perceberem a diferença. Super-Homem é um personagem novo!

Marcel Plasse

SuperMan IV — The Quest for Peace EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Sidney J. Furie ■ Com Christopher Reeve, Gene Hackman, Jackie Cooper, Mariel Hemingway, Margot Kidder ■ ROTEIRO: Lawrence Koner e Mark Rosenthal ■ FOTOGRAFIA: Ernest Day ■ EFEITOS ESPECIAIS: John Evans ■ PRODUÇÃO: Cannon ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

As patriotadas de Christopher Reeve já não emocionam mais e o super-romântico voo, desta vez com Mariel Hemingway, virou rotina



O HERÓI, DA TV AOS FILMES

George Reeves vinha de pontas em filmes importantes como ...E o Vento Levou (sua estréia, em 1934) e Sansão e Dalila (1949). Seu último papel antes de viver o herói, outra maldita coincidência, foi um vilão que perturbava um fã-club de Capitão Marvel (em The Good Humor Man, de 1950).

O novo Super-Homem estreou em Superman and The Molemen (1951), o piloto cinematográfico de The Adventures of Superman — a telessérie. No total, foram 104 episódios — os últimos 52 em cores — produzidos entre 1951 e 1957 (26 episódios, de 1956, estão sendo reprisados pela TV francesa).

A interpretação de Reeves deu a Super-Homem uma face mais heróica. Aproveitando-se disto, os roteiristas acabaram lhe dotando de poderes tão estranhos como atravessar paredes feito fantasma e repartir-se em dois. O bom humor do ator, porém, garantia a audiência dos fãs, colocando The Adventures of Superman entre as cinco séries de TV mais cultuadas de todos os tempos. Dois anos após o cancelamento do programa veio o choque: os jornais estampavam o suicídio de Reeves. "Super-Homem morreu", diziam as manchetes.

A década de 70 apresentou um novo Super-Homem para o público: um Super-Homem em longa-metragem e em cores. Um Super-Homem superproduzido, começando sua carreira do marco zero: a origem. Super-Homem, o Filme, produzido por Alexander e Ilya Salkind e Pierre Spengler, recontou com novas imagens e efeitos especiais mirabolantes — cortesia da Industrial Light and Magic, que, um ano antes, havia dividido a história do cinema de ficção ao meio, com Guerra nas Estrelas. Enfim o voo do super-herói deixava de constaranger o público. Super-Homem estava mais super do que nunca! Os custos também, claro, entre 70 e 80 milhões de dólares!

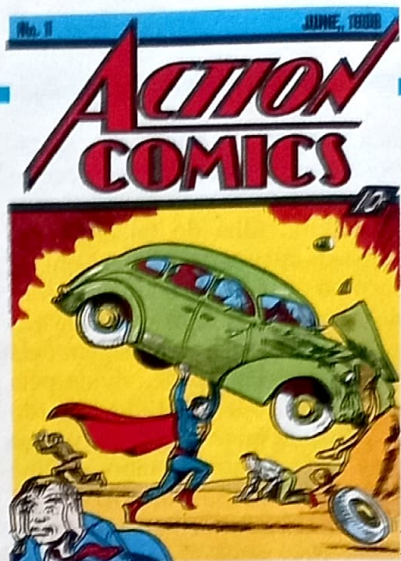
Marlon Brando, por sua performance como Jor-El, recebeu 3 milhões de dólares mais o compromisso de 11,3% do total arrecadado com o filme. O diretor Richard Donner, por sua vez, além de seu salário, contava com 6% do total, e o roteirista Mario Puzo, 5%.

Brando, o diretor de A Profecia e o roteirista de O Poderoso Chefão, juntos, garantiam o interesse na fita. Mas quem interpretaria o personagem principal? Não faltaram candidatos — incluindo o campeão olímpico do decatlon Bruce Jenner. O escolhido, Christopher Reeve, era um ator obscuro em início de carreira, que interpretava um mau sujeito numa série de TV e havia contracenado com Katherine Hepburn no teatro. Reeve (nenhum parentesco com Reeves) sequer parecia um Homem de Aço quando assinou seu contrato. Seus músculos precisaram ser trabalhados para adquirir o tamanho necessário.

Super-Homem II (1980), filmado por Richard Lester (Os Reis do Lê-Lê-Lê) quase que simultaneamente ao primeiro, fez uma tentativa de tornar o herói mais humano, levando-o a renunciar a seus poderes em troca do amor de Lois. Eles acabam levando seu affair à consumação sexual, e isso, mais do que a ameaça dos três superforagidos da Zona Fantasma (dimensão para a qual eram mandados os criminosos de Krypton), foi a razão do êxito do filme.

Super-Homem III (1983), novamente dirigido por Lester, foi a última produção dos Salkinds. O investimento era pequeno: 35 milhões de dólares. Dessa vez, o inimigo era Richard Pryor, um atrapalhado gênio dos computadores. Sua maior vitória foi afetar Super-Homem com uma estranha kryptonita sintética, capaz de torná-lo um mau sujeito. Resultado: um fracasso de bilheteria e crítica.

M.P.



ERA UMA VEZ UM SUPER-HERÓI

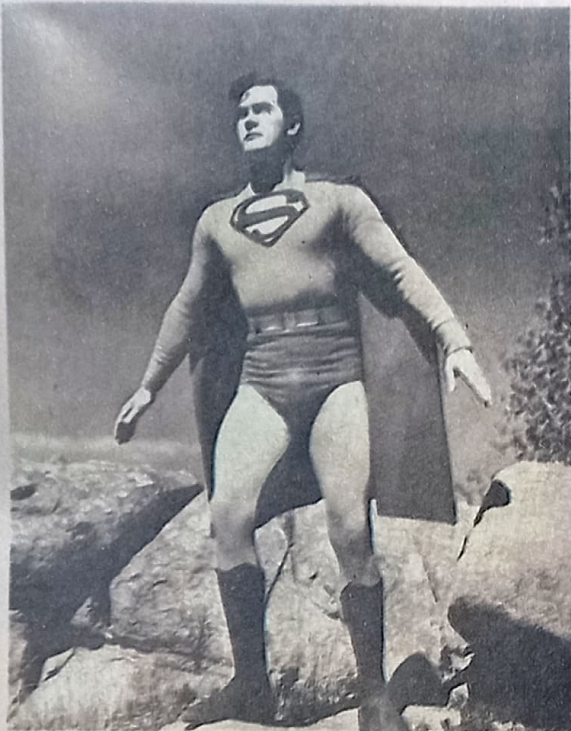
Jerry Siegel e Joe Shuster tinham apenas 17 anos quando convenceram a National Comics (hoje D. C.) a publicar seus quadrinhos — a estréia ocorreu no exemplar número um da revista Action Comics, em junho de 1938. Sua concepção de super-herói era a de um cara que podia colocar os fortões em cima de edifícios e atrair todas as meninas bonitas.

As influências de sua criação são óbvias: os malditos pulps, subliteratura folhetinesca cheia de seres espaciais, duplas-identidades, repórteres e heróis invencíveis no combate ao crime. O mais popular pulp da época era o de Doc Savage, conhecido como "o homem de bronze" e, até mesmo, "super-homem". Seu verdadeiro nome, por acaso, era Clark Savage Jr. Da mesma forma, o Sombra, aliás Kent Allard, era um personagem pulp bastante popular.

O sucesso do novo personagem foi tanto que Super-Homem acabou ganhando sua própria revista, assim como tiras em 230 diários americanos e seu próprio programa de rádio em menos de um ano.

Foi no rádio que se ouviram pela primeira vez as famosas palavras:

Os primeiros quadrinhos (à esquerda),
Kirk Alyn, o herói das matinês
no cinema (abaixo) e na série da TV,
George Reeves (ao lado)



"É um pássaro, é um avião...?" O rádio também criou a kryptonita.

Em 1940, a Republic Pictures anunciou um seriado de aventuras. A Paramount acabou negociando com a National os direitos de uma série de desenhos coloridos para o cinema. A produção ficou a cargo dos irmãos Fleischer, responsáveis pelos *cartoons* de Popeye e Betty Boop. O primeiro episódio, chamado apenas de "Superman", estreou nos cinemas em setembro de 1941.

Os *cartoons* mantiveram a apresentação radiofônica do personagem: "Mais rápido do que uma locomotiva, capaz de saltar altos edifícios..." Mas logo uma mudança realmente radical ocorreu na carreira do super-herói. Tudo porque o efeito sonoro de Super-Homem saltando um edifício não se mostrou tão eficaz na tela quanto costumava ser no rádio. Assim, Super-Homem passou a ser "capaz de voar mais alto que qualquer avião" ...Super-Homem começou a voar!

A primeira proposta concreta para um filme de Super-Homem ocorreu em 1946. Sam Katzman, um produtor conhecido por seu empenho inventivo em fil-

mes menores de ação, adquiriu os famosos direitos de filmagem e se propôs a negociar com os estúdios interessados e acabou entrando em acordo com a Columbia. E Super-Homem se tornou o maior sucesso de bilheteria da história dos seriados!

Katzman queria Buster Crabbe, o ator de *Flash Gordon*, como o Homem de Aço. Mas acabou se convencendo de que o ator já estava velho para o personagem e, entre fotos de seus antigos contratados, encontrou Kirk Alyn, que realmente era a cara de Clark Kent. Nenhum outro ator conseguiu parecer tanto o tímido repórter quanto ele. Do mesmo modo, a semelhança foi a garantia de emprego para Noel Neill, a primeira atriz a interpretar Lois Lane.

Superman (1949), o primeiro seriado, teve quinze episódios, dirigidos por Gordon Bennet e Thomas Carr. Neles, Super-Homem se defrontava com uma vilã superpoderosa, chamada Mulher-Aranha, que possuía um raio mortal. A história começava narrando a chegada do herói a Terra e conduzia o público ao mes-

mo universo dos quadrinhos: a cidade imaginária de Metrópolis, onde Clark Kent trabalhava como repórter. Seus colegas do Planeta Diário, Lois Lane, Jimmy Olsen (interpretado por Tommy Bond) e Perry White (Pierre Watkin), se mantêm até hoje entre os principais personagens de suas aventuras. O seriado, entretanto, realizou algumas alterações sutis na história. Os pais kryptonianos de Super-Homem, originariamente chamados Jor-L e Lora, a partir do filme passaram a ser Jor-El e Lara.

O voo do Super-Homem era um desafio épico para os técnicos da época. As tentativas de suspender Alyn por um arame foram rejeitadas porque o arame aparecia na tela. A única solução foi se utilizar de desenhos animados. Deste modo, quando precisava voar, Alyn se transformava num *cartoon*... No seriado seguinte, *Atom Man vs. Superman* (1950), uma máquina de fumaça passou a criar a ilusão de nuvens e a câmera, filmando inclinada, completou com maior veracidade o truque do herói voador.

M.P. 11

O Homem-Atômico, Lex Luthor (Gene Hackman) e seu ajudante de chapéu (Ned Beatty), galeria de vilões aliados à indústria atômica

NAMOROS JUVENIS

Temas repisados geram um bom filme em *Alguém Muito Especial*

Eles são jovens, bonitos e saudios. Matts (Mary Stuart Masterson) ama Keith (Eric Stoltz), que gosta de Amanda (Lea Thompson), que se derrete por Hardy (Craig Sheffer), que transa todo mundo. Em *Alguém Muito Especial* (*Some Kind of Wonderful*), de Howard Deutch, os jovens brincam de gato e rato.

Embora a trama não seja novidade para ninguém, Howard Deutch realizou um filme delicioso com a cumplicidade de um entendido no assunto: John Hughes (*Breakfast Club*, *Mulher Nota 1000*), que se responsabilizou pelo roteiro e produção. Eternos apaixonados da juventude, roteirista e diretor retratam o confronto da

classe média baixa (Keith), face à classe média alta (Hardy), quando obrigadas a dividir o mesmo teto da universidade.

Apesar de alguns "acazos" e de uma aparente sofisticação, *Alguém Muito Especial* é uma pequena jóia que brilha através de atores cativantes. Mary Stuart Masterson (que está em *Jardins de Pedra*, e é filha do diretor Peter Masterson) leva seu personagem com muita graça e mimo. Vale realçar ainda a performance de Eric Stoltz, conhecido como o rapaz deformado de *Marcas do Destino*. Toda essa energia jovem é acompanhada pela vibrante música de Stephen Hague e John Musser.

Eliana Thomé de Souza

Some Kind of Wonderful, EUA, 1987. ■ DIREÇÃO: Howard Deutch ■ Com Eric Stoltz, Mary Stuart Masterson, Lea Thompson, Craig Sheffer, John Aston, Elias Koteas, Molly Hagan, Maddie Corman, Jane Elliott. ■ ROTEIRO: John Hughes. ■ FOTOGRAFIA: Jan Kiesser. ■ DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Josan Russo. ■ MÚSICA: Stephen Hague e John Musser. ■ PRODUÇÃO: John Hughes. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP.

Lea Thompson,
Eric Stoltz
e Mary Stuart
Masterson:
especiais



BICHÃO BONZINHO

Em Um Hóspede do Barulho, típica família americana adota monstrengo sensível

Voltando de um passeio no campo com a família, o sr. Henderson (John Lithgow) choca sua caminhonete contra um estranho animal de pés enormes que parece uma mistura de um míni King Kong com o Abominável Homem das Neves. Assustado, leva a criatura para casa e só depois percebe que ela está viva. Impossível não perceber. Afinal, o bicho começa a arrebentar a casa dos Hendersons. Sem perder o bom humor, a família ganha um incômodo e fedorento hóspede, que devora as plantas e os peixinhos do aquário.

Harry é um horror, mas como destruí-lo, se tem uns olhos tão meigos e humanos? Além do mais, está se dando muito bem com o cacula sabidinho e é inofensivo quando tratado com dignidade. Todos acabam aceitando-o e a ami-



O monstrengo
de Papai Noel

NAO SE ESQUEÇA DA DIVERSÃO!

**Quem É Essa Garota? : para
consumo rápido e saboroso**

De filmes tolinhos e descompromissados o verão norte-americano esteve atulhado — afinal, verão é para essas coisas. *Quem É Essa Garota?* foi um desses longos *fast-food*: ágil, divertido, rápido e descartável. E, como todo bom filme de verão, despencou para a obscuridade assim que surgiram os primeiros sinais de outono, empurrado pela baixa bilheteria que nem mesmo a estrela principal, Madonna, conseguiu assegurar.

Madonna + cinema = filme fracassado é uma fórmula conhecida — que o diga George Harrison, produtor do monumentalmente desastroso *Shanghai Surprise*. Mas aqui é abandonado qualquer compromisso com a seriedade para se perseguir uma comédia policial que envolve os percalços da ex-

detenta Nikki Finn (Madonna) em busca de provas que incriminem o verdadeiro culpado pelo assassinato de que ela injustamente fora condenada. Para ajudá-la, Nikki tem dois parceiros involuntários: o *yuppie* Loudon Trott (um Griffin Dunne engraçado, mas pouco à vontade) e o puma Murray. Por vezes beirando o pastelão, as aventuras de Finn, Trott e Murray encaminham o filme para um desenlace previsível, que envolve a família da noiva de Loudon. Inócuo, bobinho? Sim, mas esse filme é como pipoca *microwave*: de feitura rápida, para consumo imediato. Cuspa o caroço fora sem o mínimo pudor. Mas não se esqueça de se divertir.

José Emílio Rondeau
de Los Angeles

Who's That Girl? EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: James Foley ■ Com Madonna, Griffin Dunne, Haviland Morris, John McMartin, Sir John Mills ■ ROTEIRO: Andrew Smith e Ken Finkleman ■ FOTOGRAFIA: Jan DeBont ■ MÚSICA: Stephen Bray ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ida Random ■ PRODUÇÃO: Rosilyn Heller e Bernard Williams ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Madonna:
a gata presa
em pose
de desespero

zade cresce, apesar de Harry destruir os degraus cada vez que sobe as escadas. O problema agora é a vizinha curiosa e os habitantes do local, que saem avidamente a caça de um suposto monstro de pés grandes.

Um Hóspede do Barulho é apenas mais um filme sobre o velho tema do monstro bonzinho perseguido pelos homens. O diretor William Dear (*Papai Múmia/Contos Assombrosos*, 1986) passa uma mensagem ecológica, criticando a violência humana contra o resto da natureza. No entanto, sua tentativa de humor não funciona, e o filme não sai do limite do previsível, perdendo-se num sentimentalismo monótono que acaba chateando adultos, crianças e até mesmo os gorilas que, às vezes, entram em cinemas.

Antonio Querino Neto

Harry and the Hendersons, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: William Dear ■ Com: John Lithgow, Melinda Dillon, Margaret Langrick, Joshua Rudoy ■ ROTEIRO: William Dear, William E. Martin e Ezra D. Rappaport ■ FOTOGRAFIA: Allen Daviau ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ PRODUÇÃO: William Dear, Richard Vanepara Universal e Amblin Entertainment ■ DISTRIBUIÇÃO: Hawaii

Warner



EM HEBRAICO: HOLOCAUSTO

*É o que significa Shoah,
o nome da obra de Lanzmann*

Não se trata propriamente de um documentário nos moldes consagrados pelo cinema do gênero. É, muito mais, um forte documento sobre a maior tragédia deste século e uma das maiores da história da humanidade. Pra começar, o diretor Claude Lanzmann não utilizou material de arquivo. É como se as cenas do holocausto, repetidas inúmeras vezes, tivessem perdido sua força e se incorporado "naturalmente" ao inconsciente coletivo. Portanto, o projeto de Lanzmann era resgatar a memória da tragédia — mas uma memória viva.

São nove horas de filme, divididas em duas partes. A maior parte do tempo a câmera está parada, mostrando o depoimento de pessoas, entre sobreviventes do holocausto, oficiais da SS e cidadãos comuns da Polônia. Intercalando esses depoimentos, há imagens atuais dos locais onde se processou o genocídio em massa de milhões de pessoas.

*Ao som dos
depoimentos,
o documentário
retorna aos
campos de
exterminio*



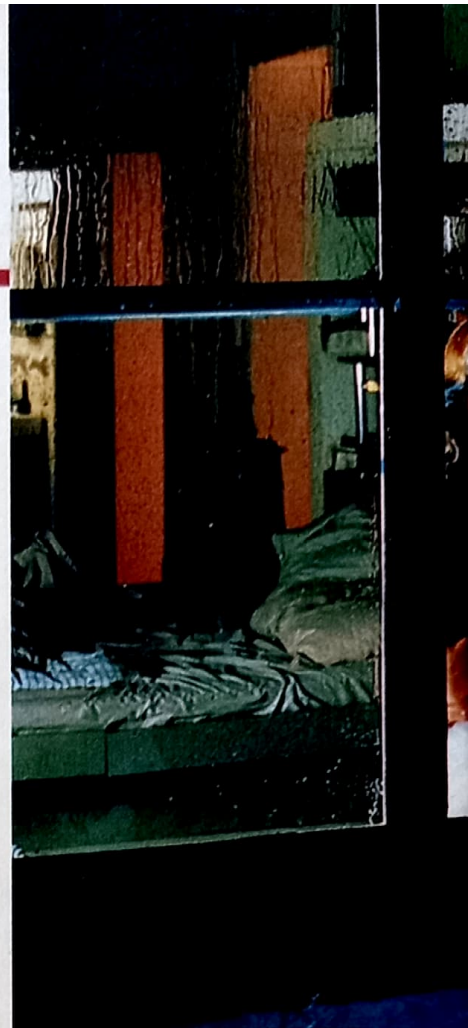
AUSCHWITZ - BIRKENAU

Para realizar este trabalho, o diretor Claude Lanzmann mergulhou durante dez anos numa pesquisa. Sua maior dificuldade foi localizar, de um lado, sobreviventes de campos de concentração e, de outro, ex-oficiais nazistas. Depois de encontrá-los, era preciso fazer com que falassem. Esse desafio, que coube ao próprio diretor enfrentar, realizando ele mesmo as entrevistas, acabou resultando nos momentos mais fortes de *Shoah*. Nesse sentido, o filme ganha em importância na medida em que buscou ouvir os dois lados da tragédia. Assim como é dramático o depoimento de um sobrevivente do gueto de Varsóvia, é extremamente patético o do "administrador" do gueto, que fica inteiramente desorientado diante das perguntas de Lanzmann.

Shoah não é só um documento sobre a morte de 6 milhões de judeus. É, na verdade, um libelo contra toda e qualquer forma de dominação, de totalitarismo, de crimes contra a humanidade. Ou como frisou Simone de Beauvoir ao comentar o filme no prefácio do livro, editado no Brasil pela Brasiliense: "Nem ficção nem documentário, *Shoah* faz esta recriação do passado com pouquíssimos elementos: lugares, vozes e rostos. A grande arte de Claude Lanzmann foi a de fazer os lugares falarem: ressuscitá-los com vozes e, para além das palavras, exprimir o indizível através dos rostos". E mais adiante: "Acrecentaria que nunca poderia ter imaginado tal aliança do horror e da beleza. Uma não serve para mascarar a outra: ao contrário, coloca-o em evidência com tanto rigor que temos plena consciência de contemplar uma grande obra. Uma obra-prima".

Aldo Meolla

Shoah, França, 1985 ■ DIREÇÃO: Claude Lanzmann ■ CÂMERA: Dominique Chapuis, Jimmy Glasberg, William Lubchansky ■ MONTAGEM: Ziva Pos-tec e Anna Ruiz ■ PRODUÇÃO: Les Films Aleph Histoire Films e Ministério Francês da Cultura ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada.



O CORAÇÃO PRESSENTE

*Veja o que eu vejo e
faça o que eu não faço
é a receita de
Uma Janela Suspeita*

Jovem arquiteto bem-sucedido da pacata cidade de Baltimore, Terry Lambert (Steve Guttenberg, de *Loucademia de Polícia*, *Meninos do Brasil* etc.) vive um caso com a sensual mulher de seu chefe, Sylvia Wentworth (Isabelle Huppert). Certa noite, no apartamento de Terry, ela presencia da janela do quarto uma tentativa de homicídio, em que a vítima, Denise (Elizabeth McGovern), sobrevive. Aflita, ela o induz a testemunhar o atentado na polícia. Terry, que pouco se importa com o ocorrido, atende o pedido de Sylvia na certeza de garantir o anonimato de sua relação. A tra-



Fox

Steve
Guttenberg e
Elizabeth
McGovern
na Janela
Suspeita

ma parte daí para o envolvimento gradativo, e bastante comprometedor, do arquiteto com o caso. Ele passa de testemunha a suspeito e é obrigado a mergulhar em suas próprias investigações para se manter vivo.

Uma Janela Suspeita é sobretudo indiscreta: o suspense leve e fluente e a ambientação nostálgica apontam para a Janela de Hitchcock. Em Janela Indiscreta (Rear Window, 1954), James Stewart suspeita de um crime que não viu e o desvenda com o auxílio da partner Grace Kelly, enquanto, na Janela de Curtis Hanson, Terry, que também nada viu, segue por seu faro e ajuda de uma garota. Além da Janela Indiscreta, há referências ao desfecho de Um Corpo que Cai (Vertigo, 1958). Uma homenagem ao bom

Hitch, que esta simpática e cuidadosa produção dos Estúdios De Laurentiis apresenta. Alguns cineastas parecem não resistir ao charme do velho mestre. E a ele se rendem: Brian de Palma, John Carpenter, François Truffaut e agora Curtis Hanson, que parecem dispostos a não incomodar a quem descansa.

Walter Silva

The Bedroom Window, EUA, 1987 ■
DIREÇÃO: Curtis Hanson ■ Com: Steve Guttenberg, Elizabeth McGovern, Isabelle Hupert ■ ROTEIRO: Curtis Hanson ■ FOTOGRAFIA: Gil Taylor ■ MÚSICA: Michael Shrieve ■ PRODUÇÃO: Marta Schumacher para a De Laurentis Entertainment Group ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Film



Chegou o melhor amigo das suas fitas
de VídeoCassete

portaVideo®

Ordena e conserva suas fitas de VC
com segurança e funcionalidade



Fino acabamento.
Alta qualidade
Elegante e requintado



TAK

Injetado em poliuretano com alta resistência a impactos e isolante térmico e acústico. Acabamento artesanal.

PROMOÇÃO DE LANÇAMENTO:
Cz \$1.950,00

Pedidos p/ 05 ou mais peças:
10% de desconto.

Acompanha belíssima e resistente
sacola dobrável, que também
carrega suas fitas do Vídeo Club.

IMPORTANTE:
PRODUÇÃO LIMITADA - NÃO PERCA TEMPO

PEDIDOS QUE NÃO PUDEREM SER ATENDIDOS DE IMEDIATO,
SERÃO DEVIDAMENTE COMUNICADOS E REEMBOLSADOS
RECEBA ANTES DO NATAL!
Preencha o cupon e envie para:

DIMENSÃO COM. REPRESENTAÇÃO LTDA. - BRASÍLIA DE
S.C.S. - Ed. Maristela, sala 607 - CEP 70.308
ou ligue: (061) 223-1956

DESPESAS POSTAIS INCLUIDAS.

CCC 01.656.008/0001-73

JUNTO COM O PEDIDO SEGUIR:

☐ Vale postal

☐ Cheque nominal a

DIMENSÃO - COMÉRCIO E
REPRESENTAÇÕES LTDA.

NOME _____

END. _____

CIDADE _____

TEL. _____

EST. _____ CEP _____

DESEJO RECEBER PORTA-VÍDEO(S), SENDO _____ NA COR BEJE-CINZA E _____ NA COR GRAFITE.

VALOR TOTAL DO PEDIDO: CZ \$ _____

ASSINATURA _____

ZOMBETEIRO, PEROC.D.F.

Dragnet — Desafiando o Perigo ironiza os moralistas e elogia os puritanos



Dan Ackroyd é insensível à pornografia. Acima, com Tom Hanks: tiros anárquicos

De todas as piadas gargalháveis que estes dois tiras meio zuretas espalham por Los Angeles, o mais engraçado é o pipocar das coincidências. Mas os antagonismos também são engraçados. Joe Friday (Dan Ackroyd, de *Caça-Fantasmas*, que também deu de meter sua mão pesada no roteiro) e seu parceiro Pep Streeback (o afiadíssimo Tom Hanks, de *Um Dia a Casa Cai* e *Splash*) são antagonônicos e cômicos. Joe é caxias

pra burro, cumpre o regulamento à risca, não passa de 60 nas *free ways* pra não queimar combustível dos contribuintes mas fuma e come hot dog com mostarda feito um tarado possuído de volúpia. Pep é relapso e relaxado, além de sacaninha — exercita-se sexualmente numa transa pervertida com uma policial que quando não está seminua está debaixo de sua farda preta, um par de óculos escuros e um capacete branco — mas só come vegetais.

Os dois procuram limpar Los Angeles dos crimes de uma secreta seita pagã que se autobatiza de PAGAN (*People Against Goodness and Normality*, ou O Povo Contra a Bondade e a Normalidade) que deixa seu cartão nos locais onde os crimes são cometidos. Mas muitos crimes. Do incêndio da edição inteira de uma revista pornográfica ao seqüestro da virgem, isto mesmo, virgem Connie Swail (Alexandra Paul), crime é o que não falta.

É numa cerimônia desta seita maldita e biruta que, num disfarce mais biruta ainda, Joe comparece e conhece a virgem Connie Swail. Como a ingênua mocinha cheia de encantos e curvas sinuosas, o neurótico policial é virgem convicto. Começam a se juntar as pontas da trama aparentemente impossível de resolver. Pela virgem, Joe será capaz de passar dos 60. Começam a ficar claras as coincidências.

Por exemplo: a chefe do chefe de Joe, a poderosa Comissária de Polícia, não apenas se liquefaz de amores pelo reverendo Whirley (Christopher Plummer) e, é cla-

ro, dá-lhe uma boa cobertura quando a situação requer. Ela tem um nome bem conhecido da política americana mais recente: a comissária se chama, por mera coincidência, Jane Kirkpatrick, exatamente como se chama a ex-embaixadora dos EUA na ONU, que ficou famosa por sua linha política ultra-reacionária. A Jane Kirkpatrick do filme (Elizabeth Ashley) é apenas uma calhorda.

As coincidências prosseguem, seja na insistência de cenas que lembram outros filmes (a abertura de *Dragnet* é quase idêntica à abertura do seriado de TV *Agente 86*, com Don Adams) até a presença do ultra-idoso ator Harry Morgan (como o chefe de Joe, Bill Gannon). Na verdade, Harry interpretava há mais de 30 anos o parceiro de outro John Friday, num seriado de TV americana chamado *Dragnet*, que é de onde este *Dragnet* foi tirado. No filme, há referências ao seriado e Joe é apresentado como o sobrinho de John, que também era caxias, mas nem tanto. Também não era cômico desse jeito.

Eugênio Bucci

Dragnet, 1987, EUA ■ DIREÇÃO: Tom Mankiewicz ■ Com: Dan Ackroyd, Tom Hanks, Christopher Plummer, Harry Morgan, Alexandra Paul ■ ROTEIRO: Dan Ackroyd, Alan Zweibel e Tom Mankiewicz ■ FOTOGRAFIA: Matthew F. Leonetti ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Robert F. Boyle ■ MÚSICA: Ira Newborn ■ PRODUÇÃO: Robert K. Weiss e David Permut ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP.





Vidsonic 500R-570R

O CINEMA EM CASA

O telão **VIDSONIC** amplia o seu lazer. Filmes transformam-se em cinema com grande realismo. Acontecimentos esportivos tornam-se tão grandes e reais na tela que parece que você está assistindo ao vivo.

Imagem até 25 vezes maior que a de um televisor comum de 20 polegadas. Som direcional poderosíssimo, com dois auto-falantes.

A unidade do sistema projetor é um bonito móvel de fino acabamento e com rodízios. Ocupa pouco espaço e complementa a decoração.

O telão **VIDSONIC** é apresentado nas versões **500R - 570R - 700 e 1000.**

Não perca tempo, ligue rápido pra nós e marque uma visita ao nosso Show-room. Tel.: 281-7544 ou PABX 281-7637



Vidsonic

C.E.I. COMERCIAL ELETRÔNICA E INDUSTRIAL VID SONIC LTDA

MATRIZ: Praça Confederação Sulca, 84 - Tels.: 281-7637 e 281-7544 - Del Castilho - CEP 20761 - Telex: (021) 23897 MTAT - Rio de Janeiro / RJ. À venda nas seguintes lojas:

• **SÃO PAULO:** GATI BASS - Alameda São Caetano, 186 - Stº André - Tel.: (011) 454-4004 • **MINAS GERAIS:** VIDEO SYSTEM - Rua da Bahia, 2100 Lourdes - Belo Horizonte - Tels.: (031) 377-9333/335-3222. **PARÁ:** TV ARTE - Rua Q. de Almeida, 1221 - Reduto - Belém do Pará - Tel.: (091) 222-9416. **BAHIA:** W. SHOCK - Av. Centenário s/nº - Ijs. 122 e 123 - Shopping Barra Bahia - Salvador - Tel.: (071) 237-5333.

A MELHOR IMAGEM EM SUA TELEVISÃO

A Cosfon instala em seu prédio ou sua casa, antena coletiva ou individual, para recepção de sinais de TV e FM.

Orçamento sem compromisso
Pagamento Facilitado
Financiamento Próprio
Garantia Cosfon



Rua Álvaro Ramos, 181 Botafogo
275-6622 - 542-1922

cosfon

vídeo, micro
& game

COMÉRCIO E SERVIÇOS DE ELETRÔNICA

Rua Barata Ribeiro, 370 - s/lj 205 - Copacabana - Rio

257-7570

PHILTRON

SERVIÇOS E VENDAS DE PEÇAS
PHILCO

METALFRIO

SINGER

ELETRÔNICA

REFRIGERAÇÃO

ELETRODOMÉSTICOS

R. Visconde da Gávea, 125-A - Centro - Rio.

263-8832

CINESCOP

SERVIÇOS E VENDAS DE PEÇAS

SINGER • PHILCO

TUBOS DE TV

R. Teodoro da Silva, 1006 - Grajaú - Rio

288-9244

cosfon

ATENDIMENTO RÁPIDO

EM TODO GRANDE RIO

PHILCO • CONSUL

ELGIN • SPRINGER

R. Alvaro Ramos, 181 - Botafogo - Rio

542-1922 - 275-6622

FRIGUASSU

REFRIGERAÇÃO

SERVIÇOS E VENDA DE PEÇAS

GE • SINGER

ARNO • CONSUL

BLACK E DECKER

PHILCO • SPRINGER

R. Carlos Marques Rollo, 62/66 - Juscelino - N. Iguaçu - Rio

796-4238

Condor

ATENDEMOS A TODOS OS BAIRROS DO RIO DE JANEIRO.

CONSUL • WATEROZON
SPRINGER

R. Teodoro da Silva, 1006 Grajaú - Rio

288-9244

cosfon

VENDA DE PEÇAS

ARNO • BLACK E

DECKER • BOSCH

SINGER • GE

BOMCLIMA

CONSUL • SHARP

PHILCO

R. da Passagem, 127 - Botafogo

295-4694 - 295-4544

SUPERINTRIGANTE!

SUPER INTERESSANTE

COMPUTADOR
CRIA AVIÕES
DO FUTURO



Recordes
exóticos:
por um
momento
de glória

Freud
explica
a alma

Vírus:
o grande
inimigo

O ENIGMA
DA EXTINÇÃO DOS
DINOSSAUROS

SUPERPOSTER
O mapa radio telescópico
da Via Láctea

SUPERPOSTER
A primeira imagem
radiotelescópica
da Via Láctea

Assuntos supercuriosos.
Fotos e ilustrações fantásticas.
A emoção de ler. Tudo isso está
na edição de dezembro de
SUPERINTERESSANTE.

A CHARADA DOS DINOSSAUROS

Eles reinaram soberanos sobre a
face da Terra durante 140 milhões
de anos. Mas como e por quê
sumiram? Você vai saber tudo
o que a ciência conseguiu apurar
sobre esses estranhos bichos.

O SUPERCOMPUTADOR

Um fantástico computador, capaz
de fazer dois bilhões de cálculos
por segundo, está sendo usado
para testar os aviões hipersônicos
da próxima geração, antes mesmo
que eles comecem a ser
construídos. Conheça de perto
este simulador superinteressante.

INIMIGO INVISÍVEL

Do mais banal resfriado ao
flagelo da AIDS, o culpado é
sempre a mesma criatura: o vírus.
Você vai ver fantásticas imagens,
fotografadas de microscópios,
desses organismos que nós
infernizam a vida.

FREUD EXPLICOU

Para conhecer a si mesmo,
Sigmund Freud mergulhou no
estudo da mente humana.
E descobriu um mundo estranho
e fascinante.



NAS BANCAS



CENSURA LIVRE

As crianças, as férias, o natal. Sorvete derretendo no banco do carro, verão, saco de pipoca no cinema, refrigerante no carpete, o mais velho puxa o rabo-de-cavalo da mais nova, que desfere um ponta-pé no primo. Ufa! Há quem prefira matricular de cara a molecada num acampamento misto e tirar férias dos filhos por duas ou três maravilhosas semanas. Afinal, todo programa de criança não é necessariamente um bom programa de adulto.

Eis que de repente... SET imaginou uma saída conciliatória. Trata-se, na verdade, de uma dessas soluções que o cinema deixa de bandeja. Há filmes que são programas excelentes, tanto para os que têm menos de dez quanto para os que têm mais de onze. Ou de trinta. Em trinta vídeos, SET selecionou alguns dos melhores títulos. Novamente, há as ausências imperdoáveis, desde a insuperável *Branca de Neve*, de 1937, de Walt Disney, até o cult infantil *O Corcel Negro*, de 1979, de Carroll Ballard. Os pequenos podem alimentar a fértil imaginação. Os (as) marmanjos (as) também. E ainda mais: alguns dos títulos já são habitantes do universo infantil há algumas décadas, como o *Gato Félix* e *Gulliver*. Os pais podem curtir os filhos curtindo aquilo que os pais curtiam. Estilingue, papagaio, bolinha de gude. Ou ainda as comédias clássicas de Carlitos ou dos Irmãos Marx. Uma aula de cinema pra criançada, com alguns quilos de gargalhadas garantidas. E Boas Festas!



ANIMAÇÃO

FIEVEL, UM CONTO AMERICANO

(Fievel, An American Tail, EUA, 1986)

Direção de animação: Don Bluth. CIC. Dublado.

Fievel é um ratinho tão simpático e meigo que todo mundo gostaria de levá-lo para casa. Na Rússia, do final do século passado, Fievel, a irmã Tanya, papai e mamãe Mousekewitz, cansados dos ataques dos gatos cosacos, fogem num navio de imigrantes para a América, um paraíso onde "não existem gatos e as ruas são feitas de queijo". Na viagem Fievel cai do navio, mas consegue chegar até a estátua da Liberdade numa garrafa. Em Nova York, o ratinho sai à procura da família, envolvendo-se no submundo da cidade e descobrindo que o sonho americano é pura ilusão. *Fievel* é o primeiro longa-metragem de animação produzido por Spielberg, e nele o diretor Don Bluth, que trabalhou nos estúdios Disney na criação de ratos e camundongos utilizou computadores e as mais avançadas técnicas de animação para conseguir os belíssimos efeitos e imagens.

AS VIAGENS DE GULLIVER

(Gulliver's Travels, EUA, 1939)
Direção: Dave Fleisher. Polevídeo. Dublado.

Adaptação para desenho animado da obra de Jonathan Swift, *As Viagens de Gulliver* conta a história de um marinheiro náufrago (Gulliver) que chega a Lilliput, terra onde todos os habitantes são anões. A princípio, a descoberta do gigante causa grande temor à população, mas os nobres propósitos de Gulliver acabam com as apreensões. Assim, o grande homem é adotado por Lilliput e intervém na guerra que a cida-

de trava com o reino vizinho, provocada por desavenças na escolha da música nupcial do casamento que unirá o príncipe e a princesa das duas terras. Embora um pouco envelhecido pelo tempo, *As Viagens de Gulliver* já fez a cabeça de muitas gerações e ainda conserva os traços dos irmãos Dave e Max Fleisher, que fizeram muito sucesso na época e ainda hoje impressiona pela técnica.

GATO FELIX E SEUS COMPANHEIROS

(Felix, the Cat, EUA, 1930)



Direção de animação: Burt Gillett, Tom Palmer e outros. D.I.V. Dublado

Há 70 anos Otto Messmer criou e introduziu para a animação *O Gato Felix*. Como todo gato, Felix é solitário e muito dono-de-seu-nariz. É um herói circunstancial, simpático e lépido. Este *Gato Felix e Seus Companheiros* reúne sete episódios que mostram a natureza — e seus fenômenos — como fluxo da narrativa. Os temas são humanos e afetivos. Os personagens buscam a harmonia constante com a vida: desfrutando o bem em comunidade, corrigindo falhas de comportamento na intenção de solucionar criativamente problemas. Humor e graça tratados ingenuamente garantem uma diversão sadia. Um mosaico primordial da animação universal.

CYRANO

(Cyrano, EUA, 1974)

Direção: Charles A. Nichols. Hipervídeo. Dublado.

França, século XVII. Cyrano de Bergerac, "o único nariz que tem um homem", é apaixonado por lady Roxanne, mas não tem coragem de se declarar. Poeta brilhante, além de músico, filósofo e ator, Cyrano se contenta em expressar suas palavras de amor através de Christian, belo e tolo cadete por quem Roxanne suspira. A Hanna-Barbera adaptou direitinho a consagrada peça de Edmond Rostand, mantendo os diálogos originais. A animação segue a linha de produção trivial do estúdio, sem nenhum cuidado especial. Mas a força do roteiro torna este desenho animado uma boa diversão para crianças um pouco crescidinhas.

JONNY QUEST

(Jonny Quest, EUA, 1964)

Direção: William Hanna, Joseph Barbera. Hipervídeo. Dublado.

Os meninos da década de sessenta, que na pele de Jonny Quest, viajaram pelo mundo vivendo fantásticas aventuras, podem matar as saudades.

Jonny, doutor Benton Quest, Roger Bannon, Hadji e o cachorrinho Bandit estão de volta em *O Mistério dos Homens-Lagarto* e *O Foguete Desaparecido*, com as mesmas vozes e em cores. No entanto, a geração pôstevê em cores, habituada a produções mais sofisticadas, dificilmente se entusiasmará com este clássico de Hanna-Barbera, um tanto desbotado e apagado. Um detalhe: a distribuidora promete três episódios e apresenta apenas dois.

JOE 90

(Joe 90, GB/EUA, 1982)

Diversos diretores. Coordenação de criação: Robert Mandell. D.I.V. Dublado.

A *supermarionation* (super animação de marionetes) está de volta, com novas aventuras produzidas nos anos 80. Suas personagens mais populares, sem

dúvida, são os *Thunderbirds* — a trilha da série foi um dos maiores hits infantis dos anos 60. Entretanto, em termos de diversão, não se comparam a *Joe 90*. Pra começar, o herói é um garoto de nove anos (como a maior parte de seu público). Mas basta ele colocar seus óculos, ligado a uma máquina (o "Tremendão") capaz de transmitir para sua mente o conhecimento de qualquer pessoa, para a ação começar. De óculos ele pode fazer de tudo. Acompanhado de seu tio San (qualquer coincidência...) não vacila em destruir até mesmo bases de mísseis soviéticas!

ASTERIX E A SURPRESA DE CÉSAR

(Astérix et la surprise de César, França, 1985)

Direção: Ginger Gibbons e Paul and Gaëtan Brizzi. Polevídeo. Dublado.

Os quadrinhos de Asterix fazem parte das diversões infantis de algumas gerações que hoje já batem pela casa dos trinta. Os desenhistas Goscinny e Uderzo construíram um argumento de histórias inesgotáveis. Na época de César, Roma dominava o mundo com seu exército de muita força bruta e nenhuma sensibilidade. O mundo todo virgula! A aldeia gaulesa do chefe Abracursix jamais rendeu-se ao domínio imperialista. Com o tempo, os centuriões de Roma aprenderam a manter uma distância de respeito da aldeia que, ao contrário de César, não queria conquistar a galáxia, mas viver sossegada dentro de seu escriptorio. Esta fábula antiimperialista rende agora um vídeo obrigatório, impositivo. Tem de ser visto. O fortíssimo Obelix, que perambula na aldeia carregando menires e caçando javalis a mão, apaixonou-se pela graciosa Falbalá, sobrinha do chefe. Ela, porém, já tem um noivo, e Obelix fica pra escanteio. Um burocrata romano, desavisado da ferocidade gaulesa, prende o casal de noivos que está passeando no campo. Pra quê! Asterix, Obelix e o cachor-

rinho Ideafix, munidos da poção mágica preparada pelo druida mago Panoramix, vão resgatar os seqüestrados. Como se sabe, a poção dá forças aos gauleses. Só Obelix não pode beber, porque já caiu na poção quando era criança e é terrivelmente forçado o tempo todo. Com o elixir e a coragem, lá vão os três. Adivinhe se não vão se bater com César, bem em Roma. O final, além de engraçado, é feliz.

LOBO PATETA I E II

(União Soviética, 1970/85)

Direção: V. Kotenochkin. Globovideo. Dublado.

Esta produção soviética, na linha de *Bip-bip* e *Lobobão*, *Tom e Jerry* e *Frajola* e *Piu piu*, não deve nem acrescentar nada aos desenhos americanos do gênero. O Lobo Pateta, desastrado, de andar pilantra e cigarro na boca, vive perseguindo a Lebre Lepida que, para variar, sempre se sai bem. A segunda série de histórias (*Lobo Pateta II*) tem o cenário mais detalhado e colorido. Destaque para os episódios da Olimpíada de Moscou e circo russo.

SUPER-HOMEM

(Superman, EUA, 1940-43)



Direção: Dave Fleisher. DIV Legendado.

Os sete episódios em que Super-Homem enfrenta cientistas loucos, múmias, supercriminosos, japoneses e nazistas, sem contar as eternas salvagens de sua *darling* Lois Lane, são clássicos da animação. Feitos originalmente para o cinema, entre 1940-43, pelos estúdios Fleisher (os mesmos de *Popeye* e *Betty Boop*) e Famous, são o que há de mais sofisticado em desenhos infan-

tis. Seu jogo de sombra e luz — quase sempre luz noturna — remonta ao *film noir*. E o humor ágil de sua ação ainda hoje mostra uma vitalidade insuperável. Uma superdiversão!

TURMA DA MÔNICA EM O BICHO PAPÃO

(Brasil, 1987)

Direção: Maurício de Sousa.
Direção Artística: Airon Barreto de Lacerda. Transvídeo

A exemplo dos anteriores, este último filme de Maurício de Sousa traz quatro episódios saídos das histórias em quadrinhos publicadas em revistas. O *Bicho Papão* e *O Ogro da Floresta* podem ser considerados obras-primas do desenho animado nacional, embora bem distantes da produção Disney dos bons tempos. Desde os primeiros desenhos animados, feitos em 1978, a qualidade melhorou bastante, com os personagens ganhando mais movimento e charme, além de cenário bem sofisticado. No entanto, os dois primeiros *sketches*, *Quem Bate* e *A Montanha Suja* não têm o mesmo nível: as histórias são parodias e de qualidade técnica inferior. As historinhas são intercaladas por piadinhas, charadas e músicas infantis (Atirei o Pau no Gato), bem ao gosto da petizada.

TOQUE DE NOVO CHARLIE BROWN

(Play it again, Charlie Brown EUA)

Direção: Bill Melendez. Video Ban. Dublado.

A sutileza que consagrou os *Peanuts* nas histórias em quadrinhos (Charlie Brown surgiu em 1950 e Snoopy em 1956) foi mantida no desenho animado. De traço simples e estilizado, a animação é econômica, porém bem conduzida, acompanhando passo a passo a história feita originalmente para quadrinhos por Charles Schulz e publicada em tiras diárias de jornais. Os dois episódios selecionados pela Video Ban (*Toque de*

novo, *Charlie Brown* e *Ele é seu cachorro, Charlie Brown*) são bem antigos, do tempo em que Snoopy era magrinho e tinha hábitos mais caninos, como andar de quatro. A dublagem, feita nos Estúdios da TVS, cai em cima, principalmente as vozes de Charlie Brown e Peppermint Patty (Patrícia Pimentinha). Desenhos melhores e mais recentes já passaram na tevê e circulam em cópias alternativas.

DOT E KITO

(Austrália, 1975)

Direção de Produção: Yoram Gross.

Direção de Animação: Ray

Nowland. Transvídeo. Dublado.

Depois de comer uma raiz encantada, Dot fica pequeninha e conhece o mundo dos insetos, numa mistura de *Laura Jane e Alice no País das Maravilhas*. São mosquitos (Kito), formigas, lagartas e aranhas de verdade que de repente se transformam em graciosos personagens de desenho animado. Ao contrário dos dois outros filmes da série (*Dot e a Koala* e *Dot e a Baleia*), as cenas reais têm muito movimento e são bem filmadas. As tomadas do interior de um formigueiro e da lagarta virando borboleta, por exemplo, ainda encantam as crianças.

AVENTURA

OS BANDIDOS DO TEMPO

(Times Bandits, Inglaterra 1981)

Direção: Terry Gilliam. Com John Gleece, Sean Connery, Shelley Duvall. VTL Legendado.

Kevin (Craig Warnock), um suburbano britânico de 11 anos, cujos pais são o cúmulo da chaticice e do consumismo otário, vê cair em seu quarto seis anões, fugindo desesperadamente de um tal "Ser Supremo", com um mapa nas mãos. Pelo mapa, eles seguem os "buracos" no tempo — na prática, um roteiro de viagem no tempo através da quarta dimensão. Armam um fuzê danado ao redor da cama de Kevin que, entre susto e curiosidade, resolve ir com os anões. Cai na Itália ocupada por Napoleão (Iam Holm), na floresta de Robin Hood (John Gleece) e na Grécia antiga de Agamenon (Sean Connery, impagável), ao mesmo "tempo" que percebe que os seus acompanhantes são ladrões: tudo que querem é surrupiar objetos valiosos de épocas distintas. Os efeitos especiais, se não ostentam o requinte de Spielberg, esbanjam imaginação, graça e inteligência. E a trama não cai: Kevin e seus ládrões vão se dar com o Gê-

nio do Mal (David Warner) e com o Ser Supremo (Ralph Richardson). E tem mais: a música é de George Harrison. Prazer e gargalhada das garantidas, dos 8 aos 88.

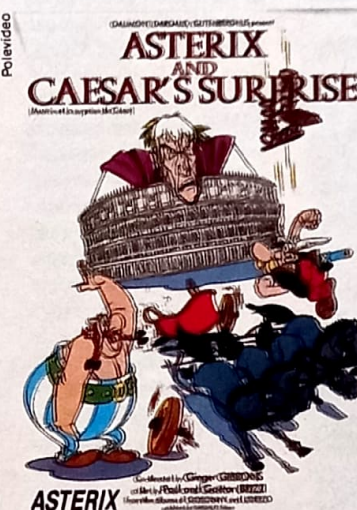
OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA

(Raiders of the Lost Ark, EUA, 1981)

Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Karen Allen. CIC. Legendado.

Flechas envenenadas, um fosso repleto de serpentes e tarântulas que caem do teto. Estes são alguns dos inúmeros perigos, narrados num ritmo alucinante, que os heróis de *Os Caçadores da Arca Perdida* enfrentam. O filme, inspirado nos velhos seriados das décadas de 30 e 40, é pura emoção. Conta as aventuras do arqueólogo Indiana Jones (Harrison Ford) e sua companheira (Karen Allen) em busca da arca da aliança, em que Moisés guardou a tabua dos dez mandamentos, que também é disputada pelos nazistas, pois pode conferir aos seus detentores grandes poderes. Consagrado por espectadores de todas as idades e considerado um dos

Polevideo



CIC



Artenova



melhores filmes de aventuras dos últimos tempos, *Os Caçadores*, que teve produção de George Lucas, mais uma vez atestou a genialidade de Steven Spielberg. Mas tudo isso foi pouco para a Academia, que cismou em não lhe dar o Oscar.

OS TRAPALHÕES NO AUTO DA COMPADECIDA

(Brasil, 1987)

Direção: Roberto Farias. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum, Zacarias, Renato Consorte, Betty Goffman, Cláudia Gimenez, José Du-mont. LCL/CDV.

Bem-sucedida adaptação da obra teatral do paraibano Ariano Suassuna, um clássico da dramaturgia nacional. No vilarejo nordestino de Tapeorá, João Grilo (Renato Aragão) e seu inseparável companheiro Chicó (Dedé Santana) envolvem-se nas mais diversas confusões: enganam o padre, o bispo e o sacristão — todos corruptos e submissos ao coronel da região — enfrentam cangaceiros, tramam golpes e trapagens para ganhar dinheiro. As aventuras dos dois servem de fio condutor para a história, que se desenvolve em dois planos: um realista, onde se mostra o dia a dia de um povoado do sertão; e um plano fantástico, onde os personagens têm de prestar contas de seus atos diante de Deus, do Diabo e da Compadecida. O resultado é uma deliciosa parábola. Afinal, como diz a Compadecida (Betty Goffman), "quem gosta de tristeza é o diabo".

VIAGEM AO MUNDO DOS SONHOS

(Explorers, EUA, 1985)

Direção: Joe Dante. Com Ethan Hawke, River Phoenix e Jason Presson. CIC. Legendado.

Repleto de referências a filmes antigos e recentes de ficção científica, como *O Dia em que a Terra Parou* e *Guerra nas Estrelas*,

Viagem ao mundo dos Sonhos é mais uma daquelas histórias em que as crianças são bem mais espertas do que os adultos. Assim, três adolescentes, um apaixonado por ficção científica, outro um pequeno gênio e por fim um especialista em sucatas, descobrem, a partir de sonhos, um campo de força que pode atingir velocidades incríveis. Juntos, eles constroem uma nave e partem rumo ao desconhecido. O filme, dirigido por Joe Dante, discípulo de Spielberg e realizador de *Gremlins*, tem momentos preciosos, como a passagem da nave dos meninos por um *drive-in* que exibia uma fita de ficção científica e o encontro com alienígenas, fanáticos por programas de auditório da terra.

BÁRBARA BELEZA

(União Soviética)

Direção: Alexandr Rou. Com Tatiana Kliuieva, Mijail Púgovkin, Gueorgui Miellar. Globo-vídeo. Legendado.

Para se libertar do czar do mundo subterrâneo (uma espécie de duende verde-prateado e peludo) que o agarra quando se debruça num lago para beber água, o czar Ereméi promete entregar-lhe o filho. Arrependido, Ereméi troca o bebê recém-nascido pelo filho de um pescador. Dezoito anos depois, Chúdo-Yúdo, o czar subterrâneo, cobra a dívida: quer o príncipe para marido de sua filha Bárbara, interpretada pela bela Tatiana Kliuieva, sócia quase que perfeita de Olivia Husel, a Julieta do filme de Zeffirelli. A história, baseada em clássica fábula eslava, é muito bonita, mas a produção é pobre.

DE VOLTA PARA O FUTURO

(Back to the Future, EUA, 1985)

Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd e Lea Thompson. CIC. Legendado.

Marty Mc Fly (Michael J. Fox) é um garoto dos anos 80 que mora numa pequena cidade do interior dos EUA. A pedido de

um amigo cientista meio louco (Christopher Lloyd), que transformou um carro esporte numa verdadeira máquina do tempo, Marty participa de uma experiência que acidentalmente leva-o de volta ao ano de 1955. Tentando voltar para o seu tempo real, Marty descobre que é possível mudar o futuro resolvendo algumas coisas do passado, quando se depara com seus pais adolescentes. O filme, que tem produção de Spielberg e traz sua marca registrada, é uma importante oportunidade para se conhecer um pouco mais sobre os anos 50 e perceber os contrastes e pontos em comum com a época atual.

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(Young Sherlock Holmes, EUA, 1985)



Direção: Barry Levinson. Com Nicholas Rowe, Alai Cox, Sophie Ward. CIC. Legendado.

Imagine o jovem Sherlock Holmes encontrando-se com o jovem "caro Watson" numa escola repleta de jovens *snoobs*, na velha e sombria Londres, no século XIX. Imagine também que Holmes tem uma bela namorada e pense porque ele nunca se casou. Imagine ainda um cientista louco, e, por fim, a forma como Holmes foi adquirindo seus inseparáveis objetos: o cachimbo, a capa, o chapéu e o violino. A sequência em que essas coisas surgem é divertidíssima. No mais, sobra o usual "toque de Spielberg" (aqui como produtor). Homenzinhos encauçados e suas zarabatanas provocam aterroradoras alucinações que levam ao suicídio. Por trás disso, uma seita de adoradores de um deus maligno do velho Egito. Assim é o 1º caso de Sherlock Holmes. Lembra, por ve-

zes, Indiana Jones no Templo da Perdição, mas, ainda assim, uma ótima diversão. Elementar.

JORNADA NAS ESTRELAS I - O FILME

(Star Trek I - The Motion Picture, EUA, 1979)

Direção: Robert Wise. Com William Shatner, Leonard Nimoy, De Forest Kelley, Stephen Collins. CIC. Legendado.

Com o mesmo elenco e personagens do famoso seriado de TV (quem não se lembra do Capitão Kirk, Tenente McCoy, Dr. Spock?), este longa-metragem vai além. Muita coisa mudou. Para acompanhar os avanços do século XXIII (e do cinema do século XX), a nave Enterprise recebe novos motores e uma tripulação de tecnocratas inexperientes, para desespero do destemido Kirk e o resmungão McCoy, sempre lembrando "os bons velhos tempos". A situação é crítica: há um intruso que veio do espaço e ameaça a Terra. Não se sabe o que, quem é nem o que quer. Até que o mistério se resolve, há muito falatório e pouca ação. A história, apesar de bastante original e interessante (tem consultoria do escritor Isaac Asimov), é um tanto complexa e arrastada. Mas o filme não chega a perder com isso, pois o que vale mesmo são seus belíssimos efeitos visuais. (A sequência, *A Ira de Kahn*, conta com mais ação e humor, mas a produção é menos cuidada).

E.T. — O EXTRA-TERRESTRE

(E.T. — The Extra-Terrestrial, EUA, 1982)

Direção: Steven Spielberg. Com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, Drew Barrymore, C. Thomas Howell. Legendado.

Crianças encontram uma criatura de outro planeta perdida na Terra e tentam ajudá-la a voltar para casa, evitando que seja capturada pelos adultos. Esta ficção sentimental, embalada numa parábola de amizade, tornou-se a maior bilheteria do cinema. O

grande mérito, sem dúvida, se deve a E.T., o adorável alienígena concebido por Spielberg — sua performance enche este conto de fadas da era da informática com emoções mágicas.

OS LOBOS NÃO CHORAM

(Never Cry Wolf, EUA, 1983)

Direção: Carroll Ballard. Com Charlie Martin Smith, Brian Dehenny. Legendado.

Produzido pelos estúdios de Walt Disney, *Os Lobos Não Choram* é uma verdadeira declaração de amor à natureza. Em imagens belíssimas, o filme conta a história real do pesquisador Tyler (Charles Martin Smith), que vai até o Ártico estudar os lobos, pois o governo suspeita que eles estão acabando com as renas da região. Contudo, o que Tyler descobre é que os lobos são animais fiéis, que se alimentam basicamente de pequenos ratos, e que só matam para comer os outros animais que estão doentes. Inteiramente rodado no Alasca, o filme mostra a exuberante paisagem da região e prova que, ao contrário do que dizem as fábulas, o lobo não é tão mau assim. Irresistível e comovente.

FESTIVAL CARLITOS

(The Cure, The Count, Easy Street, EUA)

Direção: Charles Chaplin. Com Charles Chaplin. J. Home.

Chaplin escreveu, dirigiu e estrelou estes três pequenos filmes com o mesmo brilho que o imortalizou nos filmes maiores: de bengala, chapéu coco e andar de ganso. Impossível não rir. Em *No Balneário*, Chaplin, um pouco "alto", se vê às voltas com uma porta giratória. Em *O Conde*, faz-se passar por um nobre e é obrigado a dançar num baile de gala. Mas o melhor é o terceiro episódio: o frágil Carlitos entra para a polícia no distrito em que um vilão enorme, de grossas sobrancelhas juntas num "v" ameaçador, sai distribuindo sopapos por todo lado.

Muita diversão, pancadaria, e um riso que, se você não tomar cuidado, vai morder as orelhas. (Convém lembrar que o *Festival Carlitos 1* é quase tão bom quanto este, mostrando um antológico encontro entre Chaplin e uma cama dobradiça.)

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO

(Indiana Jones and the Temple of Doom, EUA, 1984).

Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Kate Capshaw, Ke Huy Quan. CIC. Legendado.

COMÉDIA

O CÉU PODE ESPERAR

(Heaven Can Wait, EUA, 1978). Direção: Warren Beatty e Buck Henry. Com Warren Beatty, Julie Christie, James Mason. CIC. Legendado.

Há mais enganos entre o céu e a terra do que pode supor nossa vã filosofia. Assim, por um desses equívocos inexplicáveis, Joe Pendleton (Warren Beatty), um dedicado jogador de futebol americano do Rams, acaba sendo enviado ao céu antes do tempo, ou seja, sem ter realmente morrido. Descoberta a falha, o todo-poderoso Mr. Jordan (James Mason) envia Joe de volta para a terra no corpo de um empresário que acabara de ser assassinado pela esposa e o secretário. O filme, versão de *Here Comes Mr. Jordan* (1941), tem momentos engraçadíssimos como as confusões que Joe arruma na pele do executivo, comandando suas empresas com o raciocínio de um jogador de futebol.

APERTEM OS CINTOS! O PILOTO SUMIU...

(Airplane, EUA, 1980). Direção: Jim Abrahams, David Zucker e Jerry Zucker. Com Robert

Stack, Julie Hagerty e Lloyd Bridges. CIC. Legendado.

Com movimento e ação para ninguém colocar defeito, mais uma vez Spielberg esbanja genialidade em *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, que, ao contrário do que parece, não é uma continuação de *Os Caçadores da Arca Perdida*. Dessa vez, Indiana (Harrison Ford) parte para o Palácio de Pankot em busca de sivalinga, uma pedra sagrada roubada de uma aldeia hindu. A partir daí é só aventura e emoção, com as situações que só Spielberg consegue criar.

bert Stack, Julie Hagerty e Lloyd Bridges. CIC. Legendado.

Não há quem resista ao bom humor de *Apertem os Cintos! O Piloto Sumiu...* Com sátiras que lembram muito as feitas pela revista *Mad*, o filme é uma paródia da série *Aeroporto*, e conta a história de um piloto de guerra que embarca no avião atrás de sua noiva aeromoça e acaba sendo obrigado a assumir o comando da aeronave, quando a tripulação fica envenenada pela comida. *Tubarão* e *Os Embalos de Sábado à Noite* também são gozadas no filme. Com piadas e gags do começo ao fim, *Apertem os cintos!*, é uma boa pedida para todas as idades.

OS CAÇA-FANTASMAS

(Ghostbusters, EUA, 1984). Direção: Ivan Reitman. Com Bill Murray, Dan Aykroyd, Harold Ramis, Sigourney Weaver, Rick Moranis. Legendado.

A primeira superprodução no gênero comédia arrepiante. Conta as peripécias de um trio de "investigadores paranormais" que resolvem entrar no ramo de caçar fantasmas e espíritos em Nova York — e acabam vendo seu negócio crescer! Efeitos mi-

rabolantes, bestas apocalípticas e a possesha Sigourney Weaver (heroína de *Alien*) tornam-se problemas mais complicados — e hilários — do que estes futuros personagens de desenhos animados esperavam encontrar em sua nova profissão.

MARVADA CARNE

(Brasil, 1985). Direção: André Klotzel. Com Adilson Barros, Fernanda Torres. CIC.

Cansado do dia a dia na terra isolada onde morava, Nhô Quim (Adilson Barros) resolve mudar de vida, e parte com seu cachorro e cabra em busca de casamento e de realizar o antigo desejo de comer carne de boi. No caminho, Nhô Quim conhece "Sá" Carula (Fernanda Torres) que, sem querer, atira na sua cabeça a imagem de Santo Antônio, que não a ajudava a encontrar um marido. Inspirado nos "causos" caipiras, o filme mostra as credences e o folclore do interior paulista, com bom humor e leveza. A história surpreende adultos e crianças, com os inusitados pactos de Nhô Quim com o demônio (Regina Casé) e com as proezas de que é capaz um caipira com desejo de comer carne.

UM ESPÍRITO BAIXOU EM MIM

(All of Me, EUA, 1984). Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin, Lily Tomlin. VTI. Legendado.

Roger (Steve Martin) é um advogado frustrado e cansado de defender causas inexpressivas. Para completar, ele é designado para redigir o testamento de uma excêntrica milionária moribunda (Lily Tomlin) que pretende, com a ajuda de um guru-hindu, transferir sua alma para o corpo de uma bela e saudável mulher. Mas o desespero de Roger não termina aí. Um acidente faz com que o espírito da falecida "baixe" no próprio advogado, que fica com o seu lado direito possuído pela milionária. A partir daí é só confusão, e as

trapalhadas de Roger e sua indesejada metade podem matar qualquer um de tanto rir. O excepcional desempenho de Martin valeu o prêmio de melhor ator da crítica de Nova York. Mas sua "porção mulher", Lily Tomlin, também não deixa por menos e contribui com boas gargalhadas.

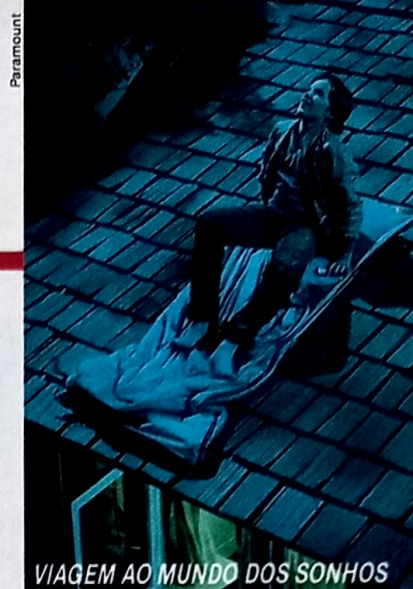
UMA NOITE DE ÓPERA

(A Night at the Opera, 1935). Direção: Sam Wood. Com Groucho, Chico e Harpo Marx, Margaret Dumont, Kitty Carlisle, Allan Jones.

"Este filme é indicado para pessoas que não frequentam clubes que as aceitem como sócias" diria Groucho. (Silêncio)... Fon! Fon!... diria Harpo. Chico completaria: "Bel lavoro, brothers". Quem gosta dos programas humorísticos da TV deve saber que muitos dos quadros dos *Trapa-lhões*, Jô, Chico Anysio etc. são nitidamente inspirados nas gags dos Marx. Mesmo a tradicional buzina do Velho Guerreiro é confessionalmente "chupada" da de Harpo, o mudinho. A influência do trio permanece há mais de meio século. O cinema falado fez com que eles se projetassem com seu humor corrosivo/absurdo, que encontra-se em um de seus melhores momentos nesta produção. Aqui estão as frases ferinas de Groucho, os números musicais de Harpo e os inúmeros trambiques de Chico. E mais: a antológica sequência da cabine do navio onde "sempre cabe mais um", uma das melhores traquinagens dos Marx.

Seleção e Resenhas: Redação da SET, Humberto Manera Filho, Suely Furukawa e Daniel Benevides

Os vídeos foram cedidos pelas locadoras 2001 Vídeo (251-1044 e 284-8788) e Rentacom (826-4399), em São Paulo.



VIAGEM AO MUNDO DOS SONHOS



E.T.



INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO



DE VOLTA AO FUTURO



OS LOBOS NÃO CHORAM

UMA MULHER PARA DOIS

(Jules et Jim, 1961)

No princípio, era a Nouvelle Vague. É o grande grito do cinema partia de um grupo de jovens franceses, alardeando sua vanguarda em cenas sem continuidade. Mas essas mesmas entranhas geraram filhos diferentes.

François Truffaut não fazia o estilo *enfant terrible* do apaixonante Jean-Luc Godard. No entanto, abriu sua trilha com a suavidade e sabedoria de um mago. *Jules et Jim* fala exatamente da magia que entra pelos poros e a gente nem viu.

Truffaut fala dessa coisa nostálgica, bucólica, de um expor clássico-moderno, sem alardes ou vontade de chacoalhar o espectador na cadeira. Na verdade, é nessa aparente simplicidade que cada um de nós se identifica. Estamos transportados para uma outra realidade, um pouco da França filosófica. Isso de sentar pra discutir a vida em um café de Paris.

Catherine
(Jeanne Moreau)
brinca com
Jules (Oskar
Werner)



Em *Jules et Jim* essa atmosfera se transporta para o campo. Ou, pelo menos, é o que primeiro vem à memória. Existe o campo de fundo e os três personagens saltando aos olhos o tempo todo. O triângulo que Catherine (Jeanne Moreau) estabelece com os sempre apaixonados Jules (Oskar Werner) e Jim (Henri Serre) nos joga de um lado para outro. Jules e Jim são amigos. Tão amigos que querem mesmo a mesma mulher. É quem de nós, mortais, não vive a fantasia de querer exatamente o que o irmão quer? No amor entre Jules e Jim divide-se até o desejo. Consciente ou não.

E a sedutora (de todos nós) Catherine vive a confortável posição de seduzir. E somente seduzir. Sua atração é infinita, pois ela nunca se entrega ou entrega algo de si. A cada momento em que um ou outro a tem, este descobre que já não era bem aquilo. Querem o querer. Querem o desejo de querer que Catherine os queira.

Aos nossos olhos, Jeanne Moreau é uma sedução constante, mas calma. Foi assim que ela nos surgiu: uma feminilidade francesa, a impressão de que da tela pode saltar seu perfume. Ela foi também uma musa dos novos tempos. Sua beleza e sensualidade já não se enquadravam nos padrões eleitos de beleza do cinema. Sua conquista era doce, de fogo lento, mas constante. De marca forte. A mesma marca que a fez alvo da câmera de vários cineastas. Do olho surrealista de Buñuel, em *Diário de uma Camareira*

(1964), ao olhar forte de Orson Welles, em *O Processo* (1962). Do olhar lânguido de Antonioni, em *A Noite* (1960), ao olhar estilizado de Louis Malle, em *Ascensor para o Cadafalso* (1957) e em *Os Amantes* (1958). O Louis Malle que, também jovem, projetou o nome de Jeanne Moreau nos letreiros de terras estrangeiras.

Poucas vezes se viu até hoje um envelhecer de estrela tão digno. Estrelas não costumam se arriscar muito, menos ainda quando as rugas no canto dos olhos e os contornos do corpo, nem tão firmes, começam a dar seus sinais. A Jeanne Moreau jovem, atraente irradiava já essa sedução marota e madura. Uma atriz envelhece representando.

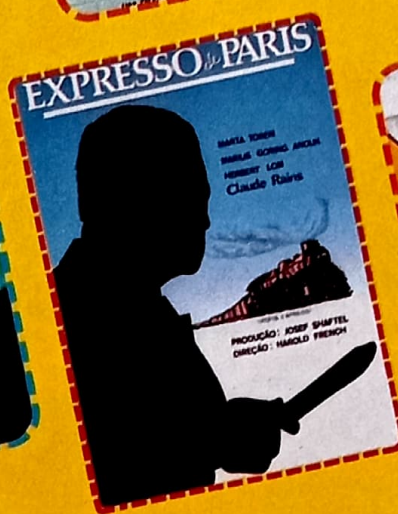
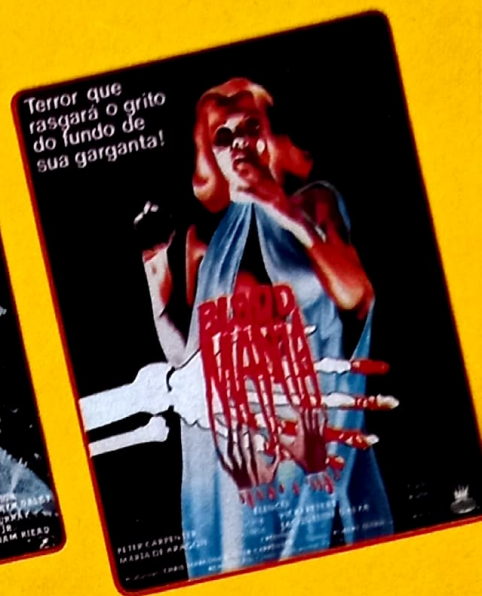
Ela não hesitou. Em *Corações Loucos*, de Bertrand Blier, ela aparece, dona de beleza madura, segura de seu talento. Acima de tudo, atriz. Para provar isso não se inibiu em tirar parcialmente a roupa. Nossas paixões também envelhecem. Mas também nossos olhos.

Importam mais os olhos de quem vê a mulher. Aí Jeanne não podia ter descoberto olhar mais cuidadoso que o de Truffaut. Sua delicadeza em desnudar esse prazer incomparável que a mulher tem em seduzir e ver a presa rastejar ganha pleno espaço em *Jules et Jim*. Um Truffaut que revela o que há de irresistível no sexo feminino, mas deixa à mostra um pouco do humano, da levemente incômoda crueldade da conquista.

E não é esse ar impregnado do universo feminino que paira em *A Mulher do Lado*, em *O Último Metrô* ou *De Repente, num Domingo*? Não é talvez a apologia doce, martirizante do mal necessário? Mas, se a paixão não é forte o bastante para compensar e fazer jus à loucura, o que valeria a pena na vida? Nem o cinema.

Adhemar Oliveira é sociólogo e diretor do Cineclube Estação Botafogo, do Rio. Foi diretor do Cineclube do Bexiga, de São Paulo, produziu e dirigiu peças de teatro em São Paulo e no Rio. Começa agora a escrever roteiros para cinema.

OS TÍTULOS DE MAIOR PROCURA NO PAÍS



SOLICITE NOSSO CATÁLOGO:

R. Vitória, 158 • 1º andar • Sta. Ifigênia • CEP 01210
S. Paulo - Brasil
TLX 113560 EXCE BR/1137407 EXCE BR -
Tel. (011) 222-7988



ARGOVIDEO

SEM O GUIA CAMPING



COM O GUIA CAMPING



Complicado, descomplicado. Você escolhe. Com o GUIA CAMPING, boa vida, sombra e água fresca. Sem, só Deus sabe. Com o GUIA CAMPING, 667 áreas de camping com instalações e equipamentos detalhados, classificados em 270 cidades do Brasil. Sem, você pode desclassificar suas férias.

Com o GUIA CAMPING, mapas de acesso para os campings e o mapa Brasil com todas as estradas e quilometragens para você acampar aonde esperava acampar. Agora, para quem preferir dormir debaixo

de teto firme e barato, o GUIA CAMPING traz os albergues da juventude. Para esportistas aventureiros, um roteiro de onde praticar canoagem, vôo livre, surf, mergulho, vela, remo, caça submarina e excursão.

Com certeza, sem complicar, vá direto ao GUIA CAMPING.



NAS BANCAS





EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

SET

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO

Editor: Eugênio Bucci
Assessor Especial: Alex Antunes
Redação: José Geraldo Couto
Assistente de Redação: Walter Silva
Coordenação de Produção: Dilson Gomes

ARTE

Editor de Arte: Michel Spital
Chefe de Estúdio: Deise Betinas
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles); Pepe Escobar (Milão); Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris); Eva Joory (Londres)

Colaboradores

Texto: Adhemar Oliveira, Antonio Querino Neto, Aldo Meolia, Alexandre Figueirôa, Bia Abramo, Celso Salles Pucci, Daniel Benevides, Daniela Baudouin, Dilson Gomes, Eliana Thomé de Souza, Evany Leal de Castro (tradução), Fernão Ramos, Humberto Manera Filho, João Batista Magalhães, Lara Pinheiro, Luiza Cristina Lusvardi, Marcel Plasse, Marcia Regina de Godoy, Patrícia Barcellos, Sueli Furukawa, Tati Coutinho, Walter Silva; Arte: Angelo Asson, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zaborczak, Renato Yada.

Revisão e Preparação de Texto: Crivo Editorial Ltda.

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE

Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Claudia Ruschi, Edson Ramão, Regina Polido, Wilson Roberto Spamer (São Paulo), Paulo Mesquita (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade - Gerente: Paulo Luchesi

Serviços Editoriais

Abril Press: Judith Baroni (gerente); Escritórios - Milão: Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; Nova York: Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; Paris: Pedro de Souza, 33, Rue de Miromesnil - 8.º, 75008 - Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aulio Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL

Diretora de Circulação: Vera Helena Mirandez Gomes
Promoção: Fernando Mendonça (Rio)
Assistente de Circulação: Maria Luzia Alves
Assistente de Propaganda: Rosana Aparecida Almeida

EDITORA AZUL

Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araújo

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777. Telegramas: Editabril/Abrilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda, Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Felais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Circulação desta revista, dezembro. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

TABOO

A revista SET vem mantendo um excelente nível, porém, às vezes, pequenos erros são cometidos. Na seção "69 Vídeos de Sexo" (SET 4), na sinopse do filme *Taboo American Style - Parte I*, está escrito: "...já são quatro partes, com atores e enredos diferentes..." Na realidade, *Taboo American Style* é uma minissérie em quatro partes, em que a saga da personagem Nina começa na primeira fita (que é comentada na revista) e é concluída na quarta, sempre com os mesmos atores e o mesmo diretor. E mesma qualidade. É provável que o redator tenha confundido essa minissérie com os filmes com o título *Taboo*, que também são vários.

Dimas Vieira da Rocha (São Vicente — SP)

SET reconhece o erro. E agradece a atenção construtiva do leitor.

RUTGER HAUER

Na análise do filme *O Exterminador Implacável* (SET 3), o redator atacou implacavelmente o ator holandês Rutger Hauer, estabelecendo uma descabida comparação com o truculento Sylvester Stallone. Longe de ser um fenômeno, mas sem dúvida um ator de talento e inegavelmente superior a Stallone, Hauer não deve ser crucificado pela gritante ruindade do filme.

Rogério Leal Araújo (Cachoeiro do Itapemirim — ES)

TIRA CORTADO

Ao ver a propaganda de *Um Tira da Pesada II*, constatei uma cena que não apa-

receu no filme, quando o assistiu: Eddie Murphy e os dois amigos se esgueirando para não bater nas luzes de raio laser numa sala escura. Quem assistiu constatou que Murphy arromba a porta e já aparece no escritório que invadiu. Na certa, a cena que faltou estava nesse intervalo. As firmas distribuidoras deviam responder por que acontece esse tipo de corte. Paulo Henrique M. de Souza (Paulista — PE)

JODIE FOSTER

Quero me corresponder com pessoas que tenham material (informações, fotos, posters, recortes) sobre Jodie Foster. Meu endereço: rua Salvador Simões, 393, Ipiranga, São Paulo — SP. CEP 04276.

Orlando Mareshall

ROBOCOP E TRILHAS

Gosto da SET, mas a meu ver está muito comercial. A revista despreza a arte e prima pelo vendável. Enquanto isso, obras-primas do cinema francês, italiano, russo, alemão, polonês, português e espanhol são relegadas ao esquecimento. Um filme como *RoboCop* jamais pode ser capa de revista.

Mayrant José Gallo (Salvador — BA)

Gostaria de parabenizar o José Emilio Rondeau pela ótima reportagem sobre *RoboCop*, na SET 4. Discordo da carta de Carlos Henrique Silva Zangrando (publicada no mesmo número), que critica as melhores trilhas sonoras — *Top Gun*, *Golden Child*, *Rocky* — e defende as músicas orquestradas.

CARTAS

Quero me corresponder com pessoas que pensam como eu. Meu endereço é rua Fortunato Mazzei, 100, Itapetininga — SP. CEP 18200.

Sérgio Angra de Oliveira Machado

O leitor Murilo A. Albuquerque foi muito feliz em sua carta publicada na SET 4, ao dizer que a qualidade das trilhas sonoras dos filmes de 007 vem decaindo a cada filme. A única infelicidade de Murilo foi ter mencionado o tema de *Octopussy* como uma das canções das quais ninguém se lembra. O tema do filme foi "All Time Right", cantado por Rita Coolidge, e é excelente.

Adriano Santos Soares (Salvador — BA)

VIDA CARA

Cara SET: sinto muito dizer, mas, com o preço que está, você deveria chegar às bancas plastificada, para uma maior proteção. Estou apenas reivindicando os direitos dos colecionadores desta maravilhosa revista.

Henrique Ramos Reis (São Luís — MA)

Prezado Henrique: você deve ter notado que não foi só a SET que teve seu preço elevado nos últimos meses. Não deve ter escapado à sua atenção, tampouco, que o número de páginas da revista aumentou significativamente, o que fatalmente elevou o custo de sua produção.

Cartas para: Editor da SET, av. Marquês de São Vicente 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

*A Mundial
encontrou a melhor
maneira de desejar
a todos, um Bom Natal.*

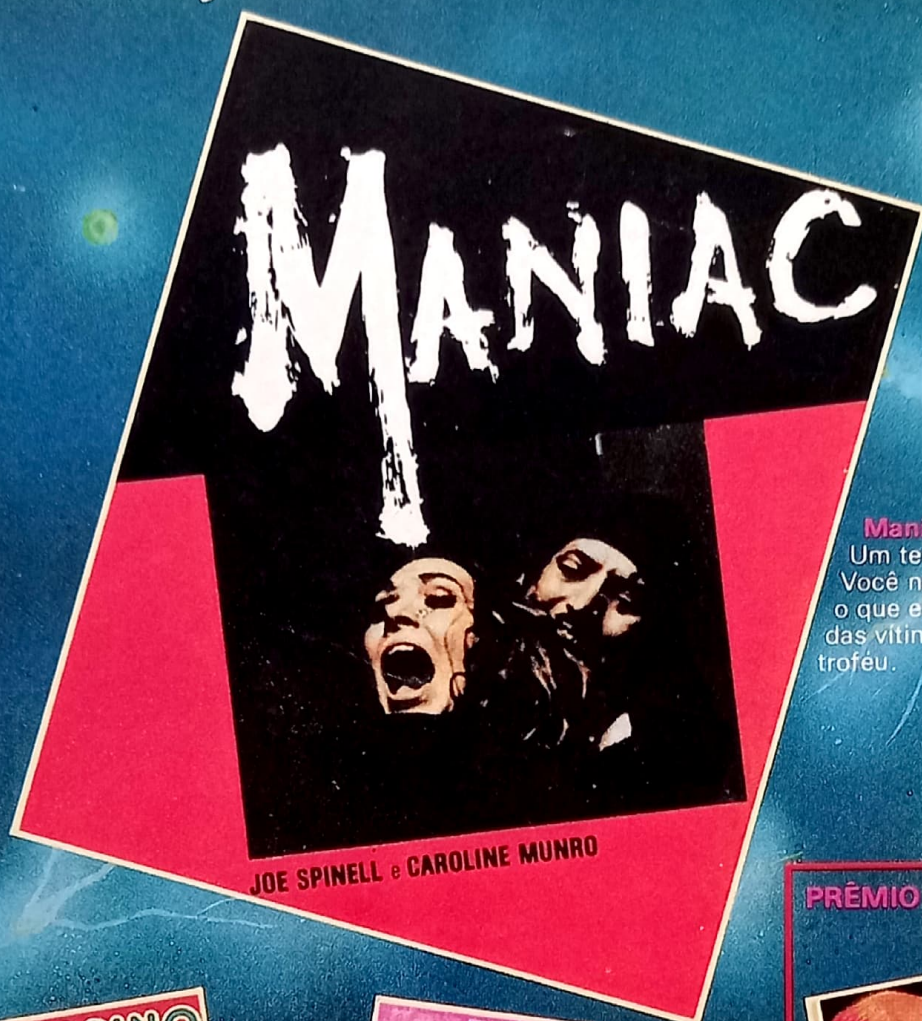
*Filmes
que dão Alegria,
Emoção e Prazer!*



*Lançamentos
felizes em 1988*



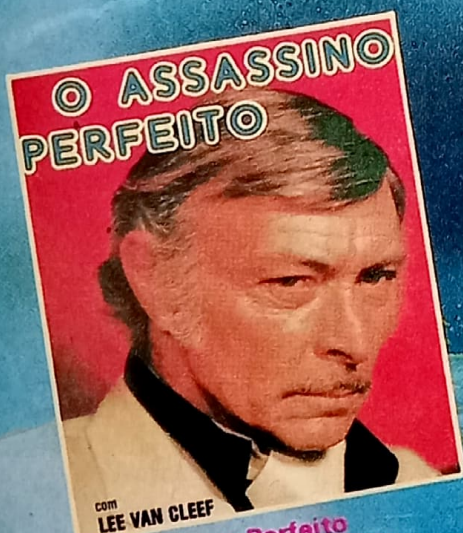
TERROR, SUSPENSE E LIRISMO



JOE SPINELL e CAROLINE MUNRO

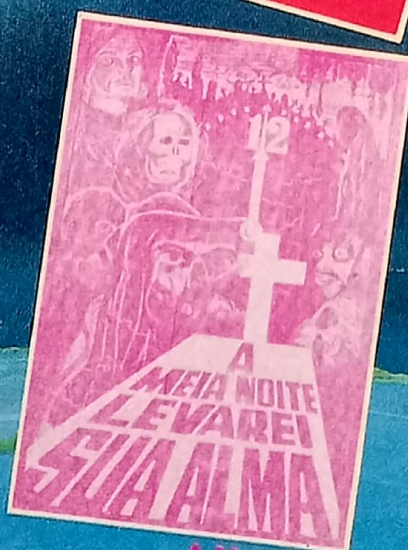
Maniac

Um terrível psicopata. Você não acreditará o que ele arranca das vítimas como troféu.



O Assassino Perfeito

Um profissional do crime.
Uma organização.
Uma perseguição implacável.
Rastros de sangue e mortes.



**A Meia Noite
Levarei sua Alma**
MARCO NA HISTÓRIA
DO CINEMA NACIONAL
Prêmios:
Festival Sitges - Espanha
L'écran Fantastic - França

PRÊMIO FESTIVAL DO CANADÁ
1985



Padre Nuestro

Ele poderia ter chegado a Papa, se não fosse aquela mulher em sua vida!

SET

Lillian Gish
A Estrela da
Vida Inteira

Lillian Gish em O Vento
(The Wind, 1927).
Hoje, aos 91 anos de idade,
ela é atriz em The
Whales of August, 1987

Invista em Qualidade: Fitas e Vídeo Sony Betamax



Produtoras de Fitas em Betamax



TRANSVIDEO LTDA.
Rua Tabapuã, 594 - 5º andar
Fone: (011) 881-7299



AMERICA VIDEO FILMES LTDA.
Avenida Pacaembu, 1702
Fones: (011) 864-9111
(031) 222-3691
(021) 240-5686



VÍDEO INTERAMERICANA
Rua da Lapa, 120 - 3º andar
Fones: (021) 222-9337/222-2725



CIC VIDEO
Rua Oscar Freire, 379 - Cj. 52 e 81
Fones: (011) 282-3699
(021) 220-6211



ONIX VIDEO INTERNACIONAL
Rua do Triunfo, 134 - 4º andar
Fones: (011) 223-9142/221-1340



W.R. FILMES
Largo do Paissandú, 132
4º andar
Fones: (011) 223-7730
(021) 220-6039



EVEREST VIDEO DO BRASIL
Rua Stela, 515 - Bloco E
Cj. 142 - 14º andar
Fone: (011) 549-8388



HIPERVIDEO
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1857
10º andar - Cj. 1001
Fone: (011) 814-8971
(021) 533-2233



VÍDEO MACHINE
Rua Bueno de Andrade, 467
Fones: (011) 278-2447/278-5408



POLEVÍDEO
Rua dos Andradas, 241
Fone: (011) 220-5022



VÍDEO BAN
Rua Radantes, 13
Fones: (011) 211-3011/844-0720



DRAGÃO VIDEO
Praça XV, 38-A sala 21
Fone: (021) 242-4956



BRAZIL HOME VIDEO
Rua Stela, 515 - Bloco C Cj. 92
Fone: (011) 570-4554



**VÍDEOCASSETTE DO BRASIL
FREE VISION**
Rua Prof. Arthur Ramos, 241 S/L
Fone: (011) 210-4877



MEGA VIDEO PRODUÇÕES
Rua Alfonso Brás, 628
Fone: (011) 241-9399



PHOENIX HOME VIDEO
Rua Moraes de Barros, 653
11º andar - Fones: (011) 570-3675
572-7630



ABRIL VIDEO
Rua Corope, 186
Fones: (011) 285-1276/288-8242



VÍDEO CASSETTE X-RATED FILM
R. Tabapuã, 479 - 9º andar
sala 92 - Fone: (011) 64-4696



VÍDEO ROOM SERVICE
Rua Moraes de Barros, 653
Fone: (011) 543-3624



MASTER VISION
Rua Itacolomi, 445
Fone: (011) 257-8000



LOOK VIDEO
Av. dos Imarés, 776
Fone: (011) 240-8366



GLOBOVIDEO
Rua Estados Unidos, 650
Fone: (011) 885-9382



CENTURY VIDEO LOCAÇÃO
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1857
10º and. - Cj. 1009
Fone: (011) 212-6533



VÍDEO TAPE
Av. Brig. Luiz Antonio, 1.404
8º andar - Cj. 806
Fone: (011) 575-4595



DIF PRODUTORA E DISTRIB.
Rua Paraíso, 694
Fone: (011) 289-9655



TAIPAN VIDEO
Rua Cardeal Arco Verde, 2987
Fones: (011) 814-4076/212-4973



VMW VIDEO LTDA.
Av. Brig. Luiz Antonio, 1404
2º S/L
Fones: (011) 284-6539/289-0776
e 287-6485

SIDEWALK

SUMMER 88



TAKE A WALK ON THE WILD SIDE

**MADE
TO FADE**

BERMUDAS
POLOS MEIAS
CAMISETAS

WALABEE SHOES

8 CORES • MASC./FEM.



STYLING: FRANK MURPHY / MARIO SCAVONE